UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

GISELLE RODRIGUES RIBEIRO

**Flagrantes de cotidianos periféricos na literatura contemporânea de Brasil e
Cabo Verde**

São Paulo

2015

GISELLE RODRIGUES RIBEIRO

**Flagrantes de cotidianos periféricos na literatura contemporânea de Brasil e
Cabo Verde**

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Versão corrigida, de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

São Paulo

2015

GISELLE RODRIGUES RIBEIRO

**Flagrantes de cotidianos periféricos na literatura contemporânea de Brasil e
Cabo Verde**

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Mário César Lugarinho

Versão corrigida, de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011. A versão original deste trabalho também se encontra disponível na Biblioteca Florestan Fernandes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD).

São Paulo

2015

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade da autora e com a anuência de seu orientador.

Assinatura da autora

Assinatura do orientador

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484f Ribeiro, Giselle Rodrigues
 Flagrantes de cotidianos periféricos na
 literatura contemporânea de Brasil e Cabo Verde /
 Giselle Rodrigues Ribeiro ; orientador Mário César
 Lugarinho. - São Paulo, 2015.
 145 f.

 Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
 de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de
 Língua Portuguesa.

 1. Literatura Comparada. 2. Literatura
 Brasileira. 3. Literatura Caboverdiana. I.
 Lugarinho, Mário César, orient. II. Título.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues.

Flagrantes de cotidianos periféricos na literatura contemporânea de Brasil e Cabo Verde.

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado em 20 de outubro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Mário César Lugarinho – FFLCH-USP

Professor Doutor Genivaldo Rodrigues Sobrinho – UNEMAT

Professor Doutor Jorge Vicente Valentim – UFSCar

Professora Doutora Rejane Vecchia da Rocha e Silva – FFLCH-USP

Professora Doutora Simone Caputo Gomes – FFLCH-USP

Dedico este trabalho...

... ao Domingos, meu amor, que esteve ao meu lado durante todo o meu percurso de pesquisa e escrita nesses últimos anos, a quem eu agradeço pelos gestos de companheirismo e de carinho com que nutre os meus dias, pelos saberes que trocamos e pelos que juntos construímos, por todo o apoio que me oferece, em suma, por enriquecer a minha vida.

... à minha irmã, Letícia, que encontra motivação para estar sempre em atividade, mesmo quando não encontra apoio, empenhando-se consideravelmente no que faz.

... à Tininha, que preencheu com lindeza muitos dos meus dias, *in memoriam*.

... à Wynghpal, cuja bondade e perseverança me inspiram.

... a meus pais.

... e a todos os professores que tive que contribuíram espontânea e/ou significativamente para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Às forças divinas e da natureza que me fortaleceram, permitindo-me completar o curso de doutorado em Letras.

Ao professor Mário César Lugarinho, meu orientador nessa empreitada.

Às professoras Simone Caputo Gomes e Rejane Vecchia da Rocha e Silva, que muito me ensinaram quando acompanhei disciplinas que ministraram durante o curso, e que contribuíram para o aprimoramento do meu trabalho com as sugestões que me forneceram na ocasião do meu exame de qualificação.

Aos professores Genivaldo Rodrigues Sobrinho e Jorge Vicente Valentim, por aceitarem participar deste meu processo formativo, oferecendo-me sugestões válidas para o aperfeiçoamento da pesquisa que deu ensejo à elaboração desta tese, em um percurso que continuará gerando frutos após a defesa do trabalho em questão. Ao Genivaldo, em especial, por ter sido uma boa referência enquanto fomos colegas de pós-graduação.

Ao professor Romain Bragard, por ter aberto a sua disciplina para mim, a fim de que eu pudesse realizar, sob sua supervisão, o Estágio Supervisionado em Docência, requerido pela CAPES aos alunos bolsistas de doutorado, no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE). E ao professor Pedro de Niemeyer Cesarino, que, reconhecendo a minha necessidade de realizar o estágio em questão, me indicou Romain e sua disciplina, isto em um momento em que eu já tinha encontrado inúmeras portas fechadas.

Aos professores Jovita Maria Gerheim Noronha e Emerson da Cruz Inácio, que, ao lado dos professores Mário, Rejane e Simone, participaram do processo que me direcionou à conquista do título de Mestre em Letras, parada do meu trajeto até aqui.

Ao escritor Evel Rocha, pelo acompanhamento silencioso que fez da minha pesquisa e pela entrevista que me concedeu.

À Érica Antunes Pereira, pelos livros compartilhados.

À Emanuelle Santos, por fazer para mim a compra de livros que estiveram geograficamente longe do meu alcance.

À Carina Lucinda Borrego, pela significativa ajuda que me prestou quando da versão do resumo deste trabalho para o inglês. E à Elena Como, por burilar a versão do *abstract* sobre o qual Carina e eu já havíamos trabalhado, com isto garantindo sua exatidão.

À Luana Barossi, que fortalece, com a autenticidade de sua produção acadêmica, o entendimento de não precisarmos abandonar o que somos ou o que queremos bem para construirmos a voz autoral tão necessária a fim de nos distinguirmos no oceano dos estudos literários.

À FFLCH, em especial aos funcionários do setor de administração do departamento e do Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa.

A todos os educadores que ousam lançar seus olhares para dentro e para além dos muros dos espaços em que interagem com seus alunos, contribuindo para a formação profissional deles, mas, também, para a sua formação pessoal sempre que os incentivam a aderir ao projeto global e contínuo de se tornar um cidadão do mundo.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos que me concedeu.

*O cotidiano será, um dia ou outro, a escola da
desalienação.*

Milton Santos

RESUMO

RIBEIRO, G. R. **Flagrantes de cotidianos periféricos na literatura contemporânea de Brasil e Cabo Verde**. São Paulo, 2015. 145 p. (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Abordamos os romances **Guia afetivo da periferia**, do escritor brasileiro Marcus Vinícius Faustini, e **Marginais**, do escritor cabo-verdiano Evel Rocha, com o interesse de estudar seus protagonistas, personagens pobres que vivem em zonas urbanas. Motivou-nos o interesse de entender como estão representadas e, por isso, tratamos de investigar suas experiências cotidianas, a partir do que pudemos identificar algumas de suas características e atitudes. Essa investigação teve como suporte teórico textos que defendem a importância de uma hermenêutica do cotidiano, recomendando a sua realização como uma forma de se potencializar a documentação de experiências de vidas anônimas e de demandas sociais legítimas, mas escondidas para a conveniência dos grupos hegemônicos. Essa hermenêutica se baseia na compreensão de que aquilo que se vive informalmente deve ser entendido como uma alavanca para o conhecimento humano. Analisamos cinco unidades temáticas mínimas que se evidenciaram comuns aos romances: vida, morte, doença, trabalho e território. Constatamos que a forma como os dois textos retratam a vida na periferia são complementares, não obstante, individualmente, privilegiem visões unívocas da realidade social que retratam. Também constatamos que os romances tanto inovam na abordagem de alguns temas, como o combate à tuberculose e a opção pelo autoemprego, como, de algum modo, ratificam posições que cerceiam os seres humanos, como quando atrelam a noção de decência ao fato de se estar ou não empregado e a pobreza à criminalidade.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Literatura cabo-verdiana. Hermenêutica do cotidiano. Realidades periféricas.

ABSTRACT

RIBEIRO, G. R. **Scenes of inner-city everyday life in contemporary Brazilian and Cape Verdean literatures.** São Paulo, 2015. 145 p. (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

We have addressed the novels **Guia afetivo da periferia**, by the Brazilian writer Marcus Vinícius Faustini, and **Marginais**, by the Cape Verdean writer Evel Rocha, in order to study their protagonists, characters that live in poverty in urban areas. Our motivation was the need to understand how they are portrayed. We therefore delved into the investigation of their daily experiences, and from that we were able to identify some of their characteristics and attitudes. The investigation was based on theoretical texts that defend the importance of a hermeneutic of everyday life, pointing to it as a way of optimizing the recording of anonymous life experiences and legitimate social demands that are hidden at the hegemonic groups' convenience. Such hermeneutic is based on the understanding that informal life experiences should be understood as leveraging human knowledge. We have analyzed five motifs that proved to be common to both novels: life, death, disease, work and territory. We found that the way both texts portray life in the inner cities are complementary, although, individually, they emphasize one-sided visions of the social reality they portray. We have also found that the novels innovate in the way they address some themes, such as the fight against tuberculosis and the option for self-employment, and at the same time somehow ratify positions that restrain human beings, for example when they link the notion of decency to having or not employment contract and poverty to criminality.

Keywords: Brazilian literature. Cape Verdean literature. Hermeneutics of everyday life. Inner city realities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ITEM	DESCRIÇÃO	PÁGINA
FIGURA 1	Mapa dos bairros da cidade do Rio de Janeiro-RJ	107

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

GAP	Guia Afetivo da Periferia
M	Marginais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICIEG	Instituto Cabo-verdiano para Igualdade e Equidade de Gênero
INE	Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1	POR UMA HEURÍSTICA DO COTIDIANO	20
2	“O TEMPO É O QUE DELE FAZEMOS E O ESPAÇO É O LUGAR PRATICADO”	53
2.1	APRESENTAÇÃO DOS ROMANCES E DE SEUS NARRADORES ..	53
2.2	O TEMPO NOS ROMANCES	61
2.2.1	Os motivos da vida, da morte e da doença	61
2.2.2	O motivo do trabalho	75
2.3	O ESPAÇO NOS ROMANCES	105
2.3.1	O motivo do território	105
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	124
A	APÊNDICE	136
A.1	PERFIL	136
A.2	ENTREVISTA	139

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivemos um tempo em que os autores pobres dificilmente conseguem ter seus romances publicados por editoras brasileiras prestigiadas. Como um grupo social, os pobres também surgem sub-representados nos romances por elas publicados no período que se estende de 1990 a 2004 (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14-5). Dalcastagnè (2008, p. 93; 2005, p. 15) identificou que eles compreendem menos de 25% do total de personagens dessas publicações, constatando, além disso, que, ao lado das personagens negras, distinguem-se por estarem quase completamente ausentes no *corpus* da pesquisa que realizou.

Diante de descobertas como essas, torna-se possível aventar que parte significativa da literatura brasileira contemporânea – aquela composta por romances publicados por instâncias mais reconhecidas, ao menos – não está se fundando na pluralidade de perspectivas que poderíamos requerer de uma forma de representação artística que têm legitimidade social e à qual recorreremos, por exemplo, para termos a oportunidade de nos (re)conhecermos ou de (re)conhecermos aos outros.

Acontece que, quando a literatura se abstém de representar um grupo social, seja ele qual for, ela lhe obstaculiza, de algum modo, a fruição de um processo por que todos buscamos, em maior ou menor grau: trata-se do processo de legitimação de nossas identidades – mesmo que as concebamos como multifacetadas e cambiantes.

Saber que a presença de personagens pobres no romance brasileiro contemporâneo é limitada nos faz imaginar que seu estudo crítico também padeça de certa carência quantitativa quando comparado com outros eixos de estudos realizados, no país, no campo dos estudos literários. E o reconhecimento de que os pobres, no Brasil, compõem uma porção substantiva da população nacional¹ nos faz

¹ O Censo de 2010 apontou que, dos brasileiros com 10 anos ou mais economicamente ativos, 53.104.874 não tem nenhum rendimento; 44.991.563 ganham até 1 salário mínimo; 32.934.535 ganham entre 1 e 2 salários mínimos; 11.367.350 ganham entre 2 a 3 salários mínimos; 9.202.384 ganham entre 3 a 5 salários mínimos; 6.674.038 ganham entre 5 a 10 salários mínimos; 2.493.924 ganham entre 10 até 20 salários mínimos; e 1.212.631 ganham mais de 20 salários mínimos, de um total de 161.981.229 pessoas. Isto significa que enquanto 2,28% da população economicamente ativa (PEA) do país recebia mais do que 10 salários mínimos por mês, 48,1% dela auferia apenas até 2 salários mínimos pelo mesmo período de tempo trabalhado e 32,78% dos indivíduos desse grupo não tinham qualquer rendimento. Lembrando que o rendimento nominal mensal de uma pessoa é a “soma dos rendimentos (do trabalho e outras fontes) que uma pessoa de 10 anos ou mais de idade

acreditar que análises que lhes toquem de perto, sejam elas qualitativas, sejam quantitativas, fazem-se igualmente necessárias para que venhamos a conhecer mais sobre aquilo que somos enquanto nação. É para isto que gostaríamos de contribuir com este trabalho embora saibamos que o âmbito da representação é apenas um daqueles de que podemos partir para virmos a abordar a questão do relacionamento que a literatura nacional mantém com as classes sociais mais baixas².

Taylor (2005, p. 32) acreditava que a “superioridade do mundo da arte precisa ser desafiada não apenas por não conseguir se justificar, mas principalmente porque é parte integral da opressão social infligida à maioria das pessoas”. No que nos diz respeito, acreditamos que um romance merece ser entendido como um “dispositivo estratégico de ação cultural” (HOLLANDA, [2008?], p. 5) que pode mais do que instruir e, em alguns casos, excluir. É certo que pode, inclusive, configurar-se como um artefato com “potencial de empoderamento, [de] geração de autoestima e [de] inclusão social” (HOLLANDA, [2008?], p. 2). Isto sobretudo por meio de textos que interpelam a sociedade ou que a convidam para um diálogo crítico.

Devemos ressaltar que, quando nos referimos a personagens pobres, estamos falando daquelas que têm sua existência marcada por significativa restrição financeira. Se, no romance brasileiro contemporâneo, elas são escassas, ocupando, especialmente, posições secundárias (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18), é provável que um pesquisador que as investigue tenha que se ater, por um lado, aos significados

recebeu no período de um mês”. Já a expressão “população economicamente ativa” se refere às pessoas de 10 a 65 anos de idade “classificadas como ocupadas ou como desocupadas na semana de referência da pesquisa”. Os valores referentes às classes de rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade economicamente ativas podem ser encontrados aqui: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>>. O conceito de “população economicamente ativa”, aqui: <<http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>. E a definição de rendimento nominal mensal, aqui: <<http://7a12.ibge.gov.br/voce-sabia/vocabulario/1575-rendimento-nominal-mensal>>. Acessos em: 02 ago. 2015.

² A representatividade é uma questão relevante por si só, acreditamos, mas, ao considerá-la, não podemos perder de vista de que não se trata de um fenômeno isolado. É necessário que levemos em consideração, por exemplo, que o vínculo frouxo que os romances contemporâneos mantêm com a população de baixa renda expõe não só o quanto o campo literário pode ser excludente. Ele escancara, igualmente, o quanto nossa sociedade está cindida, jogando luz sobre a nossa dificuldade em lidar com as manifestações culturais daqueles que vivem às margens. Isto fica claro, por exemplo, quando restringimos a abordagem da democratização da literatura à perspectiva do consumo, secundarizando aquilo que diz respeito à sua produção (ver DALCASTAGNÈ, 2005, p. 18). Como “a representação não dispensa a necessidade da presença do outro, não elimina a exigência da democratização do fazer literário” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 66), reconhecemos e defendemos que a questão da autorrepresentação literária dos grupos marginalizados também precisa ser discutida com seriedade.

que emergem de sua ausência e, por outro, à restrita caracterização que apresentam. Em um caso como no outro, a apreciação não é simples, mas pode ser facilitada com um bom suporte teórico-metodológico que se adota para nortear o processo.

O referencial que elegemos, para tanto, identifica-se com a ideia de se trabalhar por uma heurística do cotidiano, heurística que deve se desenvolver tendo por base uma abordagem progressiva da realidade social que se realiza *pari passu* com um processo hermenêutico do cotidiano. O respeito à vagarosidade e ao detalhismo é necessário para conseguirmos vislumbrar os múltiplos recônditos da cotidianidade com atenção, nutrindo-nos, assim, com dados que facilitarão o nosso conhecimento de experiências de vida e o nosso acesso aos papéis informais desempenhados por aquele(s) que estivermos estudando. É com cautela e certa dose de obstinação que chegaremos a reconhecer suas peculiaridades, um movimento primordial no projeto de contribuir para a sua visibilização.

A decisão de investigar o domínio da cotidianidade deriva, também, do fato de o cotidiano ser afetado por um tipo de preconceito semelhante, em essência, àquele que muitos têm em relação aos pobres. Acontece que, em face deles, tendemos a nos posicionar como se lhes conhecêssemos o caráter, como se soubéssemos tudo a seu respeito. E isto mesmo quando não os observamos com cuidado e genuíno interesse. Esquecemo-nos, nesses casos, de que a barreira criada pelo preconceito apenas atrapalha o processo de divisamento das facetas reais de um e de outro.

Feitas essas considerações, faz-se oportuno esclarecer que analisaremos o cotidiano de personagens pobres em dois romances contemporâneos, um da literatura brasileira e outro da literatura cabo-verdiana. Trata-se, especificamente, dos romances **Guia Afetivo da Periferia** e **Marginais**. O primeiro foi escrito pelo carioca Marcus Vinícius Faustini, tendo sido publicado, em 2009, pela editora Aeroplano. O segundo é uma obra independente, lançada, por Evel Rocha, em 2010. Rocha nasceu na Ilha do Sal e publicou o romance com o apoio da ASA – Aeroportos Segurança Aérea, uma empresa cabo-verdiana privada.

Nosso corpus será composto por passagens desses dois textos, com prerrogativa para aquelas que dizem respeito a experiências de vida de Marcus Vinícius e de Sérgio Pitboy, personagens cuja análise priorizaremos pela riqueza de detalhes que as narrativas que protagonizam nos oferecem. Não nos privaremos,

contudo, de aludir a personagens secundárias dos romances quando isto se fizer oportuno para a análise que desejamos apresentar.

Importa enfatizar que consideraremos essas personagens dentro de uma perspectiva espaciotemporal. Nosso objetivo é inteirarmo-nos de suas experiências cotidianas para flagrar os rumos que tomam, como se posicionam e como reagem àquilo que lhes afeta. Faremos isto, considerando cinco âmbitos, definidos a partir de unidades temáticas mínimas que os textos apresentam em comum. Referimo-nos aos motivos da vida, da morte, da doença e do trabalho, analisados em conexão com o eixo do tempo, e ao motivo do território, examinados a partir da perspectiva espacial.

Optamos por um estudo comparado, por entender que o cotejo da realidade literária brasileira com outra poderia nos auxiliar a levantar mais questões e, quem sabe, a encontrar mais respostas sobre a realidade social daqueles que vivem na periferia. Espaço que pode ser reduzido ao âmbito geográfico, mas que entendemos como sendo possuidor de um sentido de rebaixamento, de desprestígio social. Trata-se, portanto, de um termo conotado que se relaciona com uma noção de carência, sobretudo aquela decorrente de privação financeira. É, pelo menos, com este sentido que o empregamos neste trabalho.

Por mais que o setor midiático que se opõe ao país pretenda nos fazer crer que o Brasil é um país desajustado, fadado ao insucesso, o fato é que a desigualdade social, de que resultam a pobreza, a miséria e marginalizações, não é uma prerrogativa nacional. Nesse sentido, haveria inúmeras realidades periféricas com que poderíamos cotejar a realidade brasileira, em uma incursão a partir da literatura. E, se escolhemos a cabo-verdiana, é porque existem razões de ser.

Cabo Verde é um país com quem partilhamos o histórico de colonização pelos portugueses. Foi um entreposto de onde veio parte significativa dos homens e mulheres africanos escravizados e trazidos à força para o Brasil. Com ele, compartilhamos a língua portuguesa enquanto idioma oficial. Estamos próximos no que tange ao nível de desenvolvimento que atingimos segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano, elaborado anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que afere questões relacionadas com renda, saúde e educação. Estamos no grupo daqueles cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é tido como alto. Cabo Verde, por outro lado, está dentre aqueles cujo IDH é tido como

médio, mas é a nação africana de melhor desempenho dentre aquelas de língua oficial portuguesa, com quem temos laços históricos e culturais³.

Existem, ainda, associações de cabo-verdianos no Brasil, resultantes de um episódio pontual de emigração de ilhéus, para cá, na década de 1970⁴. Elas são culturalmente engajadas nas comunidades em que estão instaladas (ROSÁRIO, [19--], n. p.). E ainda hoje, cabo-verdianos vêm para cá estudar, amparados por um convênio feito pelos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação com instituições de ensino brasileiras, que os recebem para a realização de cursos de graduação e de pós-graduação⁵. E o fato de Cabo Verde ter uma literatura a pleno vapor⁶, certamente, favorece os nossos planos. Endossa-o, na verdade.

Apresentações feitas, passemos à caracterização do aparato teórico que vai nortear o estudo que faremos. Para termos condições de precisar, de algum modo, o que é o cotidiano e compreendermos como se configura o seu estudo interpretativo, identificando a sua importância, o que pressupõe, como funciona, sugerindo, inclusive, quem tem acesso a um instrumental adequado para bem executá-lo, nos apoiaremos no texto “Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea”, de Maria Odila Leite da Silva Dias, publicado em 1998, e em um livro da autoria de José Machado Pais, intitulado **Sociologia da vida quotidiana**, cuja 5ª edição foi lançada em 2012. Exporemos as ideias de Dias primeiramente, para, em seguida, referirmo-nos às de Pais, comparando-as sempre que isto se mostrar oportuno para o alcance do objetivo que estabelecemos para este trabalho, o de analisar experiências de vida de personagens pobres.

³ Os Relatórios de Desenvolvimento Humano Globais, que trazem à público o IDH, estão disponíveis aqui: http://pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais. Acesso em: 02 ago. 2015.

⁴ “Os caboverdianos no Brasil espalharam-se por várias estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco e Bahia.” (ROSÁRIO, [19--], n. p.).

⁵ Aos interessados em conhecer mais a respeito do vínculo existente entre Brasil e Cabo Verde, recomendamos a leitura do livro **Das relações históricas Cabo Verde/Brasil**, de Daniel A. Pereira, publicado em 2011, pela Fundação Alexandre Gusmão. Encontra-se disponível aqui: <http://www10.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2012/10562.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2015.

⁶ Àqueles que desejam conhecer a literatura de Cabo Verde, recomendamos a leitura da antologia **Literatura Cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa**, organizada por Simone Caputo Gomes e Érica Antunes Pereira. Recomendamos, também, a consulta às seguintes coletâneas de textos críticos: **Cabo Verde: Literatura em chão de cultura**, de Simone Caputo Gomes, e **Literatura Cabo-verdiana: leituras universitárias**, organizado por Simone Caputo Gomes, Antônio Aparecido Mantovani e Érica Antunes Pereira. A especificação completa dos livros pode ser encontrada na seção de referências.

A título de caracterização dos textos teóricos referidos, cumpre dizer que Dias (1998) propõe uma hermenêutica do cotidiano, tendo como pano de fundo uma perspectiva que parte da História e da consideração do papel que o historiador pode ter na investigação e na documentação de demandas sociais. Já Pais (2012) aposta em um estudo das situações de interação humana, feito em conexão com as estruturas sociais onde elas se desenrolam, que seja metodologicamente desenvolvido por meio do escopo de uma sociologia qualitativa da vida quotidiana, no seu entendimento um ramo da ciência apto a tomar o cotidiano como uma “alavanca do conhecimento” (p.18).

No que concerne aos romances que vamos analisar, cabe dizer que já existem alguns trabalhos publicados sobre eles. O **Guia afetivo da periferia**, despertou abordagens diferenciadas, como aquela feita por Leila Lehen no texto “Cartographies of hope: Charting empowerment in Guia afetivo da periferia” (2013)⁷, em que questões como cidadania, direitos civis e agência são discutidas. Vinicius Mariano de Carvalho, no artigo “Escrevendo-se na cidade: Exu e o **Guia afetivo da periferia**, de Marcus Vinicius Faustini” (2015), examina o modo performático como o narrador se relaciona com a cidade em que vive, inspirando-se na mitologia das religiões africanas para interpretá-lo. Já Gabriel Estides Delgado valoriza o texto enquanto autobiografia de Faustini. No artigo “Marcus Vinicius Faustini e a produção literária da biografia” (2013), parte do conceito de *mimesis* para discorrer sobre o que entende ser “uma ressignificação da experiência juvenil na periferia de uma grande cidade brasileira” (DELGADO, 2013, p. 36), a saber, o Rio de Janeiro.

Marginais, por sua vez, é matéria de uma resenha feita por Mário César Lugarinho, um texto que enfoca a conexão do protagonista com o espaço onde vive, evidenciando, ainda, a compreensão de que o marcador de gênero, no romance, apresenta-se como um “recurso possível para a individuação” das personagens (LUGARINHO, 2012, p. 221). Emerson da Cruz Inácio, no artigo “Marginalidade, corpo, subalternidade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem” (2012), parte de **Marginais** e de um conto brasileiro para discorrer sobre a representatividade discursiva do corpo e sobre como a escrita pode ter significados diferentes mesmo para personagens que têm em comum o fato de estarem circunscritas à periferia de

⁷ “Cartografias da esperança: mapeando o empoderamento no “Guia afetivo da periferia” seria a tradução livre do título do artigo de Leila Lehen.

suas sociedades. Já Érica Antunes Pereira, no artigo “De ‘capitães’ e ‘pitboys’: cartografias da marginalidade nas obras **Capitães da Areia**, do brasileiro Jorge Amado, e **Marginais**, do cabo-verdiano Evel Rocha” (2012), atenta-se à forma como os temas da violência e da marginalidade são desenvolvidos nos romances. Para tanto, ela estuda o perfil de personagens crianças e adolescentes e os contextos sociais em que estão inseridas.

O trabalho que vamos desenvolver, se aproxima, pela perspectiva comparatista e por relacionar um texto da literatura brasileira com outro da literatura cabo-verdiana, das abordagens feitas por Inácio e Pereira. Do mais, podemos dizer que procuraremos manter um diálogo com os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, liderado por Regina Dalcastagnè, professora e pesquisadora na Universidade de Brasília, e no do Grupo de Estudos Cabo-verdianos: literatura e cultura, liderado por Simone Caputo Gomes, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo. Ambos os grupos de pesquisa são ativos, realizam trabalhos bem embasados e seminais, oferecendo, portanto, um rico parâmetro de produção científica para um trabalho como o nosso.

No que diz respeito à estrutura desta tese, cumpre indicar que seu primeiro capítulo se direciona à abordagem teórica do cotidiano, embasada pelos textos de Dias (1998) e Pais (2012), como esclarecemos. Já seu segundo capítulo diz respeito à análise que fazemos dos romances **Guia afetivo da periferia** e **Marginais**. Trata-se de um estudo que se manifesta enquanto apreciação dos motivos vida, morte, doença, trabalho e território, uma vez que eles revelam muito do modo como os protagonistas de cada livro, Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy respectivamente, conduzem suas vidas nas periferias urbanas em que habitam e por onde circulam.

Por fim, uma observação técnica concernente a aspectos ortográficos que afetam a redação deste trabalho: apesar de as palavras cotidiano e quotidiano serem ambas dicionarizadas, buscando a uniformização de nosso registro, ao longo deste trabalho, daremos preferência para o termo grafado com a letra C. Nem tanto por constituir a forma de registro mais antiga, etimologicamente falando, conforme assinalado no **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**⁸, mas porque ele é mais

⁸ Uma consulta ao Houaiss nos faculta descobrir que o termo *cotidiano* data do século XIII, que *quotidiano* é referido como existente desde o século XVII e que as duas palavras devem ser consideradas sinônimos.

frequente no registro do português brasileiro, sendo-nos, como tal, mais familiar. Precisamos, contudo, fazer uma ressalva: sempre que citarmos um excerto de um texto em que a grafia com QU- seja aquela que se faz presente, respeitaremos a redação do texto de origem, reproduzindo-a em nosso próprio trabalho. O mesmo se aplica ao registro de qualquer outra expressão proveniente de um texto redigido em português europeu cuja grafia, em português brasileiro, seja diferente.

1 POR UMA HEURÍSTICA DO COTIDIANO

Existem alguns fatores que tornam a determinação ou a inferência de sentidos sobre a vida cotidiana humana uma tarefa difícil. Para além de o cotidiano ser um componente multifacetado de nossa realidade social, no senso comum, ele carrega a pecha da banalidade, a qual se sustenta na própria dicionarização do termo, enquanto adjetivo, por dicionários da língua portuguesa, como se pode notar a partir de uma consulta ao brasileiro **Houaiss** e ao português **Priberam**⁹.

Por mais que a centralidade de nossa discussão recaia sobre o conjunto de nossas práticas e gestos de todos os dias, o que nos remete, mais diretamente, à expressão cotidiano enquanto substantivo, o fato é que as várias faces de uma mesma palavra tendem a se comunicar, a se contaminar. E o próprio sentido de rotina carregado pela forma nominal do vocábulo cotidiano é igualmente responsável por correlacioná-lo a uma ideia de habitualidade, de indistinção, o que, de uma forma geral, não contribui para o prestígio daquilo que designa enquanto expressão de uma realidade social, já que parece ser da natureza humana admirar mais o atípico do que o costumeiro. Não sendo, logo, estranho, que Henri Lefebvre refira como sendo uma meta do estudo da vida cotidiana “alcançar o *extraordinário* do *ordinário*” (LEFEBVRE, 1980, p. 51).

Pois é consciente dos percalços que podemos enfrentar ao nos lançarmos a uma interpretação da vida cotidiana que Maria Odila Leite da Silva Dias, ao propor uma hermenêutica do cotidiano, aproveita-se para se amparar em algumas visões já reconhecidas sobre o tema, no percurso de consolidação do seu próprio raciocínio. Nesse processo, a historiadora evoca Walter Benjamin (1983 apud DIAS, 1998), para quem o real sentido da cultura se evidencia no particular, e não na totalidade. Refere

⁹ O verbete “cotidiano”, no **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, aparece registrado assim: “Adjetivo: 1) que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário. 2) Derivação: por extensão de sentido: que é comum; banal. 3) Que aparece ou se publica diariamente (diz-se de publicação). Ex.: *jornal cotidiano*. Substantivo masculino: 4) o que se passa todos os dias; o que é comum. 5) Conjunto de ações, geralmente pequenas, realizadas por alguém todos os dias de modo sucessivo e contínuo; dia a dia. Ex.: *seu cotidiano era agitado em função dos filhos*.”. E no **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, deste modo: “Cotidiano, adjetivo, substantivo masculino, co-ti-di-a-no (latim *cottidianus*, -a, -um): adjetivo: 1) de todos os dias; que acontece diariamente. = DIÁRIO. 2) Que é muito comum ou banal. Substantivo masculino: 3) conjunto das ações praticadas todos os dias e que constituem uma rotina. = DIA-A-DIA. 4) O que acontece todos os dias.”. Notar que o dicionário Priberam, da mesma forma que o Houaiss, identifica os termos “cotidiano” e “quotidiano” como sendo sinônimos.

Pierre Bourdieu (1980 apud DIAS, 1998), para quem estudar o cotidiano significa levar em consideração os conhecimentos e as práticas dos agentes sociais. Cita Michel de Certeau (1975 apud DIAS, 1998), que compreende que estudar o dia a dia humano é esquadrihar práticas de sobrevivência no cotidiano, as quais, alicerçando-se como táticas e subterfúgios, devem ser reconhecidas como fontes de resistência. Acolhendo, ainda, o entendimento de Gianni Vattimo (1992 apud DIAS, 1998), que identifica a remanescência de modos de vida que perduram depois de um amplo processo de contaminação pelo Ocidente, acreditando que cabe a antropólogos e a historiadores, por exemplo, no tempo presente, encorajar uma hermenêutica do cotidiano que propicie a visibilização das diferenças e que se ocupe de traduzir uma cultura para a outra¹⁰, como forma de recuperar manifestações de vida e de sociabilidade que foram se perdendo “em meio a um processo tecnológico avassalador de re-europeização do mundo” (DIAS, 1998, p. 226)¹¹.

Depois de conhecer e abstrair o que os teóricos mencionados pensam sobre o estudo da realidade cotidiana, Dias (1998) firma a sua percepção de que compete a uma hermenêutica do cotidiano apreender as “experiências de vida no seu curso temporal” (p. 250), captando o sentido de particularidades significativas dos papéis informais que assumimos, mediante a sua focalização e iluminação. Para ela, trata-se de “trabalhar a inserção de sujeitos históricos concretos, homens e mulheres, no contexto mais amplo da sociedade” (DIAS, 1998, p. 232), a partir da visibilização de suas histórias e da consequente documentação de suas especificidades. Dias (1998) nos esclarece que isto não leva a uma fragmentação do conhecimento, como o poder hegemônico nos quer fazer crer, assinalando o processo de apreensão das diferenças como algo nocivo. Ao contrário, por meio da adesão a um estudo interpretativo do cotidiano como o que propõe, estaremos nos dedicando à “busca de conhecimentos novos para seres sociais [...] culturalmente diversos” (p. 258), e com isto estaremos

¹⁰ Para uma compreensão do que pode significar um trabalho de tradução de saberes ou de práticas sociais características de uma determinada cultura, sugerimos a leitura dos textos “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, capítulo do livro **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado, organizado por Boaventura de Sousa Santos, e “Santos, a razão cosmopolita”, capítulo da dissertação **Caminhos teóricos para a leitura literária de práticas de resistência subalterna**, de Giselle Rodrigues Ribeiro.

¹¹ Os textos teóricos que Dias considerou, nessa abordagem, foram os seguintes: “Paris: Capitale du XIXe siècle”, de Walter Benjamin, **Le sens pratique**, de Pierre Bourdieu, **L’ invention du quotidien**, de Michel de Certeau, e **The transparent society**, de Gianni Vattimo. A especificação bibliográfica dos textos se encontra na seção de referências, ao final deste trabalho.

nos tornando mais aptos a reconhecer suas necessidades concretas, sobretudo diante de um sistema cultural cada vez mais massificado e de um processo de urbanização mal controlado.

Importa ressaltar que a hermenêutica do cotidiano, nos termos propostos por Dias (1998), configura-se como um mecanismo interpretativo que pressupõe um relativismo cultural. Este é um fator que repercute de duas formas, pelo menos, na configuração da atuação daquele que investiga uma determinada realidade social.

O primeiro âmbito dessa interferência alude aos regimes de verdade¹² que se aceita. Segundo a historiadora, para se bem interpretar a vida quotidiana, é necessário admitir a existência de “nuanças de verdade”, isto é, cumpre saber lidar com “uma tradução aproximativa, em lugar de descrições ou explicações definitivas” (DIAS, 1998, p. 233). Isto porque grupos diferentes, por mais que vivam em uma mesma comunidade, possuem cosmovisões particulares, mesmo que, às vezes, elas se evidenciem mescladas, integradas. Além disso, os valores e os hábitos mudam com o tempo, lentamente, mas inevitavelmente, de modo que o que é verdadeiro para uma geração, pode não o ser para a subsequente, por exemplo. Assim, somente aquele que preserva uma postura de aceite da existência de uma diversidade de significados, cada um deles forjado em um dado momento histórico, é que terá condições de documentar, com mais eficiência, o caráter multifacetado de uma dada sociedade. Em outras palavras, há que saber lidar com “indícios, traços, vestígios” (DIAS, 1998, p. 244) e com a flexibilidade de conceitos.

A outra repercussão do relativismo cultural implicado pela hermenêutica do cotidiano de que fala Dias (1998) sobre o trabalho daquele que pesquisa a cotidianidade diz respeito ao gesto de se conotar como universal atributos da vida social. Atributos como os temas que mais vêm à tona quando se discute a experiência vivida das pessoas. Sejam quais forem eles, a historiadora acredita que não deve haver espaço para o universalismo¹³ nesse debate. Não só porque a conotação

¹² “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; [e] o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.” (FOUCAULT, 1986, p. 12).

¹³ Como sugestão de aprofundamento na discussão em torno da ideia de universalismo e da homogeneização como forma de controle social, sugerimos a leitura do livro **Édouard Glissant: Poética e política**, de Diva Barbaro Damato, e do capítulo “Glissant: ‘Relação’ e ‘Crioulização’ da

universal resulta de um enquadramento ideológico hegemônico, mas, ainda, porque esses temas têm uma historicidade bem definida, cabendo, assim, relativizá-los no tempo. Nas palavras de Dias (1998), aquele que pesquisa o cotidiano, de um modo geral, deve: “focalizar conjunturas específicas, estruturas da vida social, visões ou concepções do mundo relativas a si mesmas e não a planos universais teleológicos do desenvolvimento universal da humanidade” (p. 239).

A hermenêutica do cotidiano proposta por Dias (1998) também pressupõe um exame detalhado e crítico da cultura, para que ela possa ser questionada e revista, quando necessário. Essa é a postura que devemos ter para conseguirmos admitir, por exemplo, a desconstrução das dualidades – consolidadas em dicotomias, como “sujeito-objeto, natureza-cultura, concreto-abstrato” (DIAS, 1998, p. 231) – a ponto de chegarmos a lutar por isso. Até porque as dualidades têm uma historicidade bem definida, além de significarem o sufocamento de muitos potenciais, já que um de seus polos sempre sucumbe, para o alçamento do outro. De fato, é apenas com a dissolução das dualidades ou, mais especificamente, do antagonismo que lhes é inerente, que conseguiremos garantir que haverá espaço para mais tipos de experiências de vida em sociedade.

Também faz parte do processo de revisão crítica da cultura previsto pela hermenêutica do cotidiano não participar da reiteração de papéis normativos e não contribuir para que “as representações e os estereótipos da cultura dominante” (p. 231) vigorem, principalmente sozinhos, ou seja, de modo exclusivo. Com efeito, para Dias (1998), cabe revisar o passado e o presente, com o intuito de se fazer limitar, na medida do possível, a preponderância dos discursos prescritivos, isto é, aqueles relacionados com os domínios da obrigação e da recomendação institucional. O objetivo aqui seria o de valorizar a experiência vivida, com o que ela revela de imprevisto e de transformador, prezando, sobremaneira, “a liberdade do contingencial” (DIAS, 1998, p. 243) e, também, os papéis informais que assumimos.

Como consequência da abertura de horizonte e da flexibilização do discurso normativo¹⁴ que a hermenêutica do cotidiano solicita, Dias (1998) a percebe como

dissertação **Caminhos teóricos para a leitura literária de práticas de resistência subalterna**, de Giselle Rodrigues Ribeiro.

¹⁴ Entendemos as expressões discurso prescritivo e discurso normativo como sendo sinônimas. Ambas fazem referência a uma especificação de comportamentos que passam a ser identificados, socialmente, como corretos ou admissíveis, o que leva à constituição de uma padronização de

sendo desafiadora da “teoria do conhecimento” (p. 231), até pela “adequação dos parâmetros conceituais dos cientistas sociais” (p. 236) que ela requer, por exemplo. Outro componente dessa hermenêutica descrita pela historiadora que reafirma a necessidade de adaptação dos saberes institucionalizados diz respeito à exigência de se abrir espaço para a interferência da subjetividade sobre o fazer científico. Dias (1998) acredita que o pensamento racional, como se tem apresentado, não consegue dar conta da multifacetação do cotidiano e de documentar as necessidades sociais aí latentes. Daí o seu aviso, para aqueles que pesquisam a cotidianidade, do imperativo de lançarem mão de parâmetros não-objetivistas para conseguirem compreender o seu objeto de estudo.

Segundo Dias (1998), o entendimento de uma unidade de sentido ou de um todo significativo proveniente da análise de singularidades do cotidiano é alcançado por meio de um “discernimento subjetivo” (p. 246), utilizado em um procedimento de interpretação em que sujeito e objeto relacionam-se temporalmente, ou melhor, em que eles coexistem em um determinado presente. Apoiemo-nos em suas próprias palavras para captarmos melhor aquilo que defende:

[...] a compreensão é um processo necessariamente incompleto pois nunca pode partir de uma regra geral; adere a circunstâncias que mudam continuamente no tempo e cuja interpretação diz respeito à sensibilidade do intérprete para o jogo dos pormenores e das partes em relação a um todo, sempre parcialmente oculto (DIAS, 1998, p. 249)¹⁵.

Este entendimento do processo de compreensão torna claro que a temporalidade é um fator que determina “o acesso à significação” (DIAS, 1998, p. 246) e, logo, que conhecimento e temporalidade estão irrevogavelmente articulados. Ele nos faz perceber, também, que pensar racional e objetivamente não basta para conseguirmos captar as unidades de sentido que emergem das experiências cotidianas que temos. É necessário incluir nesse processo a intuição e a subjetividade, com as nuances de psiquismo e de emotividade que lhe dizem respeito, tanto quanto o âmbito da cognição, esta, da subjetividade, um componente, para o racionalismo, tudo o que existe. Em suma, pode-se dizer que a hermenêutica de “pormenores significativos” (p. 245) de que fala Dias (1998) exige a “renúncia a pontos de apoio em

práticas sociais a que os seres humanos, ainda mais que os animais, devem se submeter se desejarem, em tese, serem bem aceitos na(s) comunidade(s) de que participam.

¹⁵ Dias apoia-se em Wilhelm Dilthey (1944) para chegar a esta posição.

teorias racionalizantes” (p. 245), para que, desse modo, possamos, também, partir em “busca do indeterminado e do indeterminante” (p. 245).

Ainda pensando no modo como a hermenêutica do cotidiano defendida por Dias (1998) se regula, cumpre dizer que a referência ao comportamento de indivíduos anônimos, que é um elemento da realidade social estudado por aqueles que se interessam pela cotidianidade, se faz na base da consideração das “estratégias” ou das “atitudes” que esses seres assumem. A historiadora justifica a decisão de abandonar o uso da expressão “papéis”, para aludir ao comportamento humano, por julgar que ela não conota tão bem “possibilidades de improvisação de mudanças e de resistência” (DIAS, 1998, p. 257).

A menção às ideias de improviso, de transformação e de oposição a uma situação estabelecida nos levam, de algum modo, às conceituações que se pode ter sobre o cotidiano e sobre as dinâmicas que ele envolve. Em seu texto, Dias (1998) deixa claro que, por alguns, o cotidiano é relacionado apenas com as noções de repetição e de habitualidade, integrando-se, por vezes, a essa esfera de entendimento, ideias sobre lazer, sobre consumo e sobre a preponderância daquilo que diz respeito à cultura dominante. Por outro lado, a historiadora menciona, também, que alguns pensadores contemporâneos têm atrelado o conceito de cotidiano às ideias de ruptura, de transformação, de “possibilidades de novos modos de ser” (DIAS, 1998, p. 226), chegando a oferecer, como exemplo, Michel de Certeau, para quem o cotidiano estaria “sempre em processo de ser re-inventado” (p. 228).

Para Dias (1998), em particular, o cotidiano é marcado por “práticas, costumes, estratégias de sobrevivência” (p. 232) que são ambíguas e fluídas e que são evidenciadas quando optamos por examinar as atividades informais com que nos envolvemos em nosso dia a dia. A historiadora está longe de perceber o cotidiano como algo estático, ao contrário. Para ela, forças transformadoras e, especialmente, “forças de resistência” (DIAS, 1998, p. 252) são elementos protagonistas no tecimento da cotidianidade.

Conforme Dias (1998), um movimento de resistência requer a competência de sociabilização por parte dos indivíduos que se defendem, porque as “articulações intersubjetivas” (p. 253) tornam-se ainda mais necessárias quando nem sempre é possível àqueles que reivindicam condições mínimas para garantir a própria sobrevivência organizarem-se “institucionalmente, por [meio de] um partido ou por

[meio de] uma consciência de classe social” (p. 255). Existe, ainda, outro agravante, segundo a historiadora. Como o “ritual de sobrevivência” (DIAS, 1998, p. 253) dessas pessoas consiste de “movimentos espontâneos de revolta ou de reivindicação” (p. 255) que divergem do sistema de controle social instituído pelo governo do lugar em que vivem, aqueles que ousam resistir são tachados, pelas autoridades, como subversores. Logo, a capacidade de sociabilização mostra-se essencial também porque fomenta, nessas circunstâncias, o sentimento de união entre os reivindicadores.

Nossa adesão a este modo de se compreender os fenômenos de resistência social nos permite concordar com Dias (1998) quando ela reconhece que “a história dos oprimidos não nasceu por um passe de mágicas” (p. 251). De fato, se seus capítulos têm aumentado ou, simplesmente, se mostrado mais densos do que sempre os percebemos, é também, e particularmente, porque alguns cientistas têm se dedicado continuamente a desvendar e a pôr em evidência aquilo que diz respeito à experiência vivida de pessoas comuns, tornando visível, com seu trabalho, características desse grupo que sempre estiveram ocultas ou que foram mesmo omitidas, reiteradamente, pelos grupos sociais que gozam de hegemonia financeira e/ou cultural.

Isto posto, é válido dizer que a documentação das diferenças viabilizada por uma hermenêutica do cotidiano tem condições de contribuir para a “inserção de sujeitos históricos concretos, homens e mulheres, no contexto mais amplo da sociedade [em que vivemos]” (DIAS, 1998, p. 232), assim fazendo frente ao “esquecimento ideológico” (p. 233) de que a maior parte da população mundial tem sido alvo. Efetivamente, sendo essa heurística mais e melhor cultivada, poderemos abrir “caminhos novos no mapa dos nossos conhecimentos” (DIAS, 1998, p. 238), os quais descobriremos usando-nos das coordenadas que a investigação do dia a dia dos seres humanos pode nos oferecer, sobretudo quando superamos “o estudo de representações ideológicas” (p. 244) – e a aceitação delas –, e ignoramos as “exigências homogeneizantes” do poder estabelecido (p. 257), contribuindo, logo, para que se abra espaço para a construção de “pontos de vista plurais” (p. 257), oxalá, capazes de dar conta da multifacetação de nossas comunidades. Em um cenário como o descrito, mesmo aqueles que estão submetidos a estigmas como o do

ostracismo que o *status* de marginal¹⁶ lhes impõe terão oportunidade de se expressar e de dar a conhecer as realidades que experimentam dia após dia, acredita Dias (1998).

A historiadora ainda nos assegura que não precisamos temer a ideia de que o estudo das experiências cotidianas nos imporá um afunilamento limitador de nosso campo de pesquisa. Para Dias (1998, p. 237), focalizar a cotidianidade humana corresponde a lançar “olhares sobre paisagens a perder de vista”. Em seus termos:

A micro-história, embora ofereça contornos bem concretos e delimitados, abre-se para processos sociais bastante amplos. Diz respeito a quase tudo o que se atém às relações entre sujeito e sociedade: relações de gênero, ciclos vitais, condições de vida, estudos de gerações, história das organizações familiares, religiosidades, formação das classes sociais, culturas populares, eruditas, – em movimento, no tempo (DIAS, 1998, p. 237-8).

Com esta declaração, Dias (1998) torna evidente alguns dos elementos do cotidiano que julga poderem ser tomados como objetos de estudo relevantes por quem almeja se dedicar a uma hermenêutica das realidades cotidianas. O que nos anima a indicar outros temas igualmente percebidos por ela como atinentes à cotidianidade: “a construção das subjetividades, os valores e rituais das classes populares”, (p. 238), “a politização do privado” (p. 231), “família, sexualidade, amor romântico” (p. 232), estes, em particular, seriam “temas estratégicos do cotidiano” (p. 232). Ressaltamos que essas são apenas algumas das sugestões explicitamente feitas por Dias (1998), sendo o campo de possibilidades concreto de investigação para

¹⁶ Esta colocação vale mesmo quando é o delinquente a figura marginalizada, já que não devemos perder de vista a pluralidade de significados que o termo marginal apresenta. Basta uma análise do sistema carcerário brasileiro para percebermos que parte considerável dos criminosos aprisionados pagam pelos crimes que cometeram não apenas com a privação de sua liberdade de ir e vir. Isto se aplica de forma acumulada com uma restrição do acesso a direitos básicos para qualquer ser humano, conquistas que não cabem nos presídios superlotados, inclusive por pessoas que aguardam presas por um julgamento bem como por outras cujo tempo de pena já foi cumprido. A título de exemplificação, se considerarmos o direito à educação que a Constituição Federal de 1988 ratifica, também de modo explícito quando se trata de validar o acesso ao estudo para pessoas encarceradas, notaremos que a aplicação da lei se dá de modo muito rarefeito. Segundo a Conectas Direitos Humanos (2013), uma organização não governamental internacional que busca “promover a efetivação dos direitos humanos e do Estado Democrático de Direito, no Sul Global [...]” apenas 5,7% dos presos no Estado de São Paulo assistem a aulas, isto em um universo em que 56% não completaram nem mesmo o Ensino Fundamental, e tendo em vista que o estado encerra 35% da população carcerária do Brasil (dados de 2012 divulgados pelo Ministério da Justiça). Em síntese, pode-se dizer que todo e qualquer marginal têm sufocadas, pelo poder hegemônico, histórias mais ou menos exemplares que dão forma a seu cotidiano e que, na maior parte das vezes, estão encobertas pelo manto da invisibilidade, aguardando para serem descobertas e ouvidas.

os interessados amplamente maior do que aquele referido de modo pontual pela historiadora.

A temas como esses, que fazem parte de nossa vida cotidiana, Dias (1998) chama de “micro-temas ou micro-histórias do social” (p. 256), acreditando que seu estudo, com enfoques renovados, pode nos conduzir ao “re-descobrimento de verdades ou [de] racionalidades parciais novas” (p. 256), com base em que teremos condições de revigorar nosso panorama sociocultural, dando ensejo, inclusive, a longo prazo, a um processo de “redefinição política” (p. 256). O impacto seria tal, conforme ela, pois, efetivamente, é uma tarefa complexa diferenciar “cotidiano e cultura” (p. 238). Para Dias (1998), essas duas esferas estão imbricadas.

Feitas essas considerações, resta mencionar quem estaria mais apto a realizar uma hermenêutica do cotidiano nos termos que apresentamos, aventados por Dias (1998). Para a pesquisadora, historiadores, antropólogos, sociólogos, críticos literários e filósofos teriam boas condições de se lançar a tal empreitada com eficiência. Dias (1998) refere, ainda, a percepção que Walter Benjamin tem sobre o historiador que se mostra disposto a abordar o cotidiano. Este profissional apresentaria características em comum com as de um “colecionador de fragmentos”, com as de um “arqueólogo” e com as de um “detetive”, por exemplo (BENJAMIN, 1983 apud DIAS, 1998, p. 242). Todos esses profissionais capacitados para reconhecer pormenores e interpretá-los.

Independentemente da profissão daquele que decide se aventurar pelos meandros da cotidianidade, é válido ressaltar que esse estudioso precisa de disposição para lidar com verdades parciais ou com “nuanças de verdade” (DIAS, 1998, p. 233), como já mencionamos. Além disso, não é demais referir que esse pesquisador deve estar atento ao micro e ao macro das experiências vividas, pois, como ressaltava Dias (1998), deve trabalhar “a mais não poder a urdidura de interrelações entre o microssocial e sua integração nos panoramas mais globais da cultura” (p. 243).

Finalmente, podemos dizer que se requer desse investigador, também, a capacidade e a disponibilidade de se opor ao *statu quo*. Isto porque

[A] possibilidade de documentar movimentos informais, improvisados, depende muito da intensidade com que se busca indícios fora ou nas entrelinhas dos textos mais consolidados pelo pensamento da repressão ou da ordem dominante (DIAS, 1998, p. 254).

Com efeito – e justamente porque a hermenêutica do cotidiano atende à necessidade de “documentação de especificidades” (DIAS, 1998, p. 258), por meio do que consegue gerar conhecimentos que contemplam seres sociais diversificados social e culturalmente –, muitas das práticas sociais que o estudioso do cotidiano analisará dirão respeito a “sujeitos oprimidos ausentes do curso da história narrada pelas elites” (p. 251), representantes todos das diferenças tão bem sufocadas pela ideologia dominante. Do que se percebe que esse investigador, como crítico da teoria do conhecimento, por exemplo, tem uma postura agregadora, para além de inconformista.

A título de arremate, cumpre dizer que a hermenêutica do cotidiano surge, para Dias (1998), como uma frente de estudos, no âmbito das Humanidades, que solicita a integração de disciplinas acadêmicas variadas, todas elas fomentadoras de uma atuação crítica que viabilize sua abertura à polêmica, ao engajamento e, também, a um potencial vanguardista no que tange à revisão do conhecimento. Já como um instrumento social, esse mecanismo propiciador da apreensão de experiências vividas no tempo, revela-se, à historiadora, como uma metodologia que detém o potencial de recriar, principalmente, no âmbito político, “[...] novos meios de convívio e de reajustamento de valores sociais, étnicos, diferenciados, minoritários, em confronto com o sistema centralizado de massificação, que conhecemos e que nos cerca em nosso dia-a-dia” (p. 257). É isto o que faz com que a hermenêutica do cotidiano seja, então, reconhecida, por Dias (1998), como símbolo de uma “esperança democrática” (p. 257) passível de se manifestar quando as diferenças culturais conseguem (se fazer) prevalecer apesar das forças que atuam contra a sua dispersão e reconhecimento. Está aí uma esperança substancial pela qual se trabalhar.

Passando, agora, à exposição do modo como José Machado Pais (2012) propõe que se aborde o cotidiano, notaremos que suas colocações partem da área da Sociologia. Esse pesquisador defende, especificamente, a realização de uma sociologia da vida cotidiana e reconhece que a abordagem sociológica da realidade social, com enfoque na “vida cotidiana das pessoas” (p. 74), se dá de maneira variada dentro desse campo do saber. Acontece que “sociologia da vida cotidiana” é o nome que se dá a uma reunião de diversas correntes sociológicas, todas elas especializadas no estudo do cotidiano. Porque a cotidianidade é multifacetada, ela pode ser abordada

a partir de posições diferentes e por meio de metodologias diversas, o que, inclusive, permite que o cotidiano seja definido de forma heterogênea (PAIS, 2012, p. 106).

O fato de termos que lidar com certa variabilidade do enfoque científico, não é impedimento para que se possa falar do conjunto de posturas teóricas que se organiza em torno do estudo da cotidianidade. E é isso o que faz Pais (2012), até porque, as correntes sociológicas que estudam a vida cotidiana das pessoas têm muitos pontos em comum.

Para se entender o que é esse pacote de teorias denominado, por Pais (2012), de sociologia da vida cotidiana, é necessário entender que ele vem ocupar um espaço ignorado pelas “sociologias tradicionais” (p. 18). Com efeito, a “atenção sociológica” hegemônica recai sobre os “grandes dispositivos e sistemas sociais” (PAIS, 2012, p. 18). É a sociologia da vida cotidiana que propõe o deslocamento dessa atenção para a esfera dos “espaços da vida cotidiana e dos modos de vida” (PAIS, 2012, p. 18). Desse modo, ela consegue apreender “o fugaz da realidade, a pluralidade infinita de detalhes da vida social que a sociologia tradicional renuncia em captar” (PAIS, 2012, p. 18). Assim, a sociologia da vida cotidiana consegue, inclusive, chamar a atenção para as práticas culturais que dão forma à nossa cotidianidade, as quais, segundo Pais (2012, p. 18), “têm ficado à margem dos discursos sociológicos dominantes”.

Conforme o economista, a sociologia da vida cotidiana consiste de uma metodologia de “aproximação do social” (PAIS, 2012, p. 29). Efetivamente, pode-se falar de uma perspectiva metodológica que percebe o cotidiano como uma “alavanca do conhecimento” (PAIS, 2012, p. 18). Ao procurarmos entender o significado de “perspectiva metodológica”, deveremos pensar em estratégias de pesquisa que nos permitem alcançar um determinado objetivo. No caso em questão, ou seja, por meio da sociologia da vida cotidiana, é possível recuperar saberes e linguagens que dizem respeito à cotidianidade (PAIS, 2012, p. 54). Isto porque, o arcabouço teórico envolvido no processo de abordagem do cotidiano permite que se chegue a conhecer e a compreender a diversidade das experiências das pessoas e os modos como elas interagem, graças ao que se acaba por examinar “fenômenos que dão forma ao tecido social” (PAIS, 2012, p. 32).

Deve ficar claro que a sociologia da vida cotidiana de que fala Pais (2012) se interessa pelas práticas sociais que produzem a realidade no dia a dia. Isto equivale a dizer que tanto os comportamentos humanos quanto as estruturas sociais serão

estudados por aquele que se debruçar sobre o cotidiano sob o escopo da vertente sociológica descrita pelo autor. E Pais (2012) é enfático quando se trata de esclarecer o foco da sociologia do cotidiano¹⁷. Para ele, deve-se apostar tanto na microanálise quanto na macroanálise do social, articulando-se essas duas esferas (PAIS, 2012, p. 20). Isto evidencia que a focalização isolada, pelo pesquisador, das experiências dos indivíduos, sem conectá-las ao meio social é tão inoportuna quanto a focalização de uma sociedade, como um todo orgânico, com o esquecimento das diversas experiências e dinâmicas individuais que se passam nela. Segundo Pais (2012), àquele que pretende sociologizar a vida cotidiana deve importar, isto sim, o entendimento desses dois domínios em conexão, crescendo-se a isto, também, a avaliação de como esse conjunto se desdobra no espaço e no tempo.

Pensando-se agora em características distintivas da sociologia da vida cotidiana conforme ela é aventada por Pais (2012), cumpre dizer que ela é uma “sociologia qualitativa” (p. 35). Disto se depreende, por exemplo, que ela lida com desenhos de pesquisa que são abertos e flexíveis, o que favorece a nossa compreensão das situações de interação que se desenrolam socialmente. Até porque elas são variadas, resultam de modos de ser, de pensar e de agir que são múltiplos, requerendo, como tal, procedimentos de investigação capazes de se adequar à pluralidade de realidades sociais que se vão apresentando, aliando a isso, inclusive, uma postura de questionamento contínuo e de abertura para as reformulações que se mostrarem necessárias (PAIS, 2012, p. 145). Em síntese, devemos nos imbuir de uma percepção dinâmica das realidades sociais ou, como prefere Pais, das “pluralidades disseminadas do vivido”, se quisermos abordar a vida cotidiana humana qualitativamente (PAIS, 2012, p. 145-6).

É necessário ter em vista, ainda, que uma sociologia qualitativa propõe que se parta de “dentro da sociedade” (PAIS, 2012, p. 139) que está sendo estudada. Isto implica que o investigador responsável pelo estudo deve procurar se inserir na comunidade onde está aquilo que está procurando conhecer, para que não fique limitado à consulta de “dados estatísticos de ordem social e demográfica” sistematizados sobre a região. Pais (2012) defende que “[A] vida cotidiana pode e

¹⁷ Ao conjunto de correntes teóricas da Sociologia que se dedicam ao estudo da realidade social, focalizando a vida de todos os dias dos seres humanos, Pais (2012) chama tanto de “sociologia da vida cotidiana” quanto de “sociologia do cotidiano”. Isto nos motiva a reconhecer essas expressões como sendo sinônimas. É deste modo que as utilizamos em nosso texto.

deve ser apreendida [...] também no *hic et nunc* da sua presença” (p. 139)¹⁸. E esclarece que, mesmo que o pesquisador não consiga ter como ponto de partida a língua materna da comunidade que analisa, ele não poderá descuidar de compreender sentidos e valores culturais que essa língua veicula. Mesmo porque o conjunto formado pelo idioma e pela cultura deve ser tomado como a matéria-prima do investigador que aposta na dimensão qualitativa para dar forma à sua metodologia de pesquisa do cotidiano (PAIS, 2012, p. 139).

Cabe referir que uma sociologia que se desenvolve sob o escopo qualitativo, como é o caso da sociologia da vida quotidiana, não se satisfaz com critérios de verdade, mas, sim, com critérios de significação. Por essa razão, ela abre espaço para as mais variadas vozes, sejam elas provenientes do senso comum, sejam porta-vozes do conhecimento científico, por exemplo, já que lhe interessa ter acesso a diferentes percepções e convicções. Com essa postura, a sociologia do cotidiano acaba por se constituir como um método de pesquisa que dá oportunidade para que se façam ouvir vozes que têm sido – ou que foram –, historicamente, sufocadas por vozes hegemônicas. Estas, falantes em tempo integral, encobrem todas as outras (PAIS, 2012, p. 133).

Do mesmo modo, é válido esclarecer que um estudioso deverá recorrer à sociologia do cotidiano somente quando puder acreditar que “[...] todos os factos valem o mesmo e são igualmente dignos de serem descritos” (PAIS, 2012, p. 66), e quando puder reconhecer que as ideias e os argumentos que nos compete preservar necessitam fazer “[...] parte de um articulado em que não contam os juízos hierárquicos ou a discriminação a propósito de factos mais ou menos importantes” (p. 66). Isto é o que o exercício de uma sociologia da vida cotidiana pressupõe, de modo que, ao se alinhar com essa perspectiva, o investigador do cotidiano estará se preparando para atender o fito de tentar “valorizar todas as dicções” (p. 133) de uma sociedade, reconhecendo-a como um conjunto social inerentemente polifônico, de acordo com o referencial teórico-metodológico que selecionou para apoiar a realização de sua pesquisa.

¹⁸ Esclarecimentos necessários: 1) Quando fala do *hic et nunc* da presença da vida cotidiana, Pais (2012) está evocando a obra NOSCHIS, K. **Signification affective du quartier**. Paris: Librairie des Méridiens, 1984, p.20. 2) O dicionário **Houaiss** afirma que *hic et nunc* é uma expressão latina que significa “neste exato instante e local”. O dicionário **Priberam**, por sua vez, reconhece a locução como sendo representativa dos sentidos de “aqui e agora” e “imediatamente, sem mais delongas”.

Neste percurso de caracterização da sociologia da vida cotidiana, torna-se primordial esclarecer que, além de ela se identificar como sendo uma sociologia qualitativa, ela também se define como sendo uma sociologia da narratividade ou uma sociologia narrativista (PAIS, 2012, p. 65-7). Isto significa que a sociologia do cotidiano se distingue por sua “discursividade metodológica” (p. 67). Em outras palavras, sua marca precípua é a da abordagem que pressupõe o estudo do discurso.

Especificamente, é por meio do exame de narrativas feitas sobre o cotidiano que o complexo sociológico descrito por Pais (2012) se realiza. Essas narrativas provêm tanto de relatos simples como de textos literários, por exemplo. Segundo Pais (2012), ambos os gêneros textuais/discursivos decorrem de interpretações da “massa caótica e indisciplinada dos fenómenos” (p. 65) que constituem o cotidiano, o qual só pode ser acessado por meio das representações que construímos desse sistema.

Conforme Pais (2012), para uma sociologia narrativista, a forma como refletimos sobre o mundo e o verbalizamos ou a forma como expressamos o que compreendemos sobre a nossa realidade social importa mais do que o mundo em si mesmo. O autor nos garante que, para uma sociologia da narratividade,

[A] realidade social não existe a não ser de forma interpretada. Não é um objecto que possamos ver de maneira neutra ou que nos seja dado; antes é uma estrutura semiótica construída, enquanto representação e através da interpretação (PAIS, 2012, p. 67),

a qual é sempre uma elaboração. Com isso, podemos dizer que a sociologia da vida cotidiana de que fala Pais (2012) reconhece o mundo como sendo uma realidade discursiva. Para ela, como sociologia narrativista que é, “[...] o mundo pensado e dito, o mundo relatado, é o mundo por excelência” (PAIS, 2012, p. 67).

Esse entendimento faz com que a configuração de um relato, mesmo quando representado ou intercalado por silêncio, seja um elemento cujo entendimento não podemos dispensar, a fim de conseguirmos acessar as formas e os significados dos eventos e experiências que compõem a vida cotidiana (PAIS, 2012, p. 65). Em suma, o relato, sendo ele mais ou menos complexo, é a ferramenta viabilizada pela “vara mágica da língua” (PAIS, 2012, p. 65) que substancializa as interpretações que fazemos sobre o mundo. Assim, ele se torna capaz de apresentar a realidade social a quem se interessar por ela, seguramente desde que essa pessoa conte, ao menos, com os conhecimentos linguísticos necessários para compreendê-lo (PAIS, 2012, p.

65). Segundo Pais (2012), isso é vital, para o investigador, uma vez que são as narrativas que tornam o mundo inteligível.

Pensando agora no funcionamento da sociologia da vida cotidiana, deve ficar nítido que ela tem protocolos de movimento. Em primeiro lugar, cabe notar, segundo Pais (2012), que o seu diferencial está na forma como ela se aproxima dos fatos cotidianos, no “[...] modo como os interroga e os revela” (p. 33). A sociologia do cotidiano segue uma lógica que prima pela descoberta, pelo descortinamento de elementos, “em detrimento de uma lógica de “demonstração” (p. 19), que se atém a dados preestabelecidos. De acordo com Pais (2012), isto implica que, ao investigarmos o cotidiano, devemos nos predispor a perceber, a apurar e a revelar o mundo, admitindo a apresentação de imprevistos quando estivermos perscrutando os seus meandros. Esta postura se opõe à daquele que prefere levar consigo um roteiro preconcebido para o percurso que vai seguir, um itinerário em que não há espaço para que o inusitado se instale, para que o inesperado tome a frente.

Pais (2012) nos alerta que a opção pela “lógica de descoberta” (p. 19) pode causar, em algumas situações, uma certa sensação de impotência, pois, graças a ela, pode-se não se ter nas mãos, no momento oportuno, o enquadramento teórico necessário para a interpretação dos elementos encontrados. Mas isto não se constitui em um motivo para que a sociologia da vida cotidiana venha a temer navegar por domínios de pesquisa expansivos, isto é, que não se limitam a “ciclitudes predefinidas” (PAIS, 2012, p. 70). Longe disto, o que ela procura é manter uma “propensão à abertura” (PAIS, 2012, p. 70).

Até por isso, a sociologia da vida cotidiana, conforme a descreve Pais (2012), rejeita a ideia de posse do social, preservando a consciência epistemológica da impossibilidade de se apropriar do cotidiano. Para essa sociologia, a realidade social não se entrega e tampouco se deve querer possuí-la. O mundo tem que ser descoberto, imaginado, tendo em vista que ele “apenas se insinua” (PAIS, 2012, p. 29). Há que se ressaltar, inclusive, que a ânsia de possuir o social conduz à sua reificação, algo que, na perspectiva da sociologia do cotidiano, não cabe ao investigador da vida de todos os dias almejar, como forma de adquirir controle sobre aquilo que estuda (PAIS, 2012, p. 29). Pais (2012) deixa claro que o pesquisador que intenciona sociologizar o cotidiano deve entender a posse deste como algo impossível e, inclusive, mal-vindo. Perante a isto, competir-lhe-á lidar com o fato de o social

precisar ser construído instiladora e acauteladamente, por meio de “alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas” (PAIS, 2012, p. 29).

O apontamento da importância do acolhimento da ideia de privação, no que se refere à posse do cotidiano, bem como do acolhimento da opção por descobri-lo gradualmente, por imaginá-lo e, até mesmo, sugeri-lo coloca em evidência a relevância dos indícios. De fato, segundo Pais (2012), a sociologia da vida cotidiana não se importa apenas com o que é mensurável. Ao contrário, ela abraça a investigação daquilo que não se consegue precisar, do que ainda não se pode definir com clareza. Para motivar a sua postura investigativa, bastam os indícios. São eles que, perseguidos por um olhar curioso, conduzirão o pesquisador viajante¹⁹ à sua descoberta científica, garante Pais (2012, p. 70).

A menção que fizemos ao papel do olhar curioso como um instrumento da investigação científica não deve passar despercebida. Isto porque, se desejamos poder nos adequar aos parâmetros sustentados pela sociologia da vida cotidiana, teremos que nos acercar da realidade social inspirados por uma curiosidade que nos motive a reconhecer coisas comuns como enigmas, de modo que nos sintamos, então, tentados a descobrir mais acerca daquilo sobre o que nos debruçamos. Em síntese, para atuarmos como um sociólogo do cotidiano, temos não só que nos aproximarmos da realidade do dia a dia, como, ainda, fazê-lo encarando-a como algo capaz de nos surpreender e ensinar (PAIS, 2012, p. 23 e 28). Conforme Pais (2012), tem-se aí dois movimentos fundamentais para a realização de uma sociologia da vida cotidiana: primeiro, o acercamento de uma determinada realidade social, em seguida, a compreensão dela e, do cotidiano, mais especificamente, como domínios capazes de permanentemente surpreender aquele que os observa com os olhos atentos e de algum modo afastados.

O afastamento, nesse caso, é necessário para que possamos desenvolver um olhar mais analítico sobre o cotidiano, dando sequência ao processo de enigmatização

¹⁹ “Pesquisador viajante” é um termo utilizado por Pais (2012) para fazer referência àquele tipo de pesquisador que não se limita a ver apenas aquilo a que seus quadros teóricos lhe direcionam. O responsável por isso, ao contrário, seria o “pesquisador turista”, um “infatigável colecionador de reputadas e conhecidas teorias, de nobres e divulgados conceitos, de problemas sociais institucionalmente relevantes” (p. 55). Esse privilegia “o factual ao simbólico, o visível ao oculto, o holístico ao singular. Ter uma imagem geral do que pensa ser ‘importante’ ver, eis o que definiria um ‘bom turista’ ou um ‘pesquisador de circuito’” (p. 55). Para um aprofundamento na questão, sugerimos a leitura das páginas 53 a 57 do livro do autor.

por que devemos fazer a sua matéria passar. Com efeito, se aceitarmos ou vivenciarmos o cotidiano de forma passiva, teremos dificuldades para apreendê-lo. Para conseguirmos captar o significado dos seus elementos, precisamos nos afastar um pouco dele, acredita Pais (2012). Esse distanciamento é necessário tanto para desenvolvermos a capacidade de comparar a vida cotidiana com outros fenômenos como para assegurarmos nossa habilidade de contestar qualquer de seus atributos. Pais (2012) chama a isso de tomar uma “distância crítica”, algo que favorece tanto a “comparação” quanto a “contestação” (p. 79).

Vale dizer que a questão da descoberta do cotidiano através da criação de enigmas, colocada por Pais (2012), em sua apresentação sistemática sobre a sociologia da vida cotidiana, é algo que precisa ser bem compreendido por aquele que pretende investigar ou conhecer mais sobre a cotidianidade, por isso, dedicaremos mais algum momento a considerá-la. Até mesmo porque a sociologia do cotidiano, em algum sentido, nada mais é do que uma atividade hermenêutica que se apoia em um processo de enigmatização do social para chegar a um conhecimento sobre a realidade vivida.

Nesse processo, criamos enigmas ao lançarmos mão de um olhar curioso e rebelde que faculta o nosso surpreendimento com coisas e questões com que estamos acostumados, por estarmos em contato com elas, de modo que acreditamos conhecê-las bem. Esse conhecimento, entretanto, é suposto e, frequentemente, ilusório ou superficial, pois o olhar que direcionamos a esses fenômenos são tão automatizados que, muitas vezes, não conseguimos oferecer uma descrição pormenorizada daquilo que está em questão. É o caso em que se vê sem se enxergar. Mas, ao nos capacitarmos para nos surpreendermos com o cotidiano e ao nos dispormos a descobri-lo, tendo a calma de lidar com o real pedaço a pedaço, estaremos nos colocando no caminho correto para empreendermos um estudo sociológico da realidade social, admitindo, para nossa pesquisa, a esfera do banal e do fugidio, por exemplo, a qual, frequentemente, torna-se chão para gestos de resistência provocadores de rupturas nas rotinas, estas um dos elementos pelos quais o cotidiano é mais reconhecido (PAIS, 2012, p. 58-9 e 68-9).

E que fique registrado: a paciência é um ingrediente que se requer do investigador disposto a entender o cotidiano. Isto porque a realidade social precisa ser estudada por partes, isto é, cabe fragmentá-la em “detalhes e minudências” (PAIS,

2012, p. 70) para se conseguir apreendê-la. Neste aspecto, é de se notar que os pormenores a serem deslindados não só farão alusão a um contexto maior como se constituirão, cada um, em um enigma que poderá ser examinado pelo “pesquisador viajante” (p. 70). Do mais, os lampejos de serenidade e de persistência que, de algum modo, estão incluídos no exercício da paciência, tornam mais fácil para o estudioso da cotidianidade assumir a sociologia da vida quotidiana enquanto “uma viagem e não um porto”, assim como recomenda Pais (2012, p. 35).

Já esclarecemos que, para a sociologia da vida cotidiana, importa tanto analisar experiências individuais, entendendo o que significam e como elas repercutem sobre a coletividade, quanto compreender como a sociedade se traduz na vida das pessoas, impactando, por exemplo, suas posturas e escolhas. Interessantemente, Pais (2012) a compara com um “pêndulo” (p. 114), porque ela lança o seu olhar de um lado a outro, para captar tanto as microestruturas quanto as macroestruturas sociais, no intuito de melhor apreender o que resulta do intercâmbio entre esses dois níveis de organização de uma sociedade.

Agora, cabe enfatizar que a sociologia do cotidiano vagueia pela paisagem social, enfrentando-a, sem nada dela desprezar. A nossa compreensão da forma como se realiza esse passeio se consolidará mais facilmente se nos dispusermos a entender o cotidiano como uma “[P]aisagem de constâncias e rotinas aparentes donde irrompem as inconstâncias e rupturas da vida quotidiana” (PAIS, 2012, p. 54). Neste cenário, a sociologia do cotidiano atua como se fosse um “pente fino” (p. 31) escolhido para ser passado nessa paisagem. Ela perscruta, até mesmo, os “aspectos anódinos da vida social”, estando disposta a entender os seus pormenores, mesmo que nada de especial esteja acontecendo. A esse processo, cumpre chamar, segundo Pais (2012), de “vadiar sociológico” (p. 35). Salientamos que essa atuação envolve, ainda, a aceitação de um processo de investigação que tem solavancos e que procura “contínuos nos descontínuos que percorre” (p. 35), além de um gesto de acarinhamento do real com vistas a conceptualizá-lo. Graças a este procedimento, em específico, alcança-se um balanço entre a delicadeza, representada pela carícia, e a crispação, expressa pelo raciocínio abstrato, elemento pelo qual o investigador deve, igualmente, encarregar-se ao estudar o cotidiano (PAIS, 2012, p. 35).

Levando em consideração os eixos organizadores da realidade social com os quais a sociologia da vida cotidiana se envolve para ter acesso às nossas práticas

sociais, deveremos nos ater aos fatores tempo e espaço. Como destaca Pais (2012), a vida humana se organiza através de definições temporais e espaciais. Foi a relevância desses marcos que estimulou a sociologia da vida cotidiana a se orientar fazendo uso dessas referências, as quais se configuram, para ela, como se fossem pontos cardiais. Pode-se dizer, especificamente, que essa metodologia de aproximação do social se instrumentaliza a partir dessas noções porque reconhece que a consideração delas torna o conhecimento sobre uma dada sociedade mais tangível (PAIS, 2012, p. 89).

O tempo, em específico, é uma entidade que se desdobra em dimensões. De acordo com Pais (2012), entrecruzam-se, em nossa experiência do cotidiano, um tempo “linear e progressivo” (p. 89) e um tempo repetitivo, circular. O conhecimento dessas duas formas de organização do tempo deve nos conduzir à percepção de que esse componente da realidade humana é, igualmente, racionalizável, graças ao que podemos tanto fragmentá-lo quanto inventariá-lo (PAIS, 2012, p. 87). Decorre, em especial, deste segundo movimento, conforme o autor, a possibilidade de lidarmos com a noção de “rendibilização do tempo” (PAIS, 2012, p. 87), conceito que fica visível, por exemplo, quando discutimos questões como jornadas de trabalho. Discussões como essas também evidenciam que o tempo possui uma extensão e uma duração (PAIS, 2012, p. 87). Segundo Pais (2012), essas duas características têm um efeito prático sobre a organização da vida humana, refletindo-se, por exemplo, na organização de nossa rotina em torno da alternância de dias e noites.

Pais (2012) nos faz ver que a configuração do tempo é algo complexo. Além das especificações já oferecidas, há que se considerar, segundo o teórico, a existência de uma diferença entre tempo físico/biológico e tempo social. Este se encontra inequivocamente ligado a práticas sociais que o compõem e o transformam, fazendo com que ele deixe de ser um componente quantitativo do contexto social, para ser um componente qualitativo. Conforme o autor,

[E]sta transformação logra-se a partir do momento em que o tempo físico/biológico consegue engendrar uma relação de significação com uma conduta ou prática social. O tempo social é, pois, o tempo resultante da vida social, o tempo que é objecto de representações sociais, tempo fracionado em durações diversas, em acontecimentos, em atividades, em condutas [...] (PAIS, 2012, p. 128).

Ainda sobre o tempo, abordado de uma forma geral, cabe esclarecer mais dois pontos, um relacionado com a sua estruturação e o outro, com a forma como essa

entidade se amolda às circunstâncias que vivenciamos. No que tange ao primeiro aspecto, Pais (2012) refere que o tempo deve a sua manifestação ao espaço – em seus próprios termos: “Qualquer *topos* arrasta um tempo: os *topos* substancializam o tempo” (p. 128) –, do que se compreende que o tempo é conduzido pelo espaço porque é esta entidade que torna possível a sua corporificação. A partir disso, também inferimos que considerar o tempo de forma isolada, isto é, sem levar em conta a sua contraparte relativa à espacialidade, é correr o risco da inadequação, mesmo porque se estará aludindo a um cenário incompleto. Isto é certo ao menos da perspectiva da sociologia do cotidiano.

O segundo aspecto do tempo que cabe mencionar diz respeito às nuances por meio das quais ele se caracteriza. Segundo Pais (2012, p. 89),

[...] [o tempo,] para além de um tempo escorregadio e aborrecido, é também um tempo de surpresas e de suspiros, de debates e de silêncios, de expectativas e de aspirações, de desejos e de fascinação. Sobretudo, é um tempo que viaja entre os espaços da subjectividade e do objectivo, do histórico (PAIS, 2012, p. 89).

Disto se depreende que o tempo é flexível, variado. De fato, ele se amolda a uma determinada ocasião, engendrando, pode-se dizer, a acentuação das sensações que ela desperta naquele que a vivencia. O tempo entra no jogo conduzido pelas experiências e eventos cotidianos, ou seja, há uma harmonia entre um domínio e outro, o temporal e o das vivências que se desenrolam.

No que diz respeito à temporalidade do cotidiano, em específico, cabem duas asserções. Primeiro, a de que ela tem uma constituição tríplice. Conforme Pais (2012, p. 85-6), ela é composta pela existência de **rotinas**, sendo que “[...] o tempo repetitivo aparece [...] como fator de segurança, de proteção, contra os acasos da existência” (p. 86); pela existência de **rupturas**, as quais ajudam a tornar o cotidiano mais dinâmico – férias e viagens são eventos que apresentam esse potencial; e pela **capacidade de gerir o tempo**, a que diz respeito às habilidades de balancear repetições e imprevistos e de contabilizar os momentos vividos, com a possibilidade de traduzi-los em “termos quantitativos e qualitativos” (p. 85).

Por fim, em segundo lugar, cabe uma ênfase quanto à indispensabilidade de se analisar o tempo quando o que se tem em vista é conhecer a vida cotidiana. De acordo com Pais (2012), este é um elemento que não pode ser infravalorado ou menosprezado no processo, já que representa uma das dimensões da cotidianidade,

questão em que pode ser pareado com o espaço. Juntos, eles criam, segundo o autor, um “contexto de vida” (p. 136), categoria equivalente à de “contexto social”, esta denotada por uma expressão de uso mais corrente, mas com o mesmo significado. O contexto de vida fica evidente quando dissecamos a realidade social (PAIS, 2012, p. 129). No caso do estudo do cotidiano de um indivíduo, ele dirá respeito ao enquadramento mais amplo da vida daquele cujas experiências sociais serão estudadas.

Não obstante tempo e espaço serem “variáveis acessórias” (PAIS, 2012, p. 127) que repercutem sobre a demarcação de um contexto, isto é, variáveis que explicam um contexto de vida, segundo Pais (2012), não cabe reconhecê-los como elementos que conformam a vida cotidiana autonomamente. Segundo o economista, a energia desses dois eixos provém dos seres humanos. É por meio de nosso comportamento, com os gestos e as ações particulares a cada indivíduo, que personalizamos o nosso tempo e o nosso espaço. E assim, fazemos com que essas duas entidades se configurem como um resultado de nossa inserção e atuação no mundo. Em suma, tempo e espaço estariam longe de figurarem como “folhas em branco” às quais caberiam, palidamente, alicerçar nossa vida quotidiana (PAIS, 2012, p. 129). Conforme Pais (2012), a questão é bem outra: “[O] tempo é o que dele fazemos e o espaço é o lugar praticado” (p. 129). Portanto, não há como nos eximir de responsabilidade quando formos confrontá-los.

Para encerrarmos a discussão em torno das vias de acesso da sociologia da vida cotidiana às nossas práticas sociais, o que se consubstancia com a ajuda de mecanismos de contextualização, por exemplo, faz-se necessário falar um pouco mais sobre o espaço, tal como nos dedicamos à variável tempo. Cumpre, assim, referir que são três as características principais da espacialidade que se deve ter em mente para o estudo do cotidiano.

Primeiro, importa considerar os sentidos diferentes expressos pelas ideias de lugar e de espaço. Segundo Pais (2012), o lugar é uma instância que se define em termos geográficos, já o espaço se constitui quando identificamos nele a presença do elemento social. Pode-se dizer, ainda, que o espaço se substancializa por meio da via analítica e que o que existe, materializadamente, são lugares. Contudo, se resolvermos considerar os caracteres sociais que atuam em um desses lugares,

estaremos, então, produzindo e lidando com uma dinâmica espacial (PAIS, 2012, p. 127).

Em segundo lugar, cabe, de acordo com Pais (2012), aceitarmos a ideia de que os espaços do cotidiano não estão concentrados. O autor se apoia em Georges Balandier (1983)²⁰ para defender a existência de um centro espacial e de uma zona periférica do cotidiano. No centro, estariam estabelecidas as relações interpessoais mais diretas e fortes que temos (PAIS, 2012, p. 87-8). Seriam estas cotidianamente vividas e teriam um caráter “predominantemente privado e electivo” (PAIS, 2012, p. 88). A priori, segundo Pais (2012), estaria nesse âmbito nosso relacionamento com nossa família, com amigos e com vizinhos, por exemplo.

A nosso ver, é lícito considerar que a elegibilidade dessas relações se manifesta mais por meio da regularidade e, talvez, da intensidade com que procuramos mantê-las do que por meio do poder de escolha que temos para determinar quem faz parte de nossas vidas. Dizemos isso levando em consideração, especificamente, a dinâmica dos relacionamentos familiares que se condicionam, preponderantemente, à assunção de um compromisso que decorre da consanguinidade dos envolvidos, em detrimento do sentimento de bem querer e do desejo de estarem juntos. Acreditamos que a essência da ligação entre as pessoas de uma família que se mantém agregada como uma resposta a imposições morais, sejam elas reais, ultrapassadas ou imaginadas, conota-se muito mais como uma obrigação do que como um produto de eleição, como sugerido por Pais (2012), ao incluir a categoria família, de forma genérica, no centro dos relacionamentos que podemos ter.

Cumpramos dizer que reconhecemos a validade desse enquadramento desde que ele seja acompanhado de uma ressalva. Pois se é fato que as relações interpessoais desenvolvidas no âmbito da família normalmente são diretas e privadas, não se pode dizer o mesmo quanto a serem eletivas e fortes. Não escolhemos nossa família biológica; tampouco, determinamos sozinhos o tipo de vínculo que (man)temos com os membros desse grupo. A estreiteza do vínculo familiar depende do interesse que cada indivíduo do grupo dispensa às oportunidades de interação que tem, em termos

²⁰ Neste âmbito, o texto de Balandier que embasa Pais (2012) é o “Essai d’identification du quotidien”. Sua especificação bibliográfica encontra-se na seção de referências, ao final deste trabalho.

endógenos. Por isso, ousamos dizer que, a proximidade, a privacidade, a elegibilidade e a profundidade são quatro características que nem sempre definem, em conjunto, as dinâmicas que marcam as relações interpessoais no nicho familiar. De fato, essas relações variam grandemente, mesmo que tenham em comum o fato de serem, quase sempre, definidoras do caráter de uma pessoa, seja por sua adesão, seja por sua oposição a um parâmetro oferecido pelo grupo ou por um de seus membros.

Prosseguindo, o terceiro e último aspecto da espacialidade do cotidiano que nos cumpre apresentar diz respeito às nossas experiências sociais, reconhecidas como eventos geograficamente marcados que nos trazem um aprendizado ou que nos deixam um significado emocional. De acordo com Pais (2012), ao considerarmos as limitações espaciais do cotidiano, devemos ter em mente que o importante não são os lugares em si mesmos, mas, sim, as nossas “vivências sociais” (p. 88) que se desenrolam neles. O autor faz menção a atividades cotidianas simples, a “pequenas coisas” (PAIS, 2012, p. 88), como uma visita ao parque, uma ida ao cinema, um encontro em um restaurante, uma conversa com o vizinho e uma congregação em uma igreja, eventos que dão forma à nossa existência e ao nosso relacionamento com o social, atuando como nossos recursos de socialização e, também, despertando o afeto que sentimos por determinados lugares (PAIS, 2012, p. 88). Segundo Pais (2012), o “afecto associado ao espaço” decorre do modo como se vive o presente nos múltiplos “gestos do cotidiano” (p. 88). É a experiência vivida no cotidiano que transforma um lugar visitado, que, em tese, é “vazio” (p. 88), em um espaço com “significado sociológico” (p. 88).

Tendo já esclarecido o que é a sociologia da vida cotidiana, apresentado as suas características principais bem como a forma como ela se regula, vale tornar evidente o papel que ela pode ter em nossa sociedade, de modo que possamos responder à questão: para que realizar uma sociologia do cotidiano?

Um dos primeiros fatores a se ter em conta, segundo Pais (2012), é que através do estudo do cotidiano podemos nos tornar cientes de processos relacionados com o funcionamento e com a transformação da realidade social, informando-nos, inclusive, sobre vários de seus conflitos (PAIS, 2012, p. 74). É por seu intermédio, especificamente, através da análise reflexiva da vida cotidiana, que conseguimos desenvolver uma compreensão maior acerca de questões como “o poder, as instituições, as representações sociais” (PAIS, 2012, p. 115), as identidades, as

sexualidades, a religiosidade, o trabalho etc., ou seja, por intermédio do estudo do cotidiano, conseguimos aprender muito sobre os conceitos que sustentam uma determinada sociedade, o que não nos deixa esquecer que “a fonte primeira de todo o conhecimento” (p. 49), como esclarece Pais (2012) é mesmo o “vivido” (p. 49).

No que diz respeito à questão do controle social, por exemplo, há que se considerar que as possibilidades de resistência e, portanto, de ruptura de rotinas surgem de momentos banais, emergem de “aspectos frívolos e anódinos da vida social” (p. 30), e é por meio do exame detalhado do cotidiano que podemos ter acesso a isso (PAIS, 2012, p. 30). Conforme Pais (2012), o conhecimento que provém desse tipo de estudo não só pode ser “revelador” (p. 115), como oferece embasamento para que passemos a considerar a experiência subjetiva como uma das “matéria[s]-prima[s] do conhecimento sociológico” (p. 20).

Há que se ter em vista, igualmente, que existem aspectos de nossa realidade social que não são contemplados pela sociologia ou, de modo mais abrangente, pela produção de ciência hegemônica. Nesse contexto, a sociologia da vida cotidiana surge como uma ferramenta que pode nos auxiliar a recuperar aquilo que é ignorado pela rigidez de modelos científicos que não dão conta de abarcar toda a “mobilidade social” (PAIS, 2012, p. 34), já que partem de “fórmulas, [de] modelos ou [de] quadros teórico-conceituais” (p. 34) cristalizados e tornados intocáveis, a ponto de chegarem a servir como “ponto de partida aos processos de investigação” (p. 34). No que tange ao cotidiano, resistem à espera de serem conhecidos, conforme Pais (2012, p. 34), “aspectos efervescentes, espontâneos e flexíveis da vida social”, os quais só têm condições de serem descobertos por uma sociologia (e, diríamos, de modo mais geral, por uma ciência) que aceita a dúvida, sem temê-la como uma “fraqueza” (p. 46), e que não se compromete com dogmas, apostando, antes, no que o “mundo da realidade cotidiana” (p. 46) tem a lhe apresentar, inclusive de modo imprevisto.

Ao contestar a adesão irrestrita de alguns pesquisadores a dogmas, Pais (2012) defende a ideia de que “[S]ão nas brechas do saber consolidado que se dão as possibilidades criativas, de desvio” (p. 47), sendo que este não deve ser tomado “apenas no sentido de interrupção e afastamento de um caminho mais tranquilo” (p. 47), mas, igualmente, com o sentido de “renovação e reelaboração, tornadas possíveis pelo brusco desvio” (p. 47). Este tipo de contorno seria viabilizado por um “anarquismo do olhar” (p. 47), mecanismo de observação que permite a adesão a uma

“perspectiva [de pesquisa] descentrada ou multicêntrica” (p. 47), em detrimento da visada “monocêntrica” (p. 47), a qual, diríamos, revela-se, no mais das vezes, inclusive, autocentrada.

Passando agora à abordagem de um aspecto mais prático, resta especificar quem, no entendimento de Pais (2012), está capacitado para executar uma sociologia da vida cotidiana. É necessário enfatizar, não obstante, que muitas das características desse investigador em potencial já foram indiretamente mencionadas quando procuramos esclarecer a essência da sociologia do cotidiano e quando detalhamos as suas características.

Cabe, assim, recuperar a ideia de que o investigador do cotidiano deve oferecer liberdade ao seu objeto de pesquisa. Pais (2012) adverte que não se deve querer possuir a realidade social, até mesmo como uma forma de se ir ao encontro do fato de ela não se entregar totalmente. Faz parte do entendimento da sociologia da vida cotidiana que “a realidade apenas se insinua” (PAIS, 2012, p. 29), sendo papel daquele que a estuda construí-la, tendo por base os indícios que ela lhe oferece, além de sua própria imaginação.

É, de igual modo, pertinente reafirmar que o pesquisador do cotidiano deve se munir de uma estratégia de pesquisa que possibilite a abordagem da realidade social de forma gradual, de modo que ele possa investigar toda a sua extensão por partes, de maneira que o deslizar do seu olhar pelo tecido da cotidianidade possa se manifestar pacientemente. Isto é o que favorece “uma percepção aguda do detalhe” e “uma ênfase nos pequenos relevos”, nos termos de Pais (2012, p. 71), propriedades necessárias para que o estudioso consiga fazer uma “descrição densa”²¹ (p. 71) dos elementos que focaliza do cotidiano. Está em questão aí uma perspectiva de aproximação do social “microscópica e decifrativa” (PAIS, 2012, p. 71), pois são essas faculdades que permitirão ao investigador construir um retrato daquilo que pesquisa que seja capaz de absorver, por exemplo, caracteres acidentais do seu objeto de estudo e, até mesmo, qualquer índice de fugacidade que ele venha, por ventura, a apresentar (PAIS, 2012, p. 28).

²¹ Pais (2012) esclarece que “descrição densa” é um conceito que tirou da obra **The interpretation of cultures**, de Clifford Geertz. Sua especificação bibliográfica encontra-se na seção de referências deste trabalho.

Fugacidade é uma palavra-chave quando se considera o cotidiano, porque a realidade social se define por muitos eventos que são efêmeros, por instantes que são fugidios, algo que pode ser relacionado, conceitualmente, com a ideia de indisciplina. Para captar uma matéria que é tão instável, um retrato, como já aludimos, ou, ainda melhor, uma fotografia torna-se um recurso de inestimável utilidade. Até mesmo porque ela tem a capacidade de captar a instantaneidade e, conforme o caso, a rebeldia inserida no instante que se pretende registrar (PAIS, 2012, p. 28 e 54).

Pais (2012) acredita que a fotografia é um instrumento que auxilia a atividade de interpretação do cotidiano, porque o seu manejo pressupõe o aceite da lida com fragmentos e, portanto, a compreensão de que não existe a necessidade de se flagrar totalidades a todo o tempo, a fim de se aprender sobre o “provisório, [o] interino, [ou o] experimental” (p. 28), por exemplo, ingredientes esses tão intrínsecos à cotidianidade. As partes, por si só, são “mananciais de vida” (DIAS, 1998, p. 236) tanto quanto o cotidiano, como um todo, deve ser reconhecido enquanto uma “alavanca do conhecimento” social (PAIS, 2012, p. 18).

Cabe dizer que o processo de escolha da forma ou do “mecanismo” de registro da realidade social, colateralmente, põe no centro da discussão a fomentação da capacidade de se saber olhar para o particular, reconhecendo-se, concomitantemente, que a análise dele resulta na produção de saberes dignos de consideração (PAIS, 2012, p. 54 e 28). Já o fato de a lógica de descoberta e, mesmo, de desocultamento da realidade social poder aderir a um perfil fotográfico sem que, ao mesmo tempo, desperte, em seu redor, uma aceitação unânime não chega a se configurar como um problema. Pais (2012) desqualifica as objeções feitas a essa via de acesso ao cotidiano por meio da ênfase da precisão daquilo que a fotografia consegue revelar quando utilizada como ferramenta de registro da realidade social em um processo ativo de vadiação sociológica. Para o economista, se

[É] gerador de comichões epistemológicas este modo retratista de olhar a realidade social? Pouco importa. O verdadeiro desafio que se coloca à sociologia do cotidiano é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica (PAIS, 2012, p. 33).

Independentemente da polêmica ou da preferência de cada pesquisador no que tange à escolha de suas ferramentas de pesquisa, uma característica desse contexto cuja percepção deve sobressair é a da indisciplina que tinge o fluxo das águas da

cotidianidade (PAIS, 2012, p. 54). Para fazer frente a ela, Pais (2012) sugere que o estudioso da realidade social tenha, ele próprio, um olhar “indisciplinado”, “rebelde”, algo como o “olhar da criança”, “espontâneo” e “liberto” (p. 54). De fato, se levarmos em conta que a indisciplina torna o conhecimento do cotidiano, pelo investigador, uma tarefa difícil de ser realizada, já que ela adiciona ao social vivido um caráter esquivo à apreensão sociológica, constataremos que o direcionamento do olhar certo para as experiências de cada dia é fundamental para o sucesso da atividade de pesquisa (PAIS, 2012, p. 54). Assim sendo, é provável que o registro fotográfico de um determinado cenário, seja ele literal, seja aquele construído por meio de uma narrativa rica em detalhes, revele-se como uma ferramenta que convém ao pesquisador manter ao alcance de suas mãos. Afinal, quando a tarefa a ser executada é complexa, quanto mais recursos que contribuam para a sua consecução estiverem acessíveis, em melhores condições estará o investigador para alcançar o sucesso da empreitada com que estiver envolvido.

Prosseguindo com a caracterização do perfil necessário àquele que almeja estudar o cotidiano, aproveitamos para advertir que, a esta altura, deve-se mostrar inequívoco aos interessados no assunto o fato de que a liberdade é uma característica distintiva da sociologia do cotidiano. E se é verdade que ela precisa se manifestar no que diz respeito à relação de controle que uns desejam manter com o objeto de pesquisa que têm, é, de mesmo modo verdadeiro, que ela deve marcar a postura de abordagem do pesquisador no que tange à realidade social como um todo.

Como já esclarecemos, para Pais (2012), o investigador do cotidiano não se deve deixar impedir por limitações pré-fixadas como calha de acontecer com um turista, que se restringe a roteiros turísticos marcados por uma aura de imperatividade, mas que nem sempre se coadunam com o seu próprio perfil. Segundo o teórico, é somente lutando contra esse tipo de atitude que o pesquisador conseguirá manter o potencial necessário para se lançar à descoberta do cotidiano “com o gosto pela aventura” (PAIS, 2012, p. 54), evitando, logo, um enveredamento por “rotas preestabelecidas” (p. 54), o ter que lidar com uma “domesticação disciplinada de itinerários” (p. 54), favorável ao circuito, não à viagem livre.

Vale dizer que, ao relacionar o campo do turismo com o campo da ciência, para fazer uma analogia que descreva o tipo de comportamento a que o investigador do cotidiano deve aderir, Pais (2012) não está procurando opor o perfil do “pesquisador

turista” ao do “pesquisador viajante” gratuitamente. Por meio desta dicotomia, ele está, principalmente, buscando atestar que o estudioso do cotidiano deve ter a capacidade de atuar como um *flâneur*²² (p. 54). Somente assim, Pais (2012) avalia, ele conseguirá atuar, cientificamente, de forma aberta, irrestrita, tal como propõe a sociologia da vida cotidiana.

Por fim, cabe referir que a ideia de liberdade também se relaciona com a coexistência não-hierarquizada de indivíduos e elementos socioculturalmente diversificados. Como já mencionamos, nos percursos de descobertas preconizados pela sociologia do cotidiano, compete ao investigador da realidade social imbuir-se das ideias de que todas as vidas devem ser valorizadas da mesma forma, e de que todos os fenômenos da experiência social devem ser reconhecidos como merecedores de uma análise detalhada, sem que se permitam entraves ideológicos ou de qualquer outro cariz ao desenvolvimento desses gestos (PAIS, 2012, p. 65).

A título de esclarecimento, cabe dizer que essa forma de se perceber o social que pressupõe uma conciliação das diferenças não diz respeito apenas à sociologia do cotidiano. Ela está em sintonia, por exemplo, com o conceito de “Relação”²³

²² *Flâneur* é um termo francês que designa aquele que “passeia [a pé] sem destino e sem pressa, por mera distração” segundo o **Dicionário Priberam** (2008-2013, n. p., verbete “flanar”). O escritor João do Rio, não obstante, tem uma definição particular para o verbo relacionado com esse substantivo. Vejamos: “Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido *dilettanti* de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja. É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência.” (RIO, 1908, p. 2).

²³ Para um relativo aprofundamento na questão, podemos dizer que a Relação é um imaginário que prioriza o feixe de relações que indivíduos com diferentes perfis culturais podem manter entre si em uma mesma sociedade. Que fique claro que essa conexão deve ser orientada, segundo Glissant (2005), pela configuração de identidades dispostas a interagirem umas com as outras, sem temerem que esses contatos lhes ameacem com algum tipo de diluição daquilo que são *naquele momento*. A ênfase na questão temporal se faz necessária – vide expressão em itálico –, pois, segundo o filósofo, precisamos cultivar o entendimento de que as identidades devem se constituir enquanto um rizoma, isto é, elas devem ser expansivas e inclusivas, tendo internalizadas as ideias de movimento e de abertura ao novo, revelando-nos, enfim, como seres em “perpétuo processo” (GLISSANT, 2005, p. 33). Daí a pertinência, para essa perspectiva, da compreensão do indivíduo enquanto *sendo*, e não enquanto *ser*, isto é, uma criatura estável porque imutável. Para um conhecimento mais denso sobre a noção de Relação, com os desdobramentos referentes à questão da identidade que lhe dizem

elaborado pelo filósofo Édouard Glissant, que tem vasta produção teórica sobre a interação de culturas diferentes em uma mesma sociedade. Essa valorização do julgamento não-hierarquizador dos fenômenos sociais, sejam eles cotidianos ou não, normalmente resulta de uma busca pela proliferação de conjunturas que se distingam pelo respeito à equidade social, inclusive zelando por sua manutenção.

Tendo-se esclarecido o perfil que o investigador do cotidiano deve ter, cumpre indicarmos as fontes a que esse profissional pode recorrer com o intuito de conseguir desenvolver a sua pesquisa. É oportuno elucidar, nesse sentido, que é uma tarefa difícil localizar fontes precisas que sustentem o movimento de estudo da realidade social, sobretudo quando se trata de considerar as experiências vividas socialmente por indivíduos anônimos. Segundo Pais (2012), há também que se lidar com o fato de a vida cotidiana ser reconhecida como uma faceta marginal da existência humana, logo, não sendo normalmente admitida como pertinente para a história.

Mas se, por um acaso, um pesquisador não se contentar com a aura de desprestígio que reveste a realidade social, procurando, então, colocar as experiências cotidianas “no mapa dos nossos conhecimentos” (DIAS, 1998), ele poderá recorrer a diferentes tipos de “fonte documentais” (PAIS, 2012, p. 148) para apoiar a sua investigação. Em seu livro **Sociologia da vida cotidiana**, Pais (2012) discorre sobre o método biográfico, que envolve a consideração de “histórias de vida, memórias e biografias”²⁴ (p. 148-52), sobre as fontes literárias (p. 152-4) e sobre as fontes audiovisuais (p. 154-62). Deste conjunto, interessa-nos, especificamente, o segundo grupo, alusivo a produções escritas.

Conforme o economista, supondo que um historiador decida lidar com “fontes documentais escritas” (p. 162), para embasar o seu trabalho, ao fazê-lo, ele esbarrará

respeito, recomendamos a leitura da obra que citamos aqui, a saber: GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

²⁴ Sabendo da confusão que o uso dos termos “história de vida”, “memórias” e “biografias” podem provocar se não acompanhados de um esclarecimento conceitual, Pais (2012) os ligou a uma nota explicativa. Fazemos das palavras dele as nossas: “Para uma discussão do tratamento sistemático de diferentes implicações que supõem o uso adequado destes distintos termos, v. Daniel Bertaux, “L’approche biographique”, in **Cahiers internationaux de sociologie**, nº 56, 1980. Sobre o método biográfico podem consultar-se com interesse as seguintes obras: Daniel Bertaux, **Histoires de vie ou récits de pratiques? Méthodologie de l’approche biographique en sociologie**, Paris, Cordes, 1976; Philippe Lejeune, **Je est un autre. L’Autobiographie, de la littérature aux médias**, Paris, Seuil, 1980; Franco Ferraroti, **Histoire et histoires de vie. La méthode biographie dans le sciences sociales**, Paris, Librairie des Méridiens, 1983, e Jean Poirier, Simone Clapier-Valladon e Paul Raybant, **Les récits de vie, théorie et pratique**, PUF, 1983.”.

no fato de elas se encontrarem espalhadas em vários arquivos, os quais não contam, frequentemente, com uma catalogação sistemática e qualificada. Sendo assim, caberá àquele profissional que desejar proceder a uma “reconstituição histórica” (p. 162) do cotidiano não só procurar identificar outras fontes capazes de ajudá-lo no processo, como ainda produzir e fomentar novos estudos bibliográficos, de modo tal que se venha alcançar um nível maior de organização do patrimônio documental existente (PAIS, 2012, p. 162).

Nesse processo, Pais (2012) acredita que se deve dar atenção para a investigação das fontes literárias. Para ele,

[...] talvez, de entre as fontes documentais escritas, aquelas que nos podem dar um mais rico conjunto de informações sobre algumas das facetas mais íntimas do quotidiano, muito embora tais informações devam ser encaradas com as devidas precauções metodológicas (PAIS, 2012, p. 162).

Esta cautela é necessária, em primeiro lugar, porque a literatura compreende uma forma de representação da vida cotidiana, ou seja, por seu intermédio, nós temos acesso a interpretações feitas acerca de fenômenos da realidade social, e não a experiências *in natura*. Logo, o que estaria em questão, para alguns, no que tange à relação que se poderia estabelecer entre um pesquisador e o cotidiano, através da literatura, seria um relacionamento mediado. Nele, o texto literário seria o elo entre o investigador e seu objeto de pesquisa, o cotidiano, cabendo ao primeiro se satisfazer com um contato indireto com o segundo.

É preciso lembrar, não obstante, que a sociologia da vida cotidiana é uma sociologia da narratividade, logo uma vertente teórica para quem “[A] realidade social não existe a não ser de forma interpretada” (PAIS, 2012, p. 67). Desse modo, o contato com o cotidiano por meio de um relato, que resulta de um processo de interpretação do real, é para a sociologia do cotidiano aquilo que se pode conceber como via de acesso às experiências vividas e a todos os demais eventos que dão volume à cotidianidade (PAIS 2012, p. 65-7). Nessa perspectiva, a literatura deixa de ser entendida como um obstáculo que se interpõe entre pesquisador e cotidiano para se constituir em um objeto de pesquisa para aquele – tornando-se um produto ainda mais oportuno, cabe dizer, para o investigador que se interessa por arte. Afinal, a literatura, sobretudo a de ficção, compreende, nada mais, nada menos que episódios relatados.

Engenhosamente retecidos, esses relatos crescem como narrativa(s) artística(s), seja em prosa ou em poesia²⁵, tornam-se literatura, simplesmente.

Em prejuízo das objeções feitas à escolha da literatura como uma fonte documental para o estudo do cotidiano, Pais (2012) atesta que o texto literário tem o mérito de apresentar o ingrediente da historicidade àquele que o analisa. Isto porque a literatura, ao mesmo tempo em que apresenta, entranhados, na tessitura dos textos, elementos de experiências vividas, apreendidas ou perspectivadas, tendo-se por base um contexto específico, construindo, assim, um sentido para aquilo que diz, ela se manifesta, graças a isto mesmo, apresentando um significado social que torna o texto representativo de uma dada realidade, por vezes de experiências várias, todas relacionáveis com um determinado eixo espaciotemporal.

Mesmo que a historicidade seja um bônus que a literatura oferece para o investigador do cotidiano que a escolhe para ser fonte de sua pesquisa, ele não deve deixá-la ofuscar o seu olhar. Isto porque esse atributo está relacionado com uma outra característica do texto literário que também deve ser reconhecida enquanto um índice de que certa prudência, em termos metodológicos, é necessária quando se recorre à literatura como uma fonte documental de estudos científicos. Fato é que existe um paralelismo entre texto artístico e sociedade que não deve ser interpretado como sendo uma marca da correspondência integral entre o âmbito social e o literário.

Conforme Pais (2012), esse paralelismo se estabelece na medida em que a linguagem da ficção tanto quanto as linguagens da vida real calham de apontar para questões semelhantes, por exemplo, quando focalizam problemas sociais, de que são exemplo os “conflitos de classe” e a existência de “contradições entre aspirações individuais e condicionantes sociais” (PAIS, 2012, p. 153). Em tais conjunturas,

²⁵ Embora seja quase automático o relacionamento da noção de narrativa com a prosa, é importante não perdemos de vista os poemas narrativos. Sua forma clássica, caracteriza-se, segundo Sales ([20--]), como “a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, dada a presença ou a ausência de grandiosidade. Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico ou herói-cômico.” Sua forma moderna, entretanto, vem apresentando transformações no que diz respeito às temáticas abordadas e à sua realização estética, pelo menos (cf. SALES, 2011). Enfatizamos que o poema narrativo tanto pode ser curto como longo e sua metrificação varia. O poema épico e a balada são gêneros claramente percebidos como narrativos, mas o poema lírico também pode se construir mediante a apresentação de uma história. Para um aprofundamento no assunto, sugerimos o contato com a obra do poeta brasileiro Cruz e Souza, especificamente com seu livro **Evocações**, por exemplo. E no que tange à conceituação da categoria dos poemas narrativos, a leitura do artigo “O concerto dissonante da modernidade: narrativa poética e poesia em prosa” (2006), de Antônio Donizeti Pires.

percebe-se, muitas vezes, que o meio social se oferece como um modelo de realidade para a dinâmica da narrativa presente no texto literário, colocando-se como uma estrutura digna de ser representada. Em outros casos, pode-se especular, nota-se o percurso inverso, com a literatura repercutindo sobre a vida comunitária, sobre o comportamento das pessoas (PAIS, 2012, p.153).

Por mais que esse intercâmbio reafirme a conexão do texto literário com a realidade social, valorizando o entendimento da literatura enquanto uma fonte legítima para estudos científicos, é necessário ter em vista que “a recriação literária não acerta maquinalmente o passo com o processo social: umas vezes precede-o; outras afasta-se dele” (PAIS, 2012, p. 152). Isto acontece, segundo Pais (2012), porque um escritor, para produzir um texto literário, primeiro necessita saber enxergar a realidade social, distinguindo a sua “aparência” (p. 152)²⁶. Além disso e, talvez, principalmente, há que se considerar que as “aparências” da realidade social tanto quanto o modo como elas são apreendidas são condicionados por “ideologias manifestas ou latentes” (PAIS, 2012, p. 152). Segundo o economista, elas afetam diretamente a possibilidade de configuração de uma equivalência plena entre texto e sociedade (PAIS, 2012, p. 152).

A nosso ver, essa equivalência não é, de nenhum modo, necessária para que a literatura mereça ter um espaço na vida das pessoas²⁷. Até mesmo porque, no que se refere à compreensão da vida cotidiana, os textos literários vêm já desempenhando um papel singular. Como sugere Pais (2012, p. 153), “[É] preciso reconhecer que as fontes literárias, baseadas em novelas ou romances, ainda que nos limites do fantástico, podem objectivar o real através de múltiplas (re)construções ambientais.” Ousamos pensar que essas reconstruções vão além, envolvendo também realidades sociais e psicológicas, por exemplo, além de poderem decorrer de qualquer gênero literário por meio do qual se pretenda relatar uma sequência de eventos ao mesmo

²⁶ Pais (2012) usa o termo “aparência” para se referir àquilo que um escritor consegue apreender, da realidade social, para sustentar a escritura de seu texto. Essa expressão aparece em um contexto em que o autor identifica os novelistas do século XIX como sendo os principais responsáveis por legarem fontes literárias aos investigadores do período. Ele detalha o perfil da atuação que tiveram: “Pelo menos durante quase todo o século XIX, grande parte das fontes literárias apenas nos dão uma visão burguesa do cotidiano, atendendo a que a maior parte dos novelistas da época têm uma pertença de classe burguesa. Um novelista nunca expõe aos seus leitores aquilo que vulgarmente se designa por “realidade nua e crua”. O que o novelista vê são aparências [...]” (PAIS, 2012, p. 152).

²⁷ Para a compreensão do papel da literatura e da importância social de conhecê-la, sugerimos a leitura dos livros **Literatura para quê?**, de Antoine Compagnon, e **Por que estudar literatura?**, de Vicent Jouve. A especificação bibliográfica de ambos se encontra na seção de referências, ao final deste trabalho.

tempo em que se preserva uma preocupação estética quanto à apresentação desse conteúdo.

Acreditamos que a identificação do paralelismo que se cria entre o texto literário e as demais linguagens humanas se torna possível quando aceitamos a ideia de que a literatura objetiva a realidade social, tornando-se, logo, um documento que nos permite conhecer aspectos daquela. Mas, para Pais (2012), há um passo a mais a considerar: esse paralelismo pode ser colocado em evidência por meio de uma análise de conteúdo. Esta, uma técnica de investigação adotada com frequência por sociologias qualitativas, como é o caso da sociologia da vida quotidiana (PAIS, 2012, p. 141).

Segundo Pais (2012), a análise de conteúdo de um texto literário tomado como fonte para um estudo do cotidiano deve contemplar três aspectos: o exame das condições sociais de produção do texto literário, a análise das características dos elementos principais desse texto e, ainda, o estudo das características de seus elementos que lhe conferem especificidade. Este é o procedimento requerido, conforme Pais (2012), para que possamos reconhecer o que um determinado *corpus* tem a revelar sobre a faceta cotidiana da realidade social com que dialoga ou que evoca, simplesmente.

Para finalizarmos essa exposição das ideias de Pais (2012) concernentes ao estudo das realidades sociais, sob o escopo da sociologia do cotidiano, é válido enfatizar, ainda, que o conhecimento das nuances que definem a existência de paralelismos entre um texto literário e uma determinada sociedade é fundamental para não incorrermos no erro de forçarmos a aproximação de aspectos do domínio literário e do domínio social cuja correspondência não existe ou não tem condições de existir. Fato é que devemos saber depreender o real do imaginário da mesma forma como agiríamos se estivéssemos confiando no método biográfico para ser a fonte de nossa pesquisa sobre o cotidiano. Isto mesmo que realidade e imaginação revelem-se mescladas, inclusive entranhadas, algo inevitável quando é uma produção artística que está em questão.

2 “O TEMPO É O QUE DELE FAZEMOS E O ESPAÇO É O LUGAR PRATICADO”

2.1 APRESENTAÇÃO DOS ROMANCES E DE SEUS NARRADORES

O estudo da representação do cotidiano nos romances **Guia Afetivo da Periferia e Marginais**²⁸ passa pelo conhecimento do modo como as narrativas que constituem os romances se organizam no que tange à configuração de seus narradores, uma vez que é preponderantemente a partir de suas vivências que intencionamos organizar uma projeção de conhecimentos sobre as experiências cotidianas daqueles que vivem nas periferias urbanas do Brasil e de Cabo Verde. Portanto, iniciaremos nossa abordagem pela apresentação dessas personagens e do modo como elas organizam o que dizem. É a partir deste ponto que daremos início à análise do modo como gestam e gerem suas ações, interesses e emoções cotidianamente. Faremos isto enfocando seus contextos de vida, ou seja, perscrutando como alicerçam suas existências nas dimensões temporais e espaciais de suas realidades.

Mostra-se oportuno referir, a princípio, que os romances **GAP** e **M** têm configurações diferentes. O romance brasileiro é composto por uma única narrativa. Ela se divide em três partes e resulta de uma aposta do autor no anacronismo. Marcus Vinícius, o protagonista, é apresentado ao leitor na idade adulta. E as anacronias que alicerçam a trama da publicação, com a forma de recuos no tempo, ficam explícitas na segunda e na terceira partes do livro, quando tomamos conhecimento de episódios da vida dessa personagem que se passam em sua adolescência e infância, respectivamente.

O romance cabo-verdiano, por sua vez, consiste de duas narrativas, uma encaixada na outra. Aquela que se pode chamar de narrativa primeira, isto é, aquela que representa a estrutura de encaixe²⁹, emerge de um relato de uma personagem

²⁸ Doravante, identificaremos os dois romances pela sigla **GAP** e pela letra **M** maiúscula, ambas em negrito.

²⁹ Yves Reuter apresenta os conceitos de “narrativa primeira” e de “narrativa segunda” bem como os de “narrativa de encaixe” e de “narrativa encaixada” no livro **Introdução à análise do romance** (2004) quando trata dos níveis que uma narrativa pode ter. Segundo o autor, a narrativa primeira ou de encaixe e a narrativa segunda ou encaixada podem se relacionar de várias formas, de modo explícito ou não, assumindo funções de “embaralhamento ou de esclarecimento da história, de explicação, de predição, de comentário”, por exemplo (REUTER, 2004, p. 80). Neste contexto, Reuter (2004) esclarece que esses níveis de organização interna do texto narrativo são comumente verificáveis

tipo. Trata-se do Engenheiro, personagem designado por uma categoria social e que se caracteriza, na fábula, por ter sido colega de escola de outra personagem, especificamente Sérgio Pitboy, isto quando eram crianças.

O Engenheiro coloca-se no papel de porta-voz dos marginais da Ilha do Sal quando decide levar a público o conteúdo de um diário escrito por Sérgio. Uma figura com quem há muito não tinha contato, mas pela qual, à sua maneira, resolve mobilizar-se, já que, na época em que se reencontraram, Sérgio encontrava-se com a saúde muito debilitada, correndo, inclusive, um risco iminente de morrer.

Nesse estágio de sua vida, Sérgio se aproximava do colega, a quem tratava com deferência, pois queria fazê-lo não só depositário de suas memórias como, ainda, juiz da qualidade de seu texto. Havendo, para essa causa, um arbítrio favorável, seria do gosto do jovem que o colega se tornasse o divulgador de sua história. Mesmo que, nas folhas soltas e enebadas que lhe entregava, estivessem igualmente expostos episódios da vida de outras personagens, que lhe foram próximas, como amigas ou como inimigas, segundo a percepção que delas construiu ao longo de sua vida.

Em linhas gerais, podemos dizer que o Engenheiro aceitou o desafio que Sérgio lhe colocou. Ele leu o diário que lhe foi entregue, filtrou-o em forma e conteúdo, batizou-o, finalmente resolvendo compartilhá-lo com a sua comunidade. É por uma demanda desse propósito de divulgação das memórias de Sérgio que ele coloca em suspenso a oferta de qualquer esclarecimento mais extenso sobre si, fazendo da narrativa de que é protagonista, ou seja, da narrativa que reconhecemos como sendo a de encaixe, algo muito breve, puramente instrumental. De fato, o que lhe interessa é introduzir a seus contemporâneos, sobretudo a seus iguais³⁰, fragmentos das

quando uma personagem do texto não apenas alega ter encontrado (ou recebido) um manuscrito como garante ao leitor que se faz ali a oportunidade de compartilhá-lo com um público maior. É a apresentação desse suposto original que acaba por impor o segundo nível de desenvolvimento do texto, elaborado em paralelo, muitas vezes intercalado na narrativa primeira, o que resulta em uma construção textual mais complexa. Reuter (2004, p. 79) explica que a adesão à ideia de posse de um manuscrito que precisa ou merece ser divulgado foi muito frequente no século XVIII, época em que muitos escritores tornaram evidente acreditarem que esse ingrediente poderia lhes servir como um recurso de “defesa face ao estatuto pouco legitimado do romance” na época.

³⁰ Neste momento, convém recuperar o conceito de narratário. Santos e Oliveira (2001, p. 20) afirmam que este termo “foi cunhado para designar o sujeito para quem se narra, aquele a quem se dirige o discurso”. Segundo os autores, “[...] criamos, no próprio texto, uma certa imagem do leitor. [...] Esse leitor construído, pressuposto, pressentido, desejado é o narratário. [...] o narratário é o resultado da ficcionalização do leitor” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 20). Vale ressaltar que, em **M**, o narratário é a sociedade cabo-verdiana, especialmente sua camada mais elitizada, grupo do qual o Engenheiro faz parte.

histórias de vida de Sérgio e de seus amigos, a maior parte deles considerados escórias sociais. Cabe ressaltar que essa intenção é facilmente viabilizada porque o Engenheiro tanto é um narrador autodiegético na narrativa primeira – o que significa que ele narra uma história que protagoniza, privilegiando os seus próprios pontos de vista – quanto é o editor e o *ghostwriter* da narrativa segunda. Aquela que tendemos a perceber como a narrativa “de Sérgio”, como se ela não só dissesse respeito a essa personagem, mas, também, como se tivesse sido plenamente forjada por ela, enquanto instância narradora, quando, na verdade, Sérgio, como viemos a conhecê-lo, é um boneco de ventríloquo. É o Engenheiro quem realmente opera as duas narrativas.

Em **M**, a narrativa segunda tem, como demos a entender, um nome próprio. “Marginais: apontamentos de um vagabundo” foi o título aventado pelo Engenheiro para ela, que conta com uma epígrafe também, sendo que esses dois elementos figuram em uma página exclusiva, individualizadora, como se de uma capa de livro se tratasse. Essa estrutura atende ao propósito de se fazer parecer que as memórias de Sérgio Pitboy foram registradas como uma produção autônoma. Mesmo que o leitor mais atento venha a notar que elas compõem nada mais nada menos que a narrativa segunda do livro de Evel Rocha, para alguns, se terá criado a ilusão de que existe uma independência entre os textos. Como não acreditar estar em posse de um diário que calha de estar acompanhado de uma carta e de uma nota escritas pela pessoa que originalmente o encontrou e divulgou ao mundo?³¹ Algo tão redondo... Com isso, o leitor fica livre para se apoiar em uma interpretação técnica do texto ou, simplesmente, para seguir adiante com a impressão que um contato menos verticalizado com esse material é capaz de lhe deixar.

Cabe, ainda, salientar que a “capa” do diário editado de Sérgio se apresenta como um chamado para aqueles dispostos a entrar em contato com fatos que marcam o cotidiano de personagens que, majoritariamente, optam por viver como agentes do crime em uma região urbana, ficcionalizada pelo autor a partir de sua vivência na Ilha do Sal, território cabo-verdiano. O Engenheiro deixa claro o perfil dessas personagens

³¹ Com os termos “carta” e “nota” fazemos referência à primeira e a segunda partes da narrativa primeira, respectivamente. Eles são indicativos dos papéis que desempenhariam em relação à narrativa segunda. Esta pode ser compreendida como um “diário”. A “carta” explica a origem do diário. Já a “nota”, que compreende a terceira parte, em ordem sequencial, esclarece o que aconteceu com o autor do diário.

na narrativa primeira, de modo que o leitor empírico do livro fica, logo de início, consideravelmente ciente do teor daquilo que lhe será oferecido a seguir.

No que tange à narrativa encaixada, Sérgio Pitboy responde por ela, como seu narrador autodiegético. Nela, somos apresentados a episódios que vivenciou em sua infância, em sua adolescência e na fase inicial de sua vida como adulto. Vale dizer que este acervo de experiências conquistadas em faixas etárias distintas, por uma personagem masculina que está crescendo e se desenvolvendo, aproxima-se, de modo geral, daquele com que temos contato no livro **GAP**, em que Marcus Vinícius, outra personagem de classe social baixa, é o narrador autodiegético de uma história que se desdobra em áreas urbanas da região metropolitana de um Rio de Janeiro igualmente ficcionalizado.

Quanto ao conjunto das três narrativas, aquela que constitui o romance **GAP** e as duas que dão forma a **M**, pode-se dizer que sejam ulteriores. Segundo Reuter (2004, p. 87) a “narração ulterior” é muito recorrente, estando presente na maior parte dos romances. Ela se distingue pela presença de um narrador que informa narrar “o que acontece anteriormente, num passado mais ou menos longínquo” (REUTER, 2004, p. 87). Essa configuração se diferencia, não obstante, em algumas circunstâncias, nos dois romances. Em **M**, tanto em um pequeno excerto da narrativa primeira que antecede o início da narrativa segunda como nos dois últimos parágrafos desta. Em **GAP**, de forma pontual e esparsa, ao longo do livro. Exemplificamos a seguir:

- Em **M**, da narrativa de encaixe:

Se estes manuscritos tivessem chegado às mãos de outra pessoa, que não conhecesse o Sérgio, tê-los-ia ignorado. [...]

Este livro reflecte a psicose social, a paranóica justeza das leis que regem o nosso destino [e] que, paradoxalmente, só estão ao alcance de uma minoria. [...]

As incompreensões de algumas partes deste livro podem suscitar na mente do leitor uma certa confusão, mas **deixo** a apreciação por conta de cada um. [...]

Ao ler estas páginas, caro leitor, **espero** que compreenda este livro não como algo que conduz à destruição mas, antes, como algo que conduz à redenção. Cabe a cada um de nós, membro desta sociedade, encontrar a solução para ajudarmos a nós mesmos e àqueles que passam por momentos mais difíceis (ROCHA, 2010, p. 14, grifos nossos).

- Em **M**, da narrativa encaixada:

Como um velho tísico, fragilizado pela dor, não **consigo** coordenar os meus movimentos, não **tenho** forças para vencer a tristeza que me envolve na solidão da noite, minhas vísceras, meu organismo gritam num fragor ensurdecedor pela droga. Talvez eu **mereça** o golpe de misericórdia de uma dose cavalgar, do corte de uma lâmina no pulso, de um tiro na cabeça.

Sinto que chegou o fim, **é hora** de buscar essa paz que cantam lá fora. **Fecho** os olhos e **vejo** os astros **a brilhar**, **vejo** uma estrela fulgurante e as nuvens prateadas que parecem anjos que cantam pela paz e a minha alma **anseia** por demais pelo sol de eterno fulgor que, certamente, iluminará os meus passos no além (ROCHA, 2010, p. 221, grifos nossos).

- Em **GAP**, uma evidência:

Mesmo com essa geografia contundente, a Rua das Marrecas **é** uma das personagens mais cômicas do meu mapa sentimental da cidade. O som que **sai** da boca de quem fala o seu nome a **faz** parecer cômica: **Rua das Marre-cas**. (FAUSTINI, 2009, p. 122, grifos nossos).

Os excertos em questão nos dão a impressão de que as declarações feitas pelos narradores se desdobram em concomitância com o ato da narração. Estes não se encontram distanciados daquilo que estão abordando por meio de apreciações ou de simples comentários. Podemos afirmar, inclusive, que se situam no presente da narrativa, o que é corroborado pelos verbos em destaque conjugados no presente e pelas expressões “é hora” e “a brilhar” que apontam para o mesmo tempo verbal. É digno de nota o fato de esta configuração gerar, no leitor, a ilusão da existência de uma simultaneidade entre ação e narração. A este aspecto da constituição temporal da trama, Reuter (2004, p. 88) chama de “narração simultânea”. Ele até mesmo esclarece que “[A]lguns romancistas contemporâneos tentaram dar consistência a esta posição narrando a história de um romancista que está escrevendo um romance” (REUTER, 2004, p. 88). Este enquadramento não é imperativo, mas nos remete, de algum modo, ao romance de Evel Rocha, dado o modo como foi construído, tendo como pressuposto a existência de um manuscrito que impôs a intervenção de uma segunda instância narradora para se formalizar e ser tornado público.

Essa discussão em torno do “momento da narração” (REUTER, 2004) nos conduz, de certa forma, à consideração do ponto de vista a partir do qual as narrativas foram elaboradas. Quando se trata de examinar os protagonistas Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy, o que se verifica é a existência de um distanciamento entre o eu

narrador e o eu narrado, potencializado pelo fato de as duas personagens retratarem um período grande de suas vidas, ao longo do qual amadureceram, e ao final do qual chegam com uma percepção mais ampla, por vezes, diferente de experiências que tiveram quando mais jovens. A distância que existe entre esses eus que focalizam seus passados pode ser detectada nos excertos a seguir, sendo os dois primeiros referentes a Marcus Vinícius e os seguintes, a Sérgio Pitboy:

Na outra ponta da rua, diviso os Arcos da Lapa, que guardam a criatividade de um moleque sem dinheiro, que convidava as meninas para conversar [sobre] a vida, livros e a Lapa sobre os arcos depois que os bondes paravam de circular (FAUSTINI, 2009, p. 120).

Minha mãe, quando chegou da Paraíba com os seus irmãos, era magra, cabelo longo, com olhos tristes, como vi numa foto preto e branco dela junto ao Cristo, hoje perdida. Durante todos esses anos de Rio de Janeiro, minha mãe seguiu à risca a cartilha da publicidade dos enlatados (e agora congelados) destinados às camadas populares. Ela não é mais magra (FAUSTINI, 2009, p. 115).

Saí da cadeia quase à força porque não tinha para onde ir. [...] Pedi ao procurador que me deixasse passar as noites na cela até encontrar um quarto [...]. Não quero recordar tudo o que eu passei na cadeia, pois, sinto vergonha de mim mesmo (ROCHA, 2010, p. 206-7).

Se eu pudesse voltar no tempo, se tivesse a possibilidade de encontrar aquele adolescente que fui, ensinar-lhe-ia um outro caminho que não este calvário, mostrar-lhe-ia as cicatrizes colhidas nesta vida e o fim que me espera, convencê-lo-ia a arrepiar o caminho da revolta e a aprender a engolir o peixe pelo rabo (ROCHA, 2010, p. 212).

Quando o ponto de vista da história parte de um narrador que é agente, podendo ser ele tanto uma personagem central quanto secundária, Silva (2011, p. 769) define a focalização do texto como “homodiegética”. Se, especificamente, o narrador for o protagonista da narrativa, a focalização deve ser reconhecida como autodiegética (SILVA, 2011, p. 770). É neste caso que se torna possível verificar uma transformação no perfil do narrador, principalmente se o texto se alicerça em uma narração ulterior. Muitas vezes acontecerá de aquele que narra não se igualar mais ao eu narrado. Para Silva (2011, p. 770), o distanciamento temporal que separa essas duas instâncias pode tomar a forma de “uma distância ideológica, [de] uma distância psicológica, [de] uma distância ética...”. Isto porque “o fluir do tempo esgarça a identidade entre o eu narrador e o eu narrado, instaurando entre ambos uma relação ambígua e complexa de continuidade e ruptura” (SILVA, 2011, p. 770).

Com efeito, se analisarmos os trechos literários apresentados, sempre nos atendo ao desenvolvimento dos romances de onde foram extraídos, notaremos que o índice da ruptura se faz mais presente no comparativo que se pode estabelecer entre o Sérgio adulto, que rememora suas andanças, e o Sérgio que vivenciou experiências variadas, em tempos diversos, de um passado antigo a um recente, do que na relação que existe entre o Marcus Vinícius narrador de **GAP** e seus eus que focaliza.

O protagonista de Faustini posiciona-se nostalgicamente em face do que foi. E se há um sentimento que descreve o que sente esse narrador, é o do orgulho, sentido a partir da visada de um adulto que não tem do que se arrepender quando olha para o que viveu. Mesmo a avaliação que ele faz de sua mãe só se torna possível porque a experiência de olhar a foto dela, quando menino, acumula-se com a passagem do tempo e com o fato de isto ter se manifestado nele enquanto amadurecimento. Nota-se aí uma continuidade em sua trajetória, uma afirmação do que foi e, de algum modo, do que ele ainda é, agora com o acréscimo de uma roupagem reflexiva, como depreendemos de seus comentários, um cúmplice, o outro, assertivo.

No que tange ao Sérgio Pitboy narrador, é flagrante o modo como diverge do seu antigo eu. O adulto que se envergonha por ter sido preso e que se recorda desta experiência como um símbolo de sofrimento, não é o mesmo que, recém liberto, vê a vida de aprisionamento como uma aliada, mesmo porque ela atende às suas necessidades de sobrevivência, na medida em que lhe provém uma cama para dormir, alimento e, quando necessário, suporte médico. Ela lhe oferece, portanto, e de algum modo, segurança, elementos que o Sérgio narrado pretende manter, oportunistamente, às custas daqueles que sustentam o funcionamento do presídio: trabalhadores que pagam impostos, os quais tomam a forma de recursos públicos, com os quais se custeia a segurança pública.

O quarto excerto, especialmente, evidencia o distanciamento ético que existe entre o Sérgio narrador e aquele narrado. Um se separou do outro no advento da percepção de que anos de mal comportamento resultaram mais em experiências sofridas do que em conquistas positivas duráveis. O que sobrou foi um eu psicologicamente abalado por ver que não prosperou ao escolher o caminho da criminalidade, que, até então, pareceu-lhe sempre mais simples, revoltado orgulhoso que era, além de adepto confesso de gestos violentos. Restou, ainda, um eu solitário, já que todos os amigos que teve tomaram rumos próprios, chafurdando, como Pianista

e Lela Magreza, ou se equilibrando, seja em um trabalho, seja em uma religião, como Jorginho e Beto, que passaram a viver em ambientes à parte, de um modo ou de outro, ambos desprezados pelo protagonista. De modo geral, pode-se dizer que a ruptura entre os dois Sérgio fica clara quando se percebe que, ao final, aquele que faz o retrospecto de uma vida de delinquência mostra-se arrependido, conseguindo, posicionar-se judicativamente em relação ao eu que foi.

Sobre a narrativa primeira de **M** importa dizer que, embora autodiegética, nela o caráter retrospectivo não resulta na demarcação de uma distinção significativa entre o Engenheiro narrador e os seus eus narrados, a saber, aquele que há pouco se reencontrou com Sérgio Pitboy e aquele que conviveu com o jovem quando pequeno, compartilhando com ele do mesmo ambiente escolar. No primeiro caso, isto se dá porque não existe um distanciamento temporal considerável que afasta as duas instâncias da personagem, e o encontro com Sérgio tampouco afeta particularmente a identidade do Engenheiro. No que tange ao distanciamento que existe entre o profissional e a criança que o Engenheiro um dia foi, ele é difícil de ser mensurado, porque a descrição que nos é oferecida dele, na infância, é tão restrita quanto aquela que temos de sua vida adulta. Podemos afirmar, não obstante, que a personagem se manteve dentre aqueles que gozam de um prestígio social maior em sua comunidade. Quando criança, foi reputada por Sérgio como portadora de uma “sorte diferente” (ROCHA, 2010, p. 12) da dele próprio, que acabou imerso na delinquência. E enquanto adulto, distinguiu-se profissionalmente de modo mais concreto que o jovem, que não soube sustentar a carreira de cantor. Talvez caiba dizer que o Engenheiro, enquanto criança, teve uma importância secundária na vida de Sérgio, o que se depreende de o jovem não o ter mencionado, em seu diário, sequer uma única vez.

2.2 O TEMPO NOS ROMANCES

2.2.1 Os motivos da vida, da morte e da doença

Uma vez que já apresentamos as narrativas que alicerçam **GAP** e **M**, enfocando, ainda, as perspectivas dos narradores que por elas respondem, faz-se tempo de iniciarmos a discussão de elementos da dimensão temporal dos romances. Para este feito, a princípio, aludiremos à época a que suas fábulas remontam, à duração dos eventos que as sustentam e ao ordenamento do tempo de suas tramas, isto é, ao modo como os eventos apresentados nos romances estão sequenciados. Em seguida, abordaremos como o tempo é vivido por Marcus Vinícius e por Sérgio Pitboy. E conforme se mostre conveniente ao nosso desígnio de entender não só como constroem seus cotidianos nos lugares por que transitam, mas, ainda, como o âmbito da cotidianidade se consolida, de forma global, nos textos, enfocaremos, por vezes, experiências de algumas das personagens que lhes orbitam.

Em primeiro lugar, cumpre, portanto, ressaltar que seguimos Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy por um período de aproximadamente 15 anos, iniciados na infância de ambos – podemos estimar que na faixa de seus 7 anos. Do que é possível inferir que os acompanhamos até o começo de suas vidas como adultos, quando têm, aproximadamente, entre 20 e 25 anos. Os protagonistas dos romances ainda têm em comum o fato de serem nascidos na década de 1970, Marcus, mais para o começo dela, e Sérgio, mais para o final do período³². Pode-se inferir que os autores tenham privilegiado a construção de histórias que recuam no tempo em relação ao momento em que foram publicadas – no final da década de 2010 – para terem a chance de

³² Não podemos esclarecer com precisão a idade dos protagonistas dos romances em cada episódio de suas vidas, mas apenas inferir suas faixas etárias passo a passo, conforme as tramas se desenvolvem, porque Faustini não se preocupou em demarcar a passagem do tempo, na vida de Marcus Vinícius, de modo absoluto, isto é, referindo datas ou indicando a idade de seu protagonista, de forma explícita, a cada episódio ou conjunto de situações que vivenciou. No que tange a **M**, existiu uma preocupação maior da parte de Rocha por especificar a cronologia do desenvolvimento de Sérgio Pitboy, mas esta não é de todo fiável e tão pouco necessária para compreendermos os sentidos dos eventos registrados. Sendo assim, para nos referirmos à trajetória dos dois protagonistas, no que diz respeito a suas idades em diferentes passagens dos textos, preferiremos lidar com valores aproximados, normalmente com a especificação da faixa etária em que se encontrarem, organizando sequencialmente os eventos que referirmos que fizeram parte de um mesmo período da vida de cada um. A única certeza que é possível ter é a de que as datas de nascimento das personagens em questão se circunscrevem à década de 1970, tendo Sérgio nascido no ano de 1977.

abordar o presente de forma indireta. Mesmo porque seus textos apresentam realidades que se afinam com desafios enfrentados, neste século 21, por jovens brasileiros e cabo-verdianos – e não só os que vivem em periferias –, e sobretudo, quando se trata de identificar formas de se ganhar a vida³³.

Antes de analisarmos motivos, isto é, subtemas ou unidades temáticas mínimas dos romances que remetem a esta e a outras esferas, atenhamo-nos, não obstante, à forma como os eventos sequenciam-se neles, até mesmo porque seu ordenamento temporal é essencial para o estabelecimento dos motivos da vida e da morte, intrínsecos à caracterização de Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy. Ressaltamos de antemão que a apreciação destes motivos nos permite pressupor a existência de um tempo de viver e de um tempo de morrer das personagens, este estabelecido concretamente ou como ameaça.

O romance de Faustini é constituído de 3 partes, dentro das quais há capítulos e subcapítulos. Os nomes dessas partes são “Meu território”, “Primeiros mapas” e “A bússola”, títulos emblemáticos por sugerirem o grau de controle que Marcus Vinícius detém sobre a composição geográfica do Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que jogam luz sobre o ordenamento temporal do texto literário.

Na terceira parte de **GAP**, o protagonista, que nos é apresentado criança, depende de recursos externos para especificar seu posicionamento geográfico na cidade quando quer se deslocar por ela com confiança. Na segunda parte do romance, já adolescente e com mais experiência de contato com o Rio de Janeiro, apresenta-se em condições de esboçar alguns mapas de sua extensão. Seu conhecimento sobre a cidade teve chance de se desenvolver. É como adulto, forma como se apresenta na

³³ Antes de continuarmos, cabe uma ressalva. Embora possamos estabelecer uma correspondência de experiências ficcionais com experiências materiais, isto é, aquelas concretizadas por pessoas no mundo extraliterário, julgamos ser válido referir que os acontecimentos centrais das narrativas estudadas têm um valor restrito, ou seja, dizem respeito não a uma coletividade, mas a um indivíduo (personagem) em sua cidade, no livro de Faustini, e a um grupo de amigos (personagens), no livro de Rocha. Com isso, não queremos negar o valor social que um texto literário normalmente tem, manifesto, por exemplo, quando nos “fazer ver o que não percebemos naturalmente” e quando nos transmite “a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida”, tornando-nos, logo, sensíveis ao fato de eles serem “muito diversos e [de] que [por vezes] seus valores se distanciam dos nossos” (COMPAGNON, 2009, p. 37, citando BERGSON, 2006, e p. 47). Queremos simplesmente atestar que os romances em apreço ainda não foram reconhecidos como representativos de uma coletividade, como aconteceu, no Brasil, com o romance **Macunaima**, de Mário de Andrade, e, talvez, em menor grau, com **Viva o povo brasileiro**, de João Ubaldo Ribeiro. **GAP** e **M** são publicações recentes que ainda precisam ser repercutidas e discutidas nos países onde foram lançadas – com sorte fora deles também – e, para as quais um eventual valor histórico só poderá ser estabelecido com o tempo.

fração inicial do livro, não obstante, que Marcus Vinícius se percebe em controle do território em que vive. Nesta fase de sua vida, já pode desprezar instrumentos geolocalizadores, como bússolas e mapas, quando se movimenta pela cidade, porque ela se fez sua conhecida, tornou-se uma extensão do que é.

Neste momento, precisamos enfatizar que a compreensão de que Marcus Vinícius nos apresenta sua vida partindo de um momento em que se percebe maduro, indo daí em direção à sua infância, chega-nos quando lemos o romance da maneira tradicional, isto é, começando por suas primeiras páginas e rumando daí, trecho a trecho, até seu desfecho. Acontece, porém, que **GAP** não é um livro tradicional. Ele não exige de nós, leitores, a adesão a um percurso de leitura único.

É claro que descobrimos isso depois de termos seguido o esquema parte-1-parte-2-parte-3 de leitura, isto é, um itinerário linear com origem fixada no capítulo inicial do texto. Mas a obediência a este *script* não quebra o encanto que a forma como o romance foi construído nos provoca. Ao contrário, nos conduz à percepção de que, em um movimento de releitura, poderemos agir diferentemente, devassando o livro conforme a nossa própria conveniência, ou seja, direcionando-nos, primeira e sequencialmente, àquelas fases da vida de Marcus Vinícius que desejarmos (re)conhecer primeiro. E como os capítulos do livro também não se mostram intimamente atrelados uns aos outros, referindo-se cada qual a episódios variados, podemos dizer que Faustini nos ensinou um ato de leitura consideravelmente liberto.

Mas se é verdade que o leitor pode se posicionar autonomamente quando for proceder a uma releitura de **GAP**, também é verdade que o sequenciamento original do livro preserva um significado que não deve ser perdido de vista. E neste sentido, torna-se relevante ter em mente o capítulo final do livro, chamado “Um circo na Chacrinha para o primeiro beijo”:

Meu primeiro beijo eu dei atrás de uma lona de circo na Chacrinha. Elizabeth tinha combinado comigo na porta do circo. Cheguei antes dela e fiquei esperando na porta, onde avistava a jaula do leão. Era a primeira vez que colocava gel no cabelo e a mistura com o vento do início do inverno provocava uma sensação engraçada de gelado na cabeça. Depois do espetáculo, atrás do circo, minha língua dançou dentro de sua boca com rapidez e ela começou a rir. Nem o frio da noite intimidava o sorriso e o brilho do seu rosto. Uma amendoeira era testemunha, com o balançar sem poesia de suas folhas, do vento que operava também na lona do circo. A lona era magra como o leão. Eis o breve relato do primeiro beijo depois de vários anos dançando quadrilha nas festas juninas e imaginando beijar um par. Eis a Chacrinha que recebeu aquele circo e me fez sentir tão corajoso quanto o domador. Eis o ritual de passagem para o amor (FAUSTINI, 2009, p. 182).

O que se põe em questão nesta passagem do romance é o legado que a Chacrinha ofereceu a Marcus Vinícius, um legado que pode ser dividido em dois níveis, pelo menos. O primeiro, mais imediato, diz respeito ao fato de a personagem ter encontrado nela, na Chacrinha, os ingredientes necessários para passar de um “estágio” a outro de sua vida: indo da criança que imagina como será seu primeiro beijo àquela que tem condições de vivenciá-lo, e não só porque reconhece, em um de seus espaços de vivência, um ambiente amistoso, mas, também, porque este conjunto lhe fortalece. É porque Marcus Vinícius consegue incorporar a coragem que reconhece no domador de leões visitante de sua terra que o seu rito de passagem tem chance de se concretizar. É claro que para isto conspira, não podemos esquecer, o fato de Elizabeth, a garota beijada, ter marcado um encontro com Marcus Vinícius, ter comparecido ao compromisso e, ainda, ter recebido bem a sua investida.

Se no primeiro nível de interpretação do excerto concebemos o beijo como uma metonímia do amor, para visitarmos o segundo ângulo a partir do qual essa passagem do texto pode ser lida, faz-se necessário reconhecer a Chacrinha enquanto metonímia da periferia e abraçar a ideia de que é possível amar um território. Vale notar que é a coragem – e por que não falar, também, da perícia característica do domador? – o que permite a um Marcus Vinícius amadurecido elaborar uma cartografia afetiva da cidade do Rio de Janeiro e de outras em seu entorno, englobando lugares onde viveu, trabalhou e se divertiu, sobretudo depois de se mudar de Duque de Caxias com a família. Marcus Vinícius tornou-se um habitante-viajante da cidade, desbravador de uma região que denomina de periferia, mesmo que envolva lugares considerados mais nobres, como o bairro de Ipanema. E tudo isso aconteceu porque o aprendizado que a Chacrinha lhe ofereceu lhe marcou fundo, permitindo-lhe se distinguir, em termos de mobilidade, mesmo em uma região malnutrida no que diz respeito à quantidade e à qualidade de seu transporte público. O aprendizado que lhe conduziu ao amor sedimentou nele, também, o afeto cartográfico, fazendo dele, aquilo que se tornou, um apaixonado por seu território.

Para sintetizar, podemos dizer que a terceira parte do livro **GAP**, não à toa chamada de “A bússola”, apresenta-nos o gérmen que dá origem ao adolescente de “Primeiros mapas” e ao adulto de “Meu território”, todos alusivos a um ser em desenvolvimento, o que podemos pressupor mesmo que não venhamos a conhecer os passos dados por Marcus Vinícius em uma aventada velhice. Cabe ao leitor

entender que cada capítulo do livro esclarece uma parte do desabrochar do protagonista. E perceber que, em cada trecho de sua jornada, Marcus Vinícius se responsabiliza por deixar a sua vida em aberto, criando espaço para ousar mais e mais, não só em seus trajetos como em seus projetos também.

Em **M**, contudo, o cenário visto é muito diferente. De início, importa indicar a própria estruturação do livro que requer do leitor um compromisso maior com a linearidade enquanto lê, ou seja, cabe-lhe orientar-se pela numeração sequencial das páginas para melhor apreender a substância do conjunto. Isto é verdade sobretudo no que tange ao acompanhamento da narrativa segunda, já que seus capítulos se ligam por uma espécie de relação de causa-e-consequência ou, podemos dizer, ao menos pela condução do princípio de expor eventos para desenvolvê-los à diante. Já no que alude à priorização da narrativa segunda para encabeçar um gesto de releitura do romance, é possível garantir ao leitor que esta escolha não lhe trará nenhum agravo. Isto não só porque a narrativa segunda é expressivamente maior que a primeira, mas, especificamente, porque ela é, de algum modo, independente da primeira. A bem dizer, a “narrativa de Sérgio” se configura como uma “anacronia externa”, ou seja, no que alude à sua amplitude, ela “começa e termina antes do início da diegese da narrativa primária” (SILVA, 2011, p. 755).

Especificamente no que tange à trama da narrativa segunda, cabe referir que ela é prospectiva, ou seja, os episódios que conhecemos, primeiramente, da vida de Sérgio Pitboy dizem respeito à sua infância. A partir daí, somos guiados, de forma preponderantemente linear, às peripécias que tomam conta de sua adolescência e da porção inicial de sua vida adulta, interrompendo-se o nosso contato com a personagem, de certo modo, quando Sérgio se abre para a morte.

Da mesma forma que **GAP**, **M** apresenta excertos fundamentais para compreendermos como se desdobram os motivos da vida e da morte no texto. Reproduzimos três deles a seguir, a partir dos quais pretendemos discutir os elementos da fábula que forjaram Sérgio Pitboy:

Fui o menino de Ribeira Funda que mais trabalho deu aos adultos. Conhecia todos os cantos onde as galinhas poedeiras escondiam seus ninhos, sabia todas as manhas de como tirar o sorvete de outras crianças, [...] e era capaz de falsificar ingressos para entrar no cinema. Claro que não me orgulho dessas façanhas, mas ajudaram-me a aliviar a dor de ser pobre, compensavam as privações que o destino me impunha. Na minha mente a palavra “bondoso” não tinha cabimento. Quando me esforçava para ser um

bom menino não acreditavam em mim ou simplesmente desprezavam-me. (ROCHA, 2010, p. 35).

Fui levado como um cão sem dono pelo polícia, indiferente às minhas súplicas [...]. Na esquadra havia um polícia de piquete [...] alheio a tudo à sua volta. Borja empurrou-me para dentro de um quartinho mal cheiroso, enganchou-me o rosto com as mãos largas e húmidas e disse-me, Tentativa de violação e roubo, hein! Agora vou mostrar-te o que é ser macho. Desapertou o cinto e arriou-me as calças. Nesse preciso momento, o guarda chamou-o para ir atender um telefonema e num riso torto disse-me, Fica quieto que vamos divertir-nos muito esta noite, vais ver o que é abusar de mulheres honradas. Volto já. [...] Saltei a janela como pude e quando ia fugir pelas traseiras ouvi um gemido de dor vindo do interior da casa de banho. Aproximei-me para certificar do que se tratava, e deparei com um polícia chamado Raul a abusar sexualmente de Pianista. [...] Eu não podia sair e negar ajuda a um dos meus melhores amigos.

[...] Acertei-lhe [ao policial Raul] violentamente a nuca, deixando-o inconsciente [...] Pianista, com as calças ensanguentadas, estava num estado lastimável. Ajudei-o a vestir-se e escapámos pelos fundos.

Aquela cena horrorosa abriu na minha alma uma ferida que jamais haveria de sarar. Estávamos em estado de choque. Fomos para a minha casa, contámos tudo à minha mãe e ela disse-nos que fôssemos ter com o doutor Apolinário. Infelizmente, o advogado recusou abrir-nos a porta para não sujar a sua alcatifa e disse à mamãe que fosse no dia seguinte apresentar queixa ao juiz. Ao passar debaixo da janela da casa do doutor fui atingido por um escarro quente no pescoço. Olhei para cima e vi o seu rosto cínico num riso amarelo e insultuoso a fechar as persianas. Até hoje sinto uma queimadura de repugnância no pescoço por aquele malvado. A cuspidela foi uma ferida aberta na minha honra que só haveria de curar com a vingança. (ROCHA, 2010, p. 61-2).

Nas reuniões dos sectores do partido, o doutor Apolinário, o moderador da mesa, como arquitecto da palavra, projecta o seu discurso com régua viciada, [...] com compasso que traça curvas perigosas.

[...] concentremo-nos no discurso do doutor Apolinário, aquando da abertura do ano político: *diremos para a massa, a massa informe, que a nossa luta é grande [...]. Faremos leis que serão cumpridas, os desvios serão reprimidos, o povo encontrará em cada rua, em cada esquina, a paz e a liberdade e mais justiça, pois seremos heróis nesta batalha contra esta pouca vergonha e contra esta canalhice que mantém a miséria onde ela existe. Abracemos o eleitor carente, apertaremos as mãos dos trabalhadores dos restaurantes, os pedreiros, os pescadores [sic], daremos pão a muitos indigentes, discursaremos para o povo idiota que adora nos comícios nosso show; prometeremos mais realizações na palavra que o vento sempre leva, teremos vitoriosas eleições. O povo tem memória curta. Na próxima eleição, prometeremos mais porque o povo gosta. [...]* O povo tem visão curta, [...] *compraremos uma aparelhagem sonora para fazer muito barulho cobrindo a voz queixosa dos miseráveis, faremos festivais para distrair os jovens* (ROCHA, 2010, p. 131-3, grifos do autor).

Desde pequeno, Sérgio Pitboy não reconhece que se porta mal e tem dificuldade em lidar com o desprezo que sua comunidade lhe dedica, aparentemente como uma forma de repreendê-lo pela postura que tem. Sérgio não sabe lidar com essa rejeição e se frustra ainda mais quando nota que não é só com as pessoas

comuns com quem não pode contar. Ele está igualmente perdido quando nas mãos de figuras públicas, como Apolinário, que lhe esnoba, e na de autoridades, como os policiais Borja e Raul, que exercem sua profissão de forma inescrupulosa, submetendo aqueles a quem deviam simplesmente indiciar, apoiando-se, com rigor, em leis vigentes.

[...] as autoridades, que nos vigiam e se furtam ao dever de nos ensinar o melhor, abusam de nós física, mental e sexualmente.

Como não odiar?

A pior violência é não se importar com os outros, com aqueles que vivem em condições sub-humanas. A indiferença dói mais que um murro no estômago e neste sentido as autoridades da ilha imergem como os mais violentos (ROCHA, 2010, p. 159).

Cabe ressaltar que **M** evolui mostrando o definhamento de Sérgio Pitboy, iniciado com uma dose de rejeição social, com a desagregação de sua família e com os abusos de que foi vítima, progredindo com a sua inserção e duradoura atuação no mundo do crime, com o abalamento de sua saúde, pela tuberculose, e com o seu aprisionamento, tudo isso coroado, ao final, por solidão, já que seus amigos lhe foram tomados pela vida (Jorginho, Beto Vesgo e Fusco) e pela morte (Pianista e Lela Magreza). Importa referir que esse alheamento de Sérgio, essa desvinculação corresponde até mesmo, podemos dizer, a um abandono de si mesmo. Para ele, não tem mais efeito registrar o mundo em que vive e o suicídio se lhe afigura como uma opção de manobra, isto é, de controle sobre a única coisa que ainda conseguiria regular – a sua vida:

Nestas páginas consegui afogar muita mágoa e se não morri antes foi por estar com a mente ocupada nestas anotações. Por algum tempo consegui anestesiar a angústia que me engole, desgraçadamente (ROCHA, 2010, p. 13).

[...] [Agora] Sinto que chegou o fim, é hora de buscar essa paz que cantam lá fora (ROCHA, 2010, p. 221).

Sérgio morreu poucos dias depois de me entregar estes manuscritos. Foi encontrado morto sobre a cama com um corte no pulso [...] (ROCHA, 2010, p. 223).

É consciente, portanto, do esgotamento de suas energias e reconhecendo a sua falta de condição para angariar forças que lhe possibilitem seguir por um caminho novo que Sérgio se atém à missão de dar um destino a anotações em que pretendeu registrar os dois mundos em que viveu “comprimido: o mundo da pobreza e o mundo

dos abastados, [...] [para ele,] o mundo dos exploradores e o dos explorados” (ROCHA, 2010, p. 13). Em um gesto final, Sérgio deixa seus apontamentos com o Engenheiro, solicitando-lhe que dê um encaminhamento a eles, seja com a sua publicação, do modo como estavam, seja com o seu descarte.

Enfim, os modos como os romances de Faustini e de Rocha se desdobram nos expõem a panoramas muito diversos da vida na periferia, até mesmo opostos. É como se **GAP** se desenvolvesse para nos responder: O que constituiu o herói? Nele, somos apresentados a uma revivência salutar do passado. Marcus Vinícius é um personagem que se orgulha de suas origens, é batalhador e bem resolvido, isto apesar de nunca ter vivido confortavelmente ou usufruído de quaisquer regalias. Já **M** parece responder às perguntas: O que se deu com o nosso (anti-)herói? Em que se tornou? E a resposta acaba por ser: uma vida pautada pela delinquência conduziu-o ao nada. O suicídio, em específico, representa a extinção de Sérgio Pitboy. Sua escrita poderia, quem sabe, ter-lhe diluído o caráter transitório. Mas nem essa esperança restou. Sérgio é contado. De certo modo, abriu mão de se dizer. Sua vida é recuperada por um terceiro e, o que é pior, nos moldes deste terceiro. Vivo estivesse, mesmo que suas anotações nunca viessem a se tornar públicas, teria ele mantido uma elaboração própria daquilo que viveu e presenciou em parte consubstancial de sua vida. Teria mantido a sua leitura do mundo inviolada. Teria sido autor, e não objeto da curiosidade e da vaidade de um colega pretensamente interessado em atender a seu último pedido.

Para concluirmos o exame dos tempos de vida e de morte dos protagonistas dos romances **GAP** e **M**, torna-se pertinente discorrer sobre o motivo da doença. Especificamente, a tuberculose, que intervém tanto na trajetória de Marcus Vinícius como na de Sérgio Pitboy. A diversidade, aqui, reside no modo como cada um deles lida com ela.

A tuberculose manifesta-se com sintomas explícitos na vida dos dois jovens, conduzindo-os, logo, a princípio, a um estado de acamamento:

Pedalei quase a tarde inteira, o que fez a dor no pulmão aumentar muito. Naquela mesma noite, a dor seria acompanhada por febre e suor. O cobertor tipo carne seca da rua da Alfândega ficou ensopado. Era a tuberculose que tinha chegado e seria minha companheira durante os próximos seis meses. A minha habilidade para descer escadas correndo, desenvolvida quando era menor auxiliar do Banco do Brasil da Primeiro de Março e tinha que distribuir relatórios e cheques pelas seções e guichês deram lugar a um passo lento, acompanhado pelas fisgadas de dor no lado esquerdo do pulmão, na escada

da casa da Rua 50 metade azulejada, metade vermelhão (FAUSTINI, 2009, p. 59).

Fui apanhado por uma violenta tuberculose que me definhou por completo. Passei vinte e nove dias de intensa febre, vomitando e escarrando sangue. Quando eu pensava que a minha vida estava a melhorar, aparece-me esta maldita doença. Apesar dos meus vinte e um Novembros bem vividos, o meu corpo não pesava muito mais do que quarenta e oito quilos e a minha aparência era de um velho. [...] Eu tossia durante a noite e o estômago pesava-me o corpo (ROCHA, 2010, p. 141).

Marcus Vinícius se abala com o diagnóstico feito pelo médico que o atendeu depois que passou mal, mas não a ponto de se imobilizar. O jovem decide fazer o tratamento necessário para se ver livre da doença. Deste modo, se compromete a lutar contra ela por um período de 6 meses, quantidade de tempo em que precisará se medicar para derrotar a bactéria que lhe fragiliza o corpo. Na vida de Sérgio Pitboy, por sua vez, o tratamento não tem vez. E não se põe em questão uma eventual falta de infraestrutura médica, para bem atendê-lo em Espargos ou Santa Maria, lugares por onde circula. Mas, sim, o trauma que tem de hospitais, proveniente do contato contínuo com esse ambiente, em sua infância, período em que perdeu três irmãs.

Assim, se as narrativas se aproximam no que tange à configuração do quadro infeccioso que domina a vida dessas duas personagens, essa semelhança fica restrita à manifestação sintomática da doença, pois o percurso seguido por cada uma delas, a partir do momento em que se encontram conscientes de estarem doentes, é diferente, selando-se conforme a disposição que apresentam para se cuidar.

Marcus Vinícius busca por uma prescrição médica; Sérgio se entrega à tosse e à febre. O primeiro consegue licenciar-se do trabalho, o que lhe permite conceder-se um tempo para repouso. O segundo não trabalha formalmente, não tendo acesso a eventuais recursos trabalhistas que lhe poderiam garantir a sobrevivência financeira enquanto seu corpo, aparentemente mais malnutrido, definha, constituindo-se em um empecilho para que consiga se manter em atividade.

As trajetórias de Marcus Vinicius e de Sérgio Pitboy também se mostram afastadas quando consideramos os elementos em que se apoiam ou a que conseguem ter acesso, buscando o revigoramento de seus corpos:

Estava decidido a ficar bom e a possibilidade de ficar uns meses em casa sem trabalhar recebendo salário fazia a tuberculose parecer uma coisa boa. A grana garantia os remédios e os alimentos, que o médico orientava sentado na cadeira de ferro. Perguntei de que lado do pulmão era. Esquerdo, ele respondeu. Fiquei mais corajoso com essa escolha do bacilo. Era o lado dos

poetas. Estava impactado na época com um vinil que eu tinha do Sérgio Cardoso recitando Álvares de Azevedo e sabia que sua tuberculose tinha sido do lado esquerdo. E foi assim: venci os seis meses de febre nos finais de tarde lendo trechos do Proust que tinha comprado no sebo do Prédio da Avenida Central. Fiz da minha tuberculose meu pacto com a literatura. Decidi ler o Proust por ser tão difícil quanto a doença. Várias vezes tive que voltar a página e ler outra vez. Só não era mais difícil que tomar os comprimidos vermelhos antes das refeições. Pareciam, de tão grandes, com os exércitos maiores do WAR. A grana do salário do cemitério me ajudou a comprar os livros, além da comida (FAUSTINI, 2009, p. 65).

Tive medo de morrer. Fiquei sozinho num quarto fechado em casa de Pianista [em Santa Maria] para que ninguém me visse naquela situação. [...] Após a maldita doença que me fazia escarrar sangue e tossir ruindades, fiquei com medo de não poder mais cantar como antes, a minha condição deplorável afastava as pessoas de mim. A doença tinha envelhecido a minha pele, espremido a minha carne e descoberto os meus ossos frágeis e penosos. As minhas economias acabaram e tive de voltar para Espargos. Beto Vesgo recebeu-me em sua casa, como das outras vezes, no velho gueto de onde partira para mudar a minha sorte. [...] Beto Vesgo trazia os restos de comida que os “primos” lhe doavam: porção de arroz cozido, pedaços de frango, bocados de peixe, pães, frutas meio estragadas, todos misturados dentro de uma bolsa de plástico. Às vezes a fome era tanta que não tinha paciência de esperar o Beto aquecer a comida, comia directamente da bolsa. Fusco visitava-me todas as segundas, trazia-me comida de verdade e algum dinheiro (ROCHA, 2010, p. 141-2).

A vida de serenata está cada vez mais difícil. Ultimamente, este lugar encheu-se de grupos e um gajo está bastante preocupado com isto. Antes de regressares ao grupo, as coisas estavam mesmo complicadas, agora estão piores. Qualquer coisinha dizem, ah!, vocês perderam qualidade, ah!, o Pitboy está com tuberculose e temos clientes, ah!, vocês estão recebendo caro, sabes, assim não dá. Todos sabemos que tu és o melhor cantor de serenata desta ilha, disso ninguém tem dúvida. Mas achamos que devias dar um tempo para recuperares. Um gajo está aqui para te ajudar, sabemos que não aguentas a estocada de uma noite. Com um pouco de paciência e repouso, recuperas e voltas, pá. Andam por aí a dizer que estás com sida, sabes, esse povo fala de mais, pá. Qualquer febrezinho começam logo a pensar em sida, hepatite, morte (ROCHA, 2010, p. 157)...

Vemos que Marcus Vinícius, com disciplina, força de vontade e criatividade, consegue superar a tuberculose, porque aceita se medicar, investe em uma alimentação saudável e, também, em distração, fazendo bom uso dos recursos que tem em mãos. Assim, não corre o risco, sem prazo determinado, de ter que se privar de fazer aquilo de que gosta, como ir ao cinema, morar sozinho e conversar com conhecidos no Zumbi Bar.

O protagonista de Faustini parece reconhecer que não vale se deixar abater por uma enfermidade que, na década de 1980, já apresenta uma etiologia “clara” e um tratamento “eficaz” (SONTAG, 1984, p. 6). A maturidade com que lida com a doença se depreende, igualmente, de seu movimento de aproveitamento de um

período dedicado à sua convalescença, para viabilizar a realização de um projeto pessoal: a leitura de textos de Marcel Proust. Uma visão do conjunto, não obstante, torna evidente que, ao se cuidar de modo pleno, isto é, medicinal, nutricional e intelectualmente, o jovem está tanto minimizando o risco de saúde que representa também àqueles ao seu redor, como se instruindo. E o melhor disto é que obtém prazer no processo, inclusive por conseguir se identificar com artistas que, para ele, são queridos e que foram igualmente flagelados pelo bacilo de Koch³⁴.

Por outro lado, a recusa de se tratar aliada com a alimentação precária a que tem acesso impõe a Sérgio Pitboy um nível de sobrevida que deixa muito a desejar. “A tuberculose é desintegração, estado febril, desmaterialização. [...] o corpo transforma-se em fleuma, muco, escarro e, finalmente, sangue [...] (SONTAG, 1984, p. 5). O corpo de Sérgio, outrora sustentáculo de sua vida, torna-se uma amarra indesejada. Definhado, contagioso, provoca a rejeição de conhecidos e de estranhos.

Sérgio não é mais bem-vindo como o vocalista dos Bubistas. Uma cortesia da sabedoria popular que fantasia com a tuberculose, reconhecendo-a, muitas vezes, como “intratável e caprichosa – ou seja, um mal não compreendido numa era em que a premissa básica da medicina é a de que todas as doenças podem ser curadas” (SONTAG, 1984, p. 2).

Sérgio se isolou quando em crise, afastou-se do trabalho. Esta, uma época em que sua aparência assustava as pessoas. Mas o desemprego, normalmente, não é uma opção sustentável. Para ele, não era. Portanto, Sérgio decide retomar a carreira de cantor sem ter se tratado efetivamente, fato que o leva a ser reconhecido como alguém que ainda detém o passaporte da doença. É por isso que a sua imagem passa

³⁴ Álvares de Azevedo não é a única referência de Marcus Vinícius. Ele também se conecta com Manuel Bandeira, como se depreende desta passagem do romance: “Toda a região do Passeio, Lapa e Lavradio é cercada de visões. É o terreiro de encontros com os espíritos literários que já habitaram a cidade. É fácil encontrar, perambulando pelas imediações, o Bandeira e sua tuberculose caminhando ao longo dos Arcos. Embaixo dos Arcos da Lapa, já experimentei algumas de minhas melhores visões. De segunda a segunda, Bé e eu guardávamos algum dinheiro para a cerveja, que tomávamos sentados embaixo dos Arcos. O Bandeira aparecia para nós entre punks, moleques de rua, vendedores ambulantes e trabalhadores da Light mergulhados em bueiros. Nunca sentou ao nosso lado, mas estava sempre à espreita, no beco.” (FAUSTINI, 2009, p. 55). O beco, a propósito, é uma imagem, de algum modo, recorrente na obra poética de Bandeira. Menções significativas a esse espaço, considerado por Ribas (2013, p. 118) como “um posto privilegiado de observação” de eu-líricos construídos pelo escritor, podem ser encontradas nos versos de “Poema do beco” e “Última canção do Beco”, presentes nos livros **Estrela da tarde** (1963) e **Lira dos cinquent’anos** (1958), respectivamente. O primeiro poema é um dístico, assertivo assim: “Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte? – O que eu vejo é o beco.” (BANDEIRA, 1982, p. 67).

a ser entendida como prejudicial à da banda. Não se trata da restrição de sua capacidade vocal, mas do desconforto que a sua presença desperta. Sérgio tem interdito o visto que lhe garante o acesso ao convívio social, porque, imaginativamente, “identificamos [a tuberculose] com a própria morte” (SONTAG, 1984, p. 10), e não, simplesmente, com uma doença cuja letalidade, nos tempos atuais, ainda sobressai embora possa ser combatida.

Neste contexto, cabe a seguinte constatação de Sontag (1984, p. 1):

A doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença. Embora todos prefiram usar somente o bom passaporte, mais cedo ou mais tarde cada um de nós será obrigado, pelo menos por um curto período, a identificar-se como cidadão do outro país. [...] [E] é muito difícil fixar residência no país dos doentes e permanecer imune aos preconceitos decorrentes das sinistras metáforas com que é descrita a sua paisagem.

De fato, na comunidade de Sérgio, pode-se dizer que a ignorância e o preconceito andam de mãos dadas. Não é atípico, portanto, que o jovem tenha recorrido ao apoio dos amigos enquanto os viu ao redor. Pianista, Beto, Fusco e Mirna, todos contribuíram com ele de algum modo. Um símbolo de uma amizade significativa em um cenário em que Sérgio, abdicando conscientemente da chance de se reerguer fisicamente, de modo definitivo, tanto os expôs à doença quanto à sua própria deterioração. Justamente ele que, vez por outra, fazia reparo aos amigos. Poderia ter se cobrado mais, reinventado a sua “sina” (ROCHA, 2010, p. 89). Seria, quem sabe, uma questão de fazer uso da determinação que defendia ser uma marca distintiva daqueles que integravam a “geração rasca” (ROCHA, 2010, p. 89), grupo com o qual se identificava, formado por jovens dispostos a tomar à força aquilo que lhes apetecesse.

Para finalizarmos a apreciação dos tempos de vida e de morte nas trajetórias de Marcus Vinícius e de Sérgio Pitboy, importa ainda referir que o motivo da doença tem importância diferenciada na tessitura dos romances analisados. Em **GAP**, a tuberculose é uma das muitas coisas vivenciadas por Marcus Vinícius, ao longo de sua vida. Trata-se de um desafio, isto é claro. Mas, trata-se, igualmente, de algo que é ultrapassado por ele, não se tornando decisivo para os passos que dará. Em **M**, por sua vez, é possível notar que a enfermidade afeta, parcialmente, o rumo que Sérgio toma. Dizemos isto, já que, antes de se matar, uma das lamentações do jovem diz

respeito à sua condição física. Sérgio se reconhece como “um velho tísico, fragilizado pela dor” (ROCHA, 2010, p. 221), como alguém que não consegue ter controle sobre os próprios movimentos, porque sem vitalidade alguma. A sua debilitação física foi causada, em grande medida, pela tuberculose e, sem sombra de dúvida, é um dos fatores que conformam a sua índole suicida, ao lado de um sentimento de tristeza infundido por solidão e do desejo intenso de se drogar. A falta de saúde é, enfatizamos, o primeiro elemento que Sérgio evidencia para corroborar a sua insatisfação com a vida e, por conseguinte, para sinalizar que está optando pelo suicídio.

No que diz respeito à definição da tuberculose para figurar como um subtema dos romances, há que se ressaltar que Faustini e Rocha estabeleceram, mediante a escolha, uma conexão pertinente com seus países de origem. O Brasil define municípios de abordagem prioritária, em cada estado da União, a partir dos quais encabeça o controle da enfermidade, uma medida necessária por figurar na lista dos “22 países que concentram 80% da carga mundial de tuberculose”³⁵ (BRASIL, 2014, p. 4). É neste cenário que se torna possível aventar que o romance **GAP** contribua para ressignificar o indivíduo tuberculoso socialmente. Afinal, é um fato indistinto que seu protagonista, Marcus Vinícius, não se deixou limitar pela doença, ao contrário, cresceu a partir de seu embate com ela. Assim, é como se a realidade ficcional, em algum grau, concorresse para a geração de um padrão cultural positivo de como se lidar com a doença. Isto se aplica tanto para o leitor de **GAP** que vier a se defrontar com a tuberculose como para qualquer um que acompanhe a trajetória de Faustini, tendo-se em vista o fato de o escritor também ter sido flagelado pelo bacilo de Koch. Sua história, em particular, é de superação graças ao emprego de medicamentos adequados e de muita determinação.

No que tange a **M**, a postura de Sérgio Pitboy evidencia que a luta contra a tuberculose em Cabo Verde precisa ser constante e implacável. Em 2013, Jorge Noel Barreto, então responsável pela coordenação do Programa Nacional de Luta contra

³⁵ A África do Sul, a China, a Índia e Moçambique são outros países que também fazem parte do grupo de nações que concentram as maiores incidências de tuberculose em seus domínios. Para conhecimento de todo o grupo, recomendamos a consulta ao relatório **Global tuberculosis report 2014**, elaborado pela Organização das Nações Unidas. Particularmente, a seu anexo que traz um perfil dos 22 países arrolados. Disponível em: <http://www.who.int/tb/publications/global_report/gtbr14_annex2_country_profiles.pdf?ua=1> Acesso em 29 jun. 2016.

Tuberculose e Lepra, mantido pelo governo cabo-verdiano, precisou dar esclarecimentos sobre o perceptível insucesso do Plano Estratégico Nacional de Luta Contra a Tuberculose 2007-2011³⁶. Isto porque a tendência de redução da mortalidade causada pela doença que se verificou no intervalo que vai de 2003 a 2006 inverteu-se no período de abrangência da iniciativa governamental. Apesar deste fenómeno alimentar a ideia de que estaria havendo uma eficiência maior dos setores de saúde no que se refere à sua atuação para a detecção da enfermidade – o que teria tornado mais casos visíveis, concepção verbalizada por Barreto (ver ALMEIDA, 2013) – ele torna evidente, por outro lado, que é necessária uma reflexão sobre as condições de acesso da camada mais pobre da população a cuidados médicos específicos, ou mesmo sobre a postura de abandono do tratamento por aqueles que têm o acesso a ele garantido, por exemplo.

Além da visão interna, dados do Observatório Africano de Saúde, da Organização Mundial de Saúde, corroboram que Cabo Verde necessita direcionar um olhar mais atento à dispersão da doença em seu território. Segundo as informações divulgadas pela entidade em 2011[?], houve realmente um aumento tanto no número de casos novos como no de casos registrados³⁷ da doença, no país, no período que vai de 2006 a 2010. O fato de a taxa de mortalidade (a cada 100 mil habitantes) ter oscilado no mesmo período, indo de 4,9, em 2006, a 1,3, em 2008, e daí a 4,3, em 2010, dá a entender, não obstante, que o país tem o conhecimento especializado

³⁶ Jorge Noel Barreto foi interpelado pela repórter Sara Almeida do jornal eletrônico Expresso das Ilhas on-line. As considerações feitas por ele estão sintetizadas na reportagem “Tuberculose aumenta em Cabo Verde”, publicada em 22 de abril de 2013, no endereço <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/36582-tuberculose-aumenta-em-cabo-verde>> Acesso em: 23 jun. 2015. Já sobre o Plano Estratégico Nacional de Luta contra a Tuberculose 2007-2011, pode-se dizer que seus objetivos eram os de reduzir a taxa de mortalidade da tuberculose, além de deter a propagação da doença por todo o país (REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2007, p. 16). Até como uma forma de atender a uma demanda colocada pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que preconizam, dentre outras coisas, a regressão de epidemias como o HIV, a malária e a tuberculose até 2015. Esta meta, em específico, não deve ser alcançada pelo arquipélago que, não obstante, tem se saído bem em outras frentes desse desafio. Para conhecimento das metas definidas pelo país no âmbito do acordo em questão, sugerimos a consulta do **Relatório de Progresso de Execução dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio: Cabo Verde** (2009b), disponível em: <<http://www.un.cv/files/MDGReportCV.pdf>> Acesso em: 23 jun. 2015. Já para aqueles interessados em dados que aferem a presença da tuberculose no país, recomendamos a consulta a um relatório elaborado pelo Ministério da Saúde de Cabo Verde, caracterizado por uma abordagem quantitativa e bem ilustrada por tabelas e gráficos. Referimo-nos ao **Relatório Estatístico 2011**, que pode ser encontrado aqui: <http://www.minsaude.gov.cv/index.php/documentos/cat_view/34-documentacao/61-relatorio-estatistico> Acesso em: 23 jun. 2015.

³⁷ Os casos registrados da doença são atinentes a pacientes cuja enfermidade foi detectada em um determinado ano, sem ter sido debelada até a ocasião da aferição seguinte. Trata-se de casos vigentes, mas que não são novidade.

necessário para agir sobre a questão, precisando apenas concentrar seus esforços sobre a causa de modo mais intenso e extensivo, isto no que se refere à abrangência de todo o território nacional, uma dificuldade quando se considera que a maior parte dos profissionais de saúde encontra-se alocada nas cidades de Mindelo e Praia, conforme atesta o Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2012-2016, elaborado pelo Ministério da Saúde do arquipélago (REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2012a, p. 55).

2.2.2 O motivo do trabalho

Neste momento, sentimos ser necessário enfatizar o fato de o cotidiano se dividir entre o esperado e o imprevisto, a rotina e a ruptura, o conhecido e o inédito, o histórico e o a-histórico (ver PAIS, 2012)... Ao nos determos, portanto, no exame de uma doença que intervém na vida das personagens Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy, procuramos ressaltar algo que lhes acometeu imprevistamente. Inclusive, porque os elementos perturbadores do ordenamento da vida cotidiana são tão essenciais para a constituição da realidade social quanto as regularidades que compõem a cotidianidade (PAIS, 2012, p. 81). O transitório ou o ocasional, tanto quanto o que é perene, afeta o nosso processo de socialização, influi na constituição de nossa personalidade e de nossos interesses (PAIS, 2012, p. 50), não nos cabendo, portanto, ignorá-lo.

Tendo já nos dirigido ao domínio do provisório, passaremos a considerar o da constância, examinando, por conseguinte, o motivo do trabalho. Relacionamos esta unidade temática mínima ao espectro temporal, porque o tipo de atividade social a que diz respeito marca-nos o cotidiano por anos a fio, sem se restringir, significativamente, à critérios de geolocalização.

Com esse enfoque, um dos ângulos a partir dos quais Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy podem ser analisados é o do comportamento³⁸. De fato, se procurarmos

³⁸ De acordo com Pais (2012, p. 122), ao admitirmos o cotidiano “como uma perspectiva que nos permite ver a sociedade a nível dos indivíduos, torna-se conveniente dar atenção aos contextos dos indivíduos, isto é, aos elementos do meio social relevantes para os indivíduos: normas, regras, nortes de orientação, bússolas cognitivas, mapas de significação e representações sociais que regulam distintos estilos de ações, distintas condutas comportamentais.”.

adentrar seus universos simbólicos para conhecermos seus “nortes de orientação”, as “representações sociais” que preservam e as normas em face das quais se posicionam (PAIS, 2012, p. 122), conseguiremos entender melhor como integram o trabalho em suas vidas. Ousamos dizer que chegaremos a reconhecer, também, os significados que essa atividade tem para eles.

Marcus Vinícius é uma personagem que pode ser descrita pelo gosto que tem por trabalhar. Ele atua como entregador de lentes de contato e como entregador de panfletos. No Banco do Brasil, instala-se como menor-aprendiz, ascendendo, em seguida, à posição de *office boy*. Presta serviço transvestido em Papai Noel, tenta ser frentista, sendo-nos, ao final, apresentado, como um funcionário de uma cantina estabelecida dentro de um cemitério, o que considera ser sua ocupação mais impactante.

A relação próxima que o protagonista de **GAP** mantém com a possibilidade de exercer uma atividade produtiva fica explícita na revelação de um hábito muito particular. “Mesmo quando empregado, ainda leio todo domingo a parte de emprego [do jornal *O Dia*]” (FAUSTINI, 2009, p. 87), confessa ao leitor. E, de fato, ao analisarmos a lista de ocupações pela qual se interessa, notaremos que o trabalho não só faz parte do seu campo de experiências concretas como, ainda, oferece contornos para o mundo da sua imaginação.

A relação de posições que admira, que perspectiva como uma alternativa para si ou que, simplesmente, observa é vultosa. A princípio, Marcus Vinícius ambiciona tornar-se jogador de futebol. Para ele fazia todo o sentido e é por isso que discorre sobre esse desejo com desenvoltura:

Todo moleque da periferia acha que vai ser jogador de futebol. Não porque saiba fazer gol. A primeira coisa que ele aprende é driblar, e é esse o seu passaporte para ser chamado para qualquer pelada. Assim como a televisão agora está em toda parte, o futebol é onipresente na periferia (FAUSTINI, 2009, p. 171).

Outra posição que lhe chama a atenção é a de paraquedista militar. Segundo o jovem,

O bom de ser PQD era poder chegar no bairro sem camisa, com a medalha de soldado virada para as costas.

Este era o nosso devir. Era a forma que arrumávamos de um dia, na vida real, sermos “Conan, o Bárbaro”. Quando alguém do território entrava para o PQD, era certo que em um dia de folga uma rodinha se faria em torno dele, para ouvir as incríveis histórias de disciplina, certamente valorizadas pelo narrador (FAUSTINI, 2009, p. 180).

Mesmo que uma posição como essa contribuísse, no seu entender, para a sua afirmação enquanto “brasileiro”, Marcus vira as costas para ela porque “todo moleque que entrava para o esquadrão de paraquedistas deixava de soltar pipa” (FAUSTINI, 2009, p. 180). Esta, sim, era uma renúncia com a qual não poderia conviver. Já o seu projeto de se profissionalizar no futebol não se desenvolve por uma razão muito particular, enunciada por ele com humor:

Aquele ano inteiro foi motivado pela vontade de ser jogador de futebol. Mas a vida é dura para um moleque. Esse desejo foi interrompido pelas inúmeras vezes que não pude ir ao “campim” para ficar sentado numa cadeira ouvindo o barulho da lata de Neocid sobre minha cabeça. Para ajudar, eu tentava acabar com os piolhos treinando cabeçada (FAUSTINI, 2009, p. 175).

Marcus Vinícius pode ter tergiversado sobre o assunto, para não confessar possíveis falta de talento e técnica, mas isso, de fato, faz pouca diferença em um cenário em que não descuida de olhar adiante. Ainda no campo das profissões, ele se imagina dedetizador, para se vingar dos mosquitos que deixavam o seu corpo alérgico coberto de feridas, um desdobramento de picadas mal recebidas.

Além de se inspirar no Marcão, o “mata-mosquitos que lutava Viet Vo Dao, arte marcial dos vietcongues, e escutava Poison e U2” (FAUSTINI, 2009, p. 115), Marcus Vinícius tinha por referência vendedores que observava pela cidade. A admiração que sentia por eles provia da astúcia com que se desempenhavam e, também, da resistência que revelavam quando posicionados em um ambiente hostil. Isto fica muito claro na descrição que faz de vendedores de sacolé e de lâminas de barbear, conforme apresentamos a seguir:

Vendedores de sacolé entoavam seus pregões com improvisos sobre a rua asfaltada e inibiam a resposta de que água pura ninguém quer, executada antes com gosto pela molecada (FAUSTINI, 2009, p. 148).

[...] [O] prazer de ver o céu brilhar pela janela [de dentro do trem] nas casas diminuía também o calor do vagão, mas era interrompido pelas repetidas vozes do vendedor de Prestobarba. [...] Mesmo suando e com o corpo cansado como o meu, a voz desses vendedores era saltitante e disputava com bravura o barulho do atrito dos trilhos com as rodas do trem. Eu que me sentia orgulhoso por ser chamado de guerreiro, me rendia à coragem desses arautos territoriais (FAUSTINI, 2009, p. 35).

A resiliência dos vendedores combinada com o dom que apresentam para se comunicar com clientes em potencial faz Marcus Vinícius reconhecê-los como heróis. O fato de haver uma abundância de vagas de emprego na área de vendas é outro estímulo para o seu interesse por esse campo que depende, grandemente, da eloquência de seus agentes. Cumpre dizer que Marcus sempre se mostra consciente da necessidade de identificar meios por meio dos quais consiga garantir o próprio sustento. É atento a isso que ele nos revela ter prestado “[...] muita atenção no jeito de venderem” (FAUSTINI, 2009, p. 35). Acontece que ele “[C]ogitava trabalhar assim.” (FAUSTINI, 2009, p. 35).

A quarta e última profissão que efetivamente ocupa seus pensamentos, configurando-se como um plano B para o seu futuro, leva em consideração o seu amplo conhecimento das áreas urbanas da cidade do Rio de Janeiro. Sempre buscando se encorajar, Marcus Vinícius não titubeia:

Apesar de tudo à minha volta propor a minha morte, eu queria estar vivo. [...] Diante dos mapas [que via na banca do Largo da Carioca], eu pensava nos meus possíveis futuros. Se nada desse certo, de tanto andar pela cidade, eu poderia ser um bom motorista de táxi (FAUSTINI, 2009, p. 69).

O protagonista de **GAP** desenvolveu uma conexão com a geografia da cidade andando muito por ela, a pé e de ônibus. É, sobretudo, em momentos como esses que dá expansão a suas ideias. “O que se passa na cabeça das pessoas que cruzam a cidade pela madrugada dentro dos ônibus? Será que a cidade invade o lugar de seus pensamentos? Como cada um constrói sua Autoviação?” (FAUSTINI, 2009, p. 140). A auto-proposição de questões reflexivas lhe ocorre com frequência. Essas, de maneira especial, evidenciam que Marcus Vinícius é capaz de enxergar o outro, até mesmo aqueles que apenas imagina existir, pessoas com quem não interage diretamente. Esta ideia de enxergar além de si mesmo pode não se evidenciar, a princípio, firmemente atrelada ao mundo do trabalho, mas nos leva a perceber que todas as atividades produtivas que o jovem concebe para a sua realidade envolve uma prestação de serviços, ou seja, além dele, há mais alguém que será beneficiado pela relação que estabelecerem, mesmo que isto nem sempre se venha a dar de modo plenamente equitativo. Este aspecto da configuração da personagem adquirirá um significado maior tão logo estabeleçamos uma comparação das alternativas de auto-sustento utilizadas ou defendidas por ela com aquelas de Sérgio Pitboy.

O personagem de **M**, a propósito, afasta-se consideravelmente do protagonista de **GAP** no que diz respeito à relação que mantém com a noção de trabalho. Para ele, exercer uma atividade produtiva, sobretudo trabalhar para terceiros, significa deixar-se submeter, permitir-se escravizar. Este seu modo de pensar é externado, claramente, em duas passagens do romance, conforme expomos a seguir. O primeiro excerto tem por contexto o enterro de Mirna; o segundo, trata-se de uma declaração que Sérgio Pitboy faz tão logo solto:

Era necessário fazer um discurso, pelo menos assim eu chamaria o momento em que havia de falar para os presentes, recordar a todos a insignificância que é ser marginal, analfabeto, **assalariado** [...] (ROCHA, 2010, p. 196, grifo nosso).

[...] Na cadeia, eu tinha comida e cama, tomava banho e não tinha que me humilhar, nem de me submeter aos caprichos de um empregador qualquer. Meu corpo debilitado pelos dias preguiçosos e moles da reclusão não ia aguentar a estocada do **trabalho forçado**. (ROCHA, 2010, p. 207, grifo nosso).

Sérgio chama de “trabalho forçado” a atividade desempenhada por aquele que trabalha para outra pessoa. Está se referindo ao proletariado, embora, descontextualizadamente, pudéssemos supor que estivesse aludindo a um processo de escravização. A diferenciação é necessária mesmo quando optamos por não negligenciar as evidências de precarização do trabalho a que outras personagens do texto foram submetidas, bem como os registros da exploração e da humilhação de algumas delas no exercício de uma atividade profissional, além, é claro, das inúmeras questões trabalhistas pendentes de resolução mundo afora. Enfim, não deixa de ser irônico que Sérgio recorra à noção de trabalho forçado justamente quando está prestes a voltar a viver em liberdade, uma fase de sua vida, portanto, em que pode voltar a ser dono de si e, por conseguinte, decidir se desejará trabalhar e, neste caso, como poderá fazê-lo.

É necessário lembrar que, até aquele ponto, a experiência de Sérgio Pitboy como um trabalhador foi restrita, não só como uma decorrência do modo como concebia o trabalho, mas, igualmente, por causa da convicção que mantinha quando se tratava de considerar a busca por um emprego. “Para pessoas como eu, encontrar um emprego dava um trabalhão” (ROCHA, 2010, p. 113), reclamava. O que Sérgio entende por “pessoas como eu” não é claro. Estaria falando dos jovens? Pensaria nos pobres? Certamente, não era a sua reputação que embasava aquele seu modo de

pensar porque, afinal, não se reconhecia como um ladrão. Podia justificar bem os furtos e roubos que praticou: “[...] tinha de subtrair o que era dos outros para sobreviver – subtraía, não roubava!” (ROCHA, 2010, p. 113). Era isto que atiraria à cara daqueles que viessem interpelá-lo.

Quando criança, Sérgio vendeu pastéis de milho. Mais tarde, empreendeu, cobrando uma comissão sobre apostas que permitia acontecer em sua casa, cobrança que inflacionava quando precisava juntar dinheiro rapidamente:

Eu podia jogar *tchintchôm* com os batoteiros e em pouco tempo pagava a dívida, mas os jogadores eram astutos e manhosos. Optei por esperar pela renda e em duas semanas consegui juntar a quantia necessária para pagar a dívida. Convenci os rapazes que iam jogar cartas lá em casa que, por razões “estruturais” e a subida do preço de combustível, a vida estava muito cara e portanto teriam de pagar um pouco mais por cada partida de *tchintchôm* (ROCHA, 2010, p. 66).

Pitboy também aderiu ao escambo. Houve uma época em que se dedicou a performances com um amigo: “Lela imitava as cenas dos filmes indianos, fazia acrobacias e dançava, enquanto eu cantava em troca de sanduíches, sumos, frutas e bolos e moedas.” (ROCHA, 2010, p. 104). Mais novo e mais bem-disposto, fez serviços para conhecidos em troca de comida.

Os trabalhos como transportador de mercadorias, guarda-noturno e cantor foram-lhe arranjados pelos amigos Fusco e Pianista. Eles neutralizavam o bordão “ninguém me dava trabalho”, escudo com que Sérgio se protegia. Mas, por esperar mais do que recebia e muito mais do que estava disposto a buscar, Sérgio dificilmente se satisfazia com os gestos de amizade e gentileza com que era brindado, sempre cortejando a delinquência. Calhava de furtar mesmo quem lhe ajudava:

Nha Ludevina costumava-me chamar-me para varrer-lhe a varanda e lavar os pratos em troca de um apetitoso prato de cachupa guisada. Eu fazia os trabalhos com a maior satisfação e, por vezes, ela enchia-me os bolsos de reбуçados. Um dia, expulsou-me de vez da sua casa ao descobrir que eu andava a furtar os ovos de manhã e, à tarde, batia-lhe à porta para lhos vender. Eu achava que Nha Ludevina tinha sido injusta comigo pois, numa capoeira com cerca de vinte ovos, eu apenas furtava três ou quatro. Desaforado como eu era, passei a furtar e a vender os ovos todos na loja de TiFranco (ROCHA, 2010, p. 20).

Trapaceou aqueles para quem trabalhou:

Íamos ao porto da Palmeira, como ajudantes, buscar mercadorias e, no caminho de volta, atirávamos algumas caixas de leite, de sumo e de outros alimentos pela borda fora para ser recolhido depois e vendido nas lojas (ROCHA, 2010, p. 20).

Por vezes, corrompendo por completo um papel que assumiu:

Trabalhei como guarda-nocturno durante oito meses e meio e, pela amizade que granjeei com alguns funcionários, passei a fazer a entrega da mercadoria [drogas] directamente aos clientes nos hotéis (ROCHA, 2010, p. 20).

Se é verdade que Sérgio destacou-se por conciliar trabalho e delinquência, o mesmo pode ser dito quanto a ele ter se dedicado integralmente a cada um desses campos. Como cantor, o jovem soube mostrar comprometimento. Sua primeira e segunda investidas nesse meio foram prejudicadas pela tuberculose, é fato. Mas a terceira delas, foi triunfante. Sérgio se dedicou aos ensaios, colocando, até mesmo, amigos, como Mirna, em segundo plano. E como resultado desse esforço, os Bubistas, grupo musical de que participava, conseguiram assinar um contrato com uma gravadora. Isto foi o suficiente para que passasse a viver com mais conforto e para que conquistasse uma regalia disponível principalmente para celebridades: a indulgência a seu mau comportamento:

A minha fama como cantor crescia, vertiginosamente. Qualquer espirro que eu dava era motivo de aplausos. Quando fazia obscenidades ou insultava um coronel, todos achavam graça e ninguém mais se lembrava que eu era um marginal (ROCHA, 2010, p. 163).

Já no mundo do crime, Sérgio Pitboy atuou como mula e como vendedor de drogas. Se, para ele, era difícil engajar-se no mundo do trabalho legal, não identificava quaisquer entraves para penetrar no campo da ilegalidade. Inclusive, ascendeu dentro dele, passando a traficar maconha resultante de uma plantação que providenciou por iniciativa própria.

Sérgio procurava justificar a sua atuação no mundo das drogas, declarando que lançava mão de “uma maldade necessária” (ROCHA, 2010, p. 40) porque não tinha o perfil desejado pelos empregadores de Espargos e Santa Maria. Mas, como já esclarecemos, a verdade é que não achava o trabalho prestado a terceiros e realizado dentro dos ditames da lei algo dignificador, não se dispondo a realizar qualquer atividade do tipo, a não ser que correspondesse integralmente aos seus desejos. O projeto que encabeçou com os Bubistas, portanto, foi uma exceção. Como cantar passou a representar tudo aquilo que queria para si, nisto, viu-se realizado. No resto, a sua política era a de afronta à sua comunidade.

Quando precisava aventar uma forma de sustento, mesmo consciente do risco de ser preso, era entre duas atividades criminosas que escolhia:

[...] Ou vendia droga ou tinha de roubar para sobreviver. [...] era melhor ser passador do que assaltar a casa de alguém armado de uma pistola, como aconteceu com Otaldino que levou chumbo pelo corpo e que até hoje vive com uma bala alojada na nuca (ROCHA, 2010, p. 158).

Atipicamente, Sérgio achava que seria mais prestigiado por alguns de seus amigos e por aquela a quem cortejava se se socorresse de uma atividade criminosa para se sustentar. Isto mesmo quando todos aqueles a quem pretendia impressionar se dedicavam a atividades lícitas:

Se não vendesse droga, acabaria como Nhíps e Palermo, vivendo de favores, ou teria de optar por recolher lixo na casa dos abastados, mas meu orgulho era grande demais; a minha vaidade gelatinosa não combinava com as lixeiras. O que havia de dizer ao Humberto, quando ele voltasse do curso? Como haveria de encarar Jorginho quando ele voltasse à terra? Como poderia conquistar o coração de Izilda? Não, mil vezes não (ROCHA, 2010, p. 114)!

A incompreensão que este comportamento de Sérgio Pitboy pode suscitar naquele que o analisa tende a se dissipar se nos dedicarmos a conhecer algumas de suas convicções. Em primeiro lugar, devemos reconhecer que o jovem está consciente da diferenciação social existente na sociedade em que vive, marcada por uma polarização que se distingue pela convivência de algumas pessoas com alto poder de consumo com muitas outras que, além de deterem um poder de consumo baixo, encontram dificuldade para garantir até mesmo a manutenção dessa posição. Algumas resignam-se. Conforme Sérgio:

O emprego aumentava, porém, os filhos da terra dificilmente conseguiam um bom trabalho. Dizia-se que Sal era boa madrastra, mas uma péssima mãe. Muitos tinham de vender a alma para conseguir um emprego remunerado, mas, em outros casos, faltava ambição porque deixávamos de acreditar nos outros e em nós mesmos, acomodámo-nos à nossa condição de gente sem eira nem beira, no nosso casulo do conformismo e na nossa sina de *filhos de um deus menor*. Tornámo-nos indolentes, enveredámos pela cultura dos miseráveis, aceitamos o credo imposto que o melhor era lutar pelo pão de cada dia e, se não houvesse, benzer a boca antes de dormir (ROCHA, 2010, p. 89, grifo do autor)³⁹.

³⁹ Para aqueles que desejam entender como os negócios turísticos desenvolvidos na Ilha de Sal são percebidos pelos habitantes da ilha, recomendamos a leitura da reportagem “Trabalhadores da ilha do Sal denunciam precariedade laboral”, de novembro de 2013, que enfoca a questão da precariedade de empregos garantidos pelo setor, bem como a leitura da dissertação **O turismo e a percepção dos seus impactes pela comunidade local – o caso da Ilha do Sal**, Cabo Verde, de 2011, que focaliza a percepção dessa mesma comunidade quanto aos impactos econômicos, sociais, culturais e ambientais trazidos pelo setor turístico à ilha. Os textos em questão estão disponíveis em: <http://asemana.publ.cv/spip.php?article94045&ak=1&fb_source=message> e <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1884>> Acessos em: 27 jul. 2015.

Sérgio Pitboy percebe como insatisfatório o modo como a geração que o precedia e parte de sua própria geração lidavam com as condições de empregabilidade com que se deparavam. Parte desta, ele reconhece, toma, não obstante, um caminho muito diverso, apostando em embates com todos aqueles que compõem a comunidade de que participam, confrontos que são viabilizados pela “opção” que ele e muitos outros, tão jovens quanto ele, fizeram por uma “socialização violenta” e pela delinquência (ver CARDOSO, 2012).

O apelido “Pitboy” expressa bem aquilo a que se propõem. O termo que significa, como ele próprio esclarece, “rapazes briguentos” é um emblema de uma agremiação de jovens que se articulam com o propósito de causar o caos urbano. A depredação de patrimônios privados é o caminho que identificam para atingirem os ricos. Aos pobres, agridem com furtos e roubos, sobretudo – enganando-se, particularmente Sérgio, quanto à imprescindibilidade desses gestos para conseguirem garantir o próprio sustento. Ao coletivo, a pancada vem por meio da vandalização do patrimônio público e da criação de uma atmosfera de insegurança. Tudo como resultado da exacerbação da frustração que sentem por causa da desigualdade social que vinca a vida da maior parte dos salenses e, especificamente, por não se sentirem cuidados por aqueles que governam a ilha, não sabendo lidar com isso de uma forma que não envolva rancor e a realização de vinganças generalizadas. Tem-se aí uma frustração feita revolta, embebida em egocentrismo. Os excertos a seguir dão conta de expressar essa realidade:

Pichávamos as paredes dos homens grandes, dos coronéis, e as impressões ficavam lá, pois, **ninguém podia mandar-nos ficar calados. Já não era necessário roer as unhas ou coçar a cabeça para aliviar a emoção glandular.** Se estivesse deprimido, dava uma *cacada* de pedra à montra de uma loja e fugia. Há melhor terapia do que quebrar os vidros de uma montra num país onde os filhos dos pobres são excluídos e a discriminação é estimulada? É necessário vandalizar os interesses da *burga*, que enriquece facilmente, para que o estado possa olhar para nós, os marginalizados; é necessário vandalizar o patrimônio dos coronéis da ilha, conquistado às custas dos fracos, para que chorem de raiva como nós choramos por um pedaço de pão e pelos nossos direitos. **As paredes das casas foram feitas para que pudéssemos desabafar a dor que nos atormentava a alma;** mostrar toda a nossa arte com desenhos e palavrões aos donos da ilha que conduzem o nosso destino, para que sintam o nosso desprezo pelas suas leis e a violência endêmica que nos afectavam atrás dos seus olhares safados (*sic*) (ROCHA, 2010, p. 40, em itálico, grifos do autor; em negrito, grifos nossos).

O fragmento de texto em questão evidencia também, de algum modo, que a mobilização violenta dos jovens Pitboys não se resume à expressão da insatisfação

resultante do fato de se perceberem pobres e negligenciados. Um exame da personagem Lela Magreza é capaz de embasar esta percepção. Temos aí um jovem de classe alta que deixou as mordomias de sua casa para se juntar aos Pitboys e, com eles, fazer arruaças pela cidade. Sua configuração tanto quanto o teor da declaração feita por Sérgio nos permitem defender a ideia de que há mais do que espoliação e carência financeira por trás da fúria que leva adiante a gangue de rapazes de que os dois fazem parte.

As considerações de Sérgio, particularmente, ressaltam a sensação de empoderamento pela qual os Pitboys se veem tomados quando se apoiam em gestos violentos. A provocação do sofrimento alheio é essencial à elaboração que buscam fazer de si mesmos como seres onipotentes, capazes de causar algum impacto na comunidade até que sejam contidos, mortos ou morram. Neste sentido, podemos dizer que a violência compreende, para os Pitboys, talvez primordialmente, um mecanismo de reorganização do cotidiano em que estão imersos, uma forma de terem a sensação de que controlam o próprio destino, já que não se veem representados politicamente (ver BORDONARO, 2012).

Há, não obstante, um desdobramento a mais a considerar. A violência sacia, também, parte da necessidade de prazer que os Pitboy têm. São eles jovens que, em sua maioria, veem-se privados de relacionamentos em que se sintam queridos ou desejados, de recursos financeiros que facilitem o aplacamento, com o consumo de bens materiais, de parte, ao menos, de suas carências, e que tampouco estão inseridos em um meio que lhes conceda fácil acesso a produtos culturais e de entretenimento que contribuam para a sua reflexão ou distração. O grau de desfiliação da comunidade salense a que estão entregues não lhes permite acreditar que possam estabelecer qualquer tipo de parceria fora dos muros da gangue. Sendo assim, o gozo individual, totalmente desinteressado por aquele “objeto” que o torna possível, passa a ser cultivado por eles. A violência se lhes apresenta como um mecanismo duplamente empoderador de que não faz nenhum sentido abrir mão.

Quando Sérgio tira proveito da violência para garantir seu sustento, afirmar-se socialmente e gozar sozinho, sempre às custas de outrem, evidencia não ter nenhuma preocupação com terceiros. Essa postura, em específico, faz dele e de Marcus Vinícius personagens amplamente divergentes. O segundo trabalha, para se sustentar, oferecendo, ao mesmo tempo, algo de significativo a seu grupo social. Já

Sérgio, fazendo da delinquência sua musa preferida, reiteradamente agride sua comunidade, fragilizando-a.

De Marcus Vinícius cabe dizer, ainda, que está imbuído por uma “ética do trabalho”. Este é um conceito empregado pelo sociólogo brasileiro Jessé de Souza para descrever o grupo de brasileiros que o governo e o grosso da imprensa do país têm chamado, atualmente, de “nova classe média”, mas que ele e outros pesquisadores da área das Ciências Sociais (XAVIER SOBRINHO, 2011, por exemplo) reconhecem como uma classe trabalhadora ainda pertencente aos estratos sociais mais baixos da sociedade brasileira.

Para Souza (2012, p. 51), a “ética do trabalho” é um subproduto do capital familiar herdado mais por brasileiros pobres do que pelos miseráveis, mas acessível, de certo modo, a ambos. Dentro deste grupo de “herdeiros”, estar-se-ia propagando uma convicção sobre o caráter fundamental do trabalho para a garantia do auto-sustento de cada membro do grupo ou de cada núcleo familiar a ele pertencente.

Essa ética do trabalho envolve, no entender de Souza (2012, p. 367, 51 e 47), uma “tríade motivacional e disposicional” que se compõe de “disciplina”, “autocontrole” e “comportamento e pensamento prospectivo”, elementos que se aliam à capacidade de esforço, à resistência e à resiliência apresentadas por cada trabalhador. O que estaria em questão, especificamente, seriam “disposições de crer e agir” que dão forma à “economia emocional” necessária a fim de se impulsionar um grupo de indivíduos a executar a contento as atividades produtivas requisitadas por um mercado de trabalho instituído por um regime capitalista.

Vale ressaltar que, no Brasil, os membros da classe trabalhadora assumem uma rotina que os leva a trabalhar por até 14 horas em um único dia, por vezes consecutivamente. Uma rotina que lhes priva, também, de terem finais de semana livres de compromissos profissionais de modo regular. Esse cenário de superexploração impõe, naturalmente, uma restrição de tempo severa aos membros desse grupo, tornando raro, para a maior parte deles, os momentos dedicados, despreocupadamente, a um convívio familiar mais denso, a seu próprio descanso e diversão (SOUZA, 2012, p. 183, 57, 364).

A título de esclarecimento, importa considerar que as classes altas são aquelas que se distinguem pelo capital econômico que possuem; as classes médias, pelo

capital cultural a quem tem acesso e por controlarem o modo como ele é consumido. A classe dos trabalhadores, por sua vez, se comparada com as classes média e alta, respectivamente, tem baixo acesso ao capital cultural legitimado pelos grupos hegemônicos e conta com um capital econômico bem limitado (ver SOUZA, 2012). Outra particularidade dessa classe é a necessidade que tem de assimilar, praticamente, ao mesmo tempo a “ética do estudo” e a “ética do trabalho”. Souza (2012) assinala que, em “sua esmagadora maioria, não possuem o privilégio de terem vivido toda uma etapa importante da vida dividida entre brincadeira e estudo” (p. 51-2), como acontece rotineiramente com os membros das classes médias. Isto porque o trabalho normalmente lhes é imposto como necessário desde que são bem jovens, cabendo aos adolescentes – por vezes, às crianças – assumi-lo como uma responsabilidade. Esses jovens, portanto, não conseguem entender o trabalho como uma decorrência natural de seus anos de estudo, porque costumam estudar e trabalhar simultaneamente, o que faz com que tenham jornadas diárias muito pesadas.

Por mais que Jessé de Souza empregue o conceito de “ética do trabalho” para apresentar um contingente humano que veio a se destacar, socioeconomicamente, no Brasil, no século XXI, acreditamos que ele atende à nossa necessidade de determinar antecedentes da personagem Marcus Vinícius, mesmo que sua trajetória, como trabalhador, tenha se iniciado, no mundo ficcional, em um período anterior àquele que é analisado mais de perto pelo sociólogo nos estudos que faz sobre a sociedade brasileira.

Para a família do jovem, trabalhar é imperioso, tratando-se, ainda, de uma atividade que confere valor à pessoa que a integra em sua vida. Este é um modo de compreender a realidade claramente exposto em dois trechos do romance **GAP**, como damos a conhecer a seguir:

“Tu tem que ter profissão na vida!” Era isso o que eu escutava em casa, na igreja, na casa da vizinha e em qualquer outro ambiente povoado pelos adultos. Antes mesmo de ter profissão, tirei a carteira de trabalho. Tirei a carteira não por estar convencido desse conselho. Queria mesmo era executar a minha assinatura nova. Ter uma profissão era mais importante do que viver, para os membros da minha família (FAUSTINI, 2009, p. 125, grifo nosso).

Além de Deus, outra presença marcante foi o mundo do trabalho. **Todos na família trabalhavam, ou procuravam trabalho. Quando qualquer um dos moleques da família que completava 11 anos já ouvia que tinha que tirar**

carteira de trabalho e procurar emprego, para ser um homem decente. Deus e o trabalho eram o ordem e progresso escrito no centro da bandeira desta família. Durante todo o ano, meu avô e minha avó se concentravam em Deus e no trabalho. [...] A cidade do Rio de Janeiro está loteada entre Deus e o mundo do trabalho (FAUSTINI, 2009, p. 127-30, grifo nosso).

As duas passagens tornam inequívoco que o trabalho é uma atividade indispensável para Marcus Vinícius. Existem, é claro, os ofícios que poderia priorizar, mas, de uma forma ou de outra, e mesmo tendo que se pôr à mercê da violência urbana nos seus deslocamentos para o trabalho e, de volta, para casa, ser produtivo é um pré-requisito no processo de conquista de aceitação no âmbito de sua família e no da sociedade em que vive:

Um dia fui surpreendido por uma máquina de escrever de aço, usada, antiga e pesada, dada pelo namorado de minha tia. O presente não era para incentivar uma possível expressão individual, mas para me direcionar para um almejado segundo grau técnico em secretariado, curso que, para minha mãe, me daria a possibilidade de “ser um homem direito”. O curso só perdia em respeitabilidade na família para o segundo grau técnico em contabilidade (FAUSTINI, 2009, p. 162).

Nesse processo de desvendamento da relação que Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy estabelecem com o mundo do trabalho, cabe, uma vez mais, a recorrência a Souza (2012). Desta vez, no que tange à disposição que teríamos para o trabalho, o sociólogo defende que dependemos de um aprendizado prévio para realizarmos esse tipo de atividade, não nasceríamos prontos para ela. Nossa assimilação da ética do trabalho, em específico, dependeria de nos abirmos a um processo de transmissão de saberes que nos enrede em ciclos de aprendizado desafiadores, por meio dos quais possamos conquistar um “repertório de capacidades” (SOUZA, 2012, p. 51) que nos torne aptos a trabalhar, ao mesmo tempo em que aprendemos a entender o trabalho como necessário à nossa sobrevivência.

Impulsionados pela argumentação de Souza (2012), poderíamos nos permitir acreditar que a família de Sérgio, a primeira instância socializadora com que a personagem teve contato, não teria feito sua lição de casa direito. E, neste caso, estaríamos enganados. Precisamos compreender que “[...] **a vida cotidiana é um tecido de maneiras de ser e de estar**, em vez de um conjunto de meros efeitos secundários de ‘causas estruturais’” (PAIS, 2012, p. 32, grifo nosso). Constrangimentos sociais existem, certamente. E se impõem de forma variada a cada pessoa, segundo as hierarquizações a que vivemos submetidos – e para as quais,

normalmente, contribuímos, em menor ou maior grau. O fato, não obstante, é que precisamos moldar e, de fato, moldamos o nosso cotidiano diante desses constrangimentos, configurando a nossa vida segundo o modo como decidimos enfrentá-los. Assim, definimos tanto a nossa inserção no mundo como especificamos os contornos de nossa atuação nele, sempre elegendo referenciais no processo.

No que diz respeito à personagem Sérgio, sempre foi incentivada pela mãe a se dedicar aos estudos. Rosário acreditava que a instrução formal poderia livrá-lo de um cenário profissional marcado pela realização de serviços braçais. Julgava mesmo que o estudo poderia conduzi-lo à posição de advogado, um ofício que entendia como nobre e que, por isso, ambicionava para o filho:

Que se passa contigo, Sérgio? Queres acabar apodrecendo na cadeia, ser um escravo queimando ao sol para ganhar mixórdias como o teu pai? Maior é Deus. Não criei filho para ser bandido! Não me importo de morrer para te fazer alguém na vida. Mais vale comer milho *alheado* com honra do que bife com desonestidade! Ó Deus, paciência! Assim, matas-me antes que a minha hora chegue (ROCHA, 2010, p. 33, grifo do autor)!

Mamãe teve uma crise depressiva e deixou de lavar roupas por causa da tensão, passando a vender pastéis de milho e doces à porta do cinema. Mesmo com a saúde fragilizada e ordem expressa para observar a convalescença, ela não deixava de lutar para realizar o sonho de ver o seu filho com o diploma de advogado (ROCHA, 2010, p. 33).

Além disso, Sérgio teve amigos que trabalhavam formal ou informalmente sem aderir ao crime ou sem se apoiarem nele com constância, porque, individual e autonomamente, privilegiavam sustentar-se abstendo-se de descontar, no coletivo, frustrações que tinham em decorrência da dinâmica de exclusão que embasava o funcionamento de seu meio social. Esta foi a escolha que fizeram mesmo estando submetidos a contextos de vida e, particularmente, em face de realidades econômicas e de graus de aprendizado sobre o trabalho parecidos com aqueles usufruídos por Sérgio, por vezes piores. Caso de Jorginho e de Beto Vesgo. O primeiro, quando instado pela vida, assumiu o trabalho de criador de porcos exercido pelo pai até o momento em que este veio a falecer, uma atividade imperiosa para o seu próprio sustento, bem como o de sua mãe e seus irmãos. O outro viveu como órfão, afastado por opção de sua família biológica. Além disso, teve intensa convivência com jovens filiados ao crime, sem que, em qualquer fase de sua trajetória, possa-se dizer que tenha sido bem orientado para a vida como Sérgio foi, ao menos, pela mãe.

Ainda, devemos enfatizar que a abordagem consideravelmente minuciosa do motivo do trabalho feita por Rocha e por Faustini acresce à experiência de leitura dos jovens que têm acesso a seus romances, sejam eles brasileiros, cabo-verdianos, sejam de muitas outras partes do mundo, podemos supor. Isto porque a juventude, de uma forma geral, costuma ser preterida quando os empresários estabelecem suas prioridades de contratação.

No Brasil a idade média da população é de pouco mais de 30 anos, sendo que 19% dos brasileiros têm entre 15 e 24 anos (BRASIL, 2011; POCHMANN, 2007, p. 4). Cabo Verde, por sua vez, conta com habitantes cuja idade média é de pouco mais de 26 anos, sendo que, aproximadamente, 55% deles têm menos do que 25 anos de idade (UNICEF, 2011, p. 13; MARTINS, 2011a; REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2010a). Os dois países têm em comum, portanto, uma população jovem. Mas há uma outra simetria entre as duas nações que não inspira a comemoração. Em ambas, os jovens padecem para se inserirem no mercado de trabalho e para se manterem nele de forma estável.

Nos dois países, a taxa de desemprego entre os jovens é consideravelmente maior do que aquela que tem por base a consideração de todo o contingente populacional, para o cálculo da taxa nacional de desocupação. No Brasil, se considerarmos a aferição feita mensalmente nas seis principais regiões metropolitanas brasileiras⁴⁰, contemplando o intervalo que vai do começo de 2006 ao final de 2012, notaremos que a taxa de desemprego registrada no período foi de 7,28% (REIS, 2014; BRASIL, 2012). Entre aqueles com idade entre 15 e 24 anos, o índice esteve na casa dos 16%, sendo que, na faixa etária de 25 a 65 anos, ele esteve restrito aos 5% (REIS, 2014; BRASIL, 2012)⁴¹. Em Cabo Verde, por sua vez, o Censo

⁴⁰ Em questão, estão as regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

⁴¹ Apesar de os cálculos estatísticos resultantes de avaliações feitas sobre dinâmicas atinentes às regiões metropolitanas brasileiras não espelharem de modo qualificado a porção interiorana do país, eles são utilizados rotineiramente com o propósito de se traçar um perfil do Brasil, mesmo porque estudos de larga escala sobre regiões afastadas dos principais centros urbanos brasileiros são raros. Quanto a isto, achamos ilustrativo o que diz Xavier Sobrinho (2011, p. 69): “Consagrou-se, no País, por conta da escassez de séries estatísticas que cubram extensões e possibilitem aberturas territoriais diferentes, a tomada da realidade de meia dúzia de metrópoles como equivalente à do conjunto da Nação. Em nome do peso quantitativo dessas formações – por ocasião do Censo de 2010, a participação das seis regiões citadas correspondia a 25,2% da população nacional —, efetua-se uma violência qualitativa, ao extrapolar-se, para o universo do País, resultados de pesquisa que expressam configurações sabidamente diferenciadas, implicitamente revestidas de maior relevância simbólica. Ademais, esse conjunto mesmo de metrópoles é bastante heterogêneo, de modo que —

de 2010 identificou que a média nacional de desempregados era de 10,7%, mas evidenciou também que, analisando-se a juventude à parte, a taxa subia para 23,1% (UNICEF, 2011, p. 35; REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2010a).

No que tange ao setor econômico brasileiro, Pochmann (2007, p. 6) faz duas considerações que nos interessam. Em primeiro lugar, a de que sua capacidade de geração de empregos com a finalidade de integrar os jovens no mercado de trabalho é restrita. Secundariamente, a de que este fenômeno não age de forma isolada. A discriminação etária, à que o despreparo do setor econômico abre espaço, coaduna-se, também, com a discriminação baseada no gênero daquele que será empregado (POCHMANN, 2007, p. 4). Esta, uma forma de violência que também atinge os grupos dos trabalhadores adultos e idosos.

Esse duplo condicionamento pode ser exemplificado com dados relativos à tentativa dos jovens brasileiros de se inserirem no mercado de trabalho. No Brasil, no período que se estendeu de 1995 a 2005, apenas 40 meninas, de um grupo de 100, conseguiram usufruir da experiência de conquista do primeiro emprego. Quando se considera a inserção dos jovens do sexo masculino no mercado de trabalho, por outro lado, nota-se que eles foram mais bem absorvidos, com 60% deles tendo sido contratados no mesmo intervalo (POCHMANN, 2007, p. 4).

Em Cabo Verde, o preterimento de jovens e de mulheres no mercado de trabalho tem implicações sociais que já são conhecidas. O Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef, ao ter em vista a situação das crianças e dos adolescentes no país, chama a atenção para o impacto que o desemprego das mulheres tem, igualmente, na vida dos mais novos (UNICEF, 2011, p. 12). Isto porque elas são responsáveis por quase 70% dos agregados monoparentais existentes no arquipélago (UNICEF, 2011, p. 13; REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2009a), o que equivale a dizer que elas desempenham um papel preponderante não só na educação dos filhos que têm como, também, na viabilização do sustento deles, um peso enorme que, nesses casos, carregam sozinhas⁴².

sem subestimar as homologias e tendências convergentes —, é fundamental ter-se cautela com a identificação, por meio dele, de processos ‘nacionais’.”.

⁴² São monoparentais os agregados familiares em que apenas um dos progenitores se faz presente no cotidiano da família, responsabilizando-se por tudo aquilo que é necessário à sobrevivência desse núcleo. Em Cabo Verde, 37,6% das famílias têm esse perfil (UNICEF, 2011, p. 13; REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2009a).

A taxa de desemprego das mulheres cabo-verdianas, em 2010, foi de 12,1%, enquanto que a dos homens ficou nos 9,6% (UNICEF, 2011, p. 12; REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2010a). À primeira vista, a diferença entre os dois índices soa pequena, mas, se levarmos em conta que não é só neste contexto que a mulher é colocada em segundo plano, notaremos que a discriminação de gênero é algo estrutural que precisa ser demolido na sociedade cabo-verdiana, tijolo a tijolo.

Para se ter uma ideia da gravidade da questão, basta considerar que, mesmo na esfera doméstica, em que o protagonismo é imposto às mulheres, elas conseguem ter a última palavra na decisão sobre as compras diárias que abastecem o lar em apenas 58% das ocasiões (REPÚBLICA DE CABO VERDE e ONU, 2008, p. 54). E nem mesmo o controle que têm sobre o próprio corpo e sobre o próprio dinheiro é pleno. Em 37% das vezes, não podem ter a palavra final no que diz respeito à própria saúde (REPÚBLICA DE CABO VERDE e ONU, 2008, p. 54). Dentre as casadas, 20% delas têm o próprio salário controlado pelo marido (p. 54), sendo que 39,1% dos homens casados não têm confiança nas esposas quando o assunto é dinheiro (REPÚBLICA DE CABO VERDE e ONU, 2008, p. 54-5).

Sobre a família monoparental feminina, pode-se dizer que ela tem relevo em **M.** Dadejo sai da vida de Sérgio antes mesmo deste ter completado 7 anos de idade. Sérgio, adulto, viu-se sem nunca mais ter tido qualquer notícia do pai, mas ainda podia recordar o pouco empenho que ele teve para cuidar da família, e o quanto Rosário se desgastou no processo de assumir a casa sozinha. Lembrava também que, apesar de o compromisso dela com ele e seus irmãos ter sido total, tinham passado muitas dificuldades juntos.

Meu pai era pedreiro do tipo que só voltava ao trabalho depois de gastar o último centavo. Quando tinha dinheiro no bolso, chutava tudo o que lhe aparecia pela frente, mandava bocas e desaparecia por uns dias, porém, quando regressava à casa, vinha com aquela cara de órfão desconsolado, esmolando a compaixão da minha mãe que lhe satisfazia todas as vontades. **Mamãe ganhava a vida como lavadeira. [...] Quando não havia roupa para lavar, ela vendia botijas de água à vizinhança. Mamãe lavava roupa de gente fina e, na hora da entrega, recebia o dinheiro, ajuntava as sobras de comida e levava para casa.** Calhava-me uma perna de frango quase desnudada, enchia as mãos de batatas fritas frias e encortiçadas, um pedaço de bife meio mastigado, pães dormidos (mesmo cansados de dormir!) *cocorotas* de arroz temperado e fazíamos a nossa festa como se fosse a celebração da segunda vinda de Cristo!

Relembrar os momentos de dificuldades provoca-me um nó na garganta. Na verdade, eu nunca dobrei o cabo das tormentas. **Mamãe chegou ao ponto de ferver milho de segunda e metia dentro da panela um pedaço de osso de vaca que guardava só para dar gosto à comida.** Era difícil para mim

engolir aqueles grãos (ROCHA, 2010, p. 18-9, em itálico, grifo do autor; em negrito, grifos nossos).

Mamãe andava à procura de alguém para preencher alguns documentos que recebera do estrangeiro: Sérgio, estou pensando em emigrar para Itália. A vida está difícil e é a única forma de te ajudar a terminar os estudos. Hás de ser um grande advogado, um homem de respeito [...] Não me importo de esfolar os joelhos na casa dos outros para te fazer um homem do amanhã!, disse-me. **As suas palavras húmidas revelavam as espessas névoas de sofrimento, um areal de angústias e desassossego que corroíam a sua alma. Mamãe era jovem, o corpo seco e ossudo aparentava o dobro da idade que tinha.** Como queria falar para ela não se incomodar! No futuro haveria de lhe dar tudo o que não teve direito, havia de lhe encher de coisas lindas e caras, seria um grande futebolista e um ilustre advogado e **colocaria meu pai numa cadeia de prata** (ROCHA, 2010, p. 21, grifos nossos)!

Acompanhar a trajetória de Rosário pré-emigração é se expor a um relato da experiência da parentalidade desacompanhada que é exercida sem nenhuma rede de apoio social. Realidade esta que, no mundo extraliterário, impacta, por exemplo, a qualidade de vida da(s) criança(s) envolvida(s), podendo ter sobre ela(s) um efeito duradouro que dificilmente é mitigado sem que haja prejuízo para ambos os lados, isto é, o da(s) criança(s), mas, também, o da mãe ou o do pai que vive a monoparentalidade.

Em Cabo Verde, as crianças compõem o grupo populacional mais afetado pela pobreza: 42% daqueles com menos de 15 anos são pobres, uma tendência que, segundo o Unicef (2011, p. 13), “se repete tanto no meio urbano como no meio rural”. Além de afetar de forma diferenciada os cabo-verdianos, segundo a idade que apresentam, a pobreza também se espalha de maneira não uniforme pelo arquipélago. Em 2007, 4% dos salenses eram pobres. A ilha de Santa Catarina, por seu turno, contava com 59% de sua população vivenciando situação semelhante (UNICEF, 2011, p. 13; REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2009a).

Em um contexto em que muitos são afetados pela pobreza, alguns pais tomam atitudes mais extremas para lidar com o problema, sendo a opção pela emigração algo relativamente recorrente nesses casos. Há muitas décadas, Cabo Verde tem, de fato, destacado-se como uma terra de um povo que migra, inclusive para fora do território nacional. Os homens foram, por muito tempo, aqueles que mais deixaram o país em busca de algo mais do que apenas sobreviver, isto sobretudo até os anos 1980 (GRASSI, 2007, p. 25). Desde então, as cabo-verdianas têm contribuído cada

vez mais para a manutenção desse fenômeno que tem causas e desdobramentos econômicos e socioculturais⁴³.

Para Grassi (2007), a emigração se enraizou de tal forma nos cabo-verdianos que os países da diáspora chegam a se revelar interiorizados por eles “como parte do território nacional” (p. 25). Chegou-se a um ponto em que “[T]odos, jovens e menos jovens, quando se trata de tomar decisões para a própria vida, consideram opções de movimento num espaço geográfico global” (GRASSI, 2007, p. 25).

Mas se é fato que se mantém – e até cresce – a ânsia dos cabo-verdianos por deslocamentos internacionais que, supostamente, promoverão sua ascensão social, o mesmo não pode ser dito da abertura a eles dos países aos quais seus predecessores mais se dirigiram. Já há alguns anos, tornou-se perceptível

um contexto de endurecimento das políticas imigratórias dos países europeus e norte-americanos, as possibilidades de emigrar para estes destinos mais afluentes foram enormemente reduzidas através da complexificação dos procedimentos de obtenção de vistos e pelo recrudescimento da vigilância e policiamento das fronteiras (MARTINS, 2011b, p. 300).

Com isto, cabo-verdianos que desejam trabalhar no exterior têm sido gradualmente conduzidos a uma “imobilidade involuntária” (CARLING, 2002, p. 1-2), um fenômeno que intervém em seus planos de buscar ascender fora de casa, uma vez que a emigração sempre foi vista como um recurso que, se não correspondia a anseios de mobilidade social de modo impactante, ao menos garantia a muitos a própria subsistência e a da família que (man)tinham (MARTINS, 2011b, p. 300).

Vale enfatizar que a Itália, país a que se dirigiu Rosário, em **M**, tornou-se, concretamente, um país com o qual Cabo Verde desenvolveu um relacionamento particular se considerarmos o perfil daqueles que optaram por deixar o arquipélago para ir viver no maior Estado da península itálica. Ela se constituiu no destino inaugural de um grupo de mulheres que emigrou a partir de meados da década de 1960, quando

⁴³ Grassi (2007, p. 47-55) enfatiza que, mesmo quando as cabo-verdianas não optam pela emigração, tem sido cada vez mais comum o seu empenho em realizar viagens a países onde, normalmente, estão estabelecidas frações da diáspora cabo-verdiana. Fazem-no com o fito de encetarem, a partir desses lugares, uma atividade comercial, que envolve a compra de produtos que venderão, em seguida, à membros da própria família e, principalmente, a terceiros. Segundo a autora, esta é uma estratégia que empregam visando aumentar os rendimentos com que sustentam a si mesmas e a quem quer que esteja sob seus cuidados.

a movimentação transnacional das cabo-verdianas se intensificou (GRASSI, 2007, p. 34)⁴⁴.

Em 1990, os cabo-verdianos se distinguiam por ser a menor comunidade de imigrantes estabelecida na Itália (GRASSI, 2007, p. 38). Em compensação, o grupo em questão contribuiu para a “feminização” da tradição emigratória dos ilhéus de modo expressivo (GRASSI, 2007, p. 38). Nele, a percentagem de mulheres apresentou-se, “quase sem exceção significativa, superior a 70%, alcançando mesmo, em 1998, valores muito próximos dos 80%” (GRASSI, 2007, p. 39).

Quando dissemos que mães e pais podem não sair incólumes da experiência de pobreza que vivenciam juntos com seus filhos, tínhamos em perspectiva a experiência da emigração. Esta é uma experiência que pode causar, por exemplo, o esgarçamento dos laços familiares.

No que tange às mulheres, quando emigram, “[...] levam consigo uma responsabilidade acrescida em relação à sobrevivência do agregado familiar, estejam os seus membros onde estiverem” (GRASSI, 2007, p. 46). Os rendimentos que passam a auferir, por exemplo, devem bastar para atender mais do que a suas próprias necessidades de subsistência. Isto porque continuam necessitando abastecer, financeiramente, aqueles dos quais se distanciaram, parentes e, em alguns casos, vizinhos também. Além de precisarem contribuir para o sustento de pessoas do lugar em que estão com quem tenham estabelecido uma relação de reciprocidade, conformadora de uma “rede de apoio” frequentemente mais forte do que aquela que, em alguns casos, ainda mantêm com o agregado familiar de que são responsáveis, em Cabo Verde (GRASSI, 2007, p. 47).

Cabe dizer que essa rede de apoio, quando existente, contribui para facilitar a vida do emigrado. Importa lembrar que o aprendizado sobre o outro, a confiança e a intimidade se constroem na convivência cotidiana. Emigrado/a, pai ou mãe podem até não se tornar íntimos daqueles com quem dividem seu espaço de vivência, mas, certamente, estarão emocionalmente mais longe de seus filhos. Não é que o compromisso parental diminua. Acontece, simplesmente, que a distância não facilita o exercício do papel de cuidador da mesma forma que o de provedor de recursos

⁴⁴ Seguiu-se à emigração maciça de cabo-verdianas para a Itália, um descentramento desse movimento migratório. Em seguida, as mulheres do arquipélago passaram a se dirigir, também, para países como Holanda, França e Portugal (GRASSI, 2007, p. 34).

financeiros. O emigrante, afinal, “trabalha para uma família a que não vê e da qual já não participa ativamente” (OLIVARES; CABEZAS 2004, p. 12), e a verdade é que isto gera um custo emocional para ambas as partes.

Do lado do pai e/ou da mãe, parte da carência emocional (concernente a questões de autoestima e do campo afetivo) e da carência social (pensamos no sentimento de pertencimento ou de integração a um grupo), por exemplo, ou mesmo aquelas situações de emergência que surgem no cotidiano – como a necessidade do empréstimo de algo, de se ser socorrido quando se sofre um mal-estar, por vezes, até mesmo de se ser substituído quando não se pode comparecer ao trabalho etc. – podem ser respondidas pela rede de apoio social em que o emigrante está inserido. Grupo este composto por pessoas que estão próximas do emigrante, podem ser conterrâneos, usufruir o mesmo *status* social, como o de trabalhador ilegal, podem ser do mesmo sexo ou gênero, da mesma faixa etária etc., ou ainda nada disso. O que distingue a todos é o fato de estarem próximos e de se apoiarem de forma mais ou menos solidária. Essas relações podem se embasar tanto em empatia quanto serem impulsionadas por um interesse particular do apoiador. Esta uma conjuntura que não obsta o atendimento imediato ou qualificado do emigrante que está em apuros, embora certamente possa gerar consequências com a qual precisará lidar no futuro.

Em **M**, Sérgio tem seu distanciamento emocional em relação à Rosário consolidado quando o afastamento geográfico imposto pela dinâmica da emigração passa a fazer parte da vida dos dois. Mas é preciso dizer que isto se estabelece desse modo menos por omissão de sua mãe do que por causa de seu próprio desapego.

Rosário procura se comunicar com Sérgio por meio de cartas. Com elas, envia-lhe também algum dinheiro, tendo como intenção contribuir para o seu sustento. Mesmo longe, Rosário zela pelo jovem, de modo explícito nos primeiros anos que se seguiram à sua mudança para a Itália.

Fato é que as cartas e o dinheiro são interceptados por Laura, chegando tardiamente a Sérgio. Mas, paralelamente a isso, importa reconhecer, o jovem não deu sequer um passo que sinalizasse seu interesse em manter contato com a mãe depois que ela emigrou. Recordava-se de Rosário em momentos de turbulência e carência, isto é fato, mas não podemos afirmar que tenha sentido falta dela de forma mais abrangente – “Havia oito anos que não via mamãe. Só me lembrava dela nas

horas de embriaguês (*sic*) mas naqueles dias de solidão e enfermidade, senti falta dos seus cuidados” (ROCHA, 2010, p. 141).

Em posse das cartas que reouve, Sérgio nada fez ou comentou de específico, seguindo sua vida como se não lhe importasse o conteúdo, a carga simbólica daquele pertence. Interessava-lhe, por outro lado, nutrir a ideia de que se tornara “uma estrela que ajuda os mais fracos e dá de comer aos pobres” (ROCHA, 2010, p. 165), como almejava a mãe. É possível conceber que isto tenha se dado por vaidade tanto quanto pela intenção de não desapontar Rosário. O fato é que Sérgio fez o que pôde para garantir que Sílvia falasse muito bem a seu respeito, assim que estivessem reunidas. O jovem também aproveitou a breve visita da emigrante para lhe pedir, de presente, uma fotografia de Rosário. Sérgio guardou consigo a imagem recente da mãe, mas não foi além.

Sílvia falou-me da Itália, enaltecendo a grandeza e o poder da terra consagrada pelos Césares [...] Se quiseres, arranjo-te uma crioula das boas. [...] tem três filhos já grandes, mas tem um bom vencimento, *buona scadenza*. Se estás a pensar que se trata de alguma velha à procura de uma bengala, estás enganado. Os filhos já são adultos porque ela pariu muito cedo, foi enganada por um estupor do diabo na adolescência, um *maledetto cucciolo*. Se casares com ela, casarás bem casado, só que tens de tratá-la com cuidado porque tem um filho advogado!, alertou-me, numa gargalhada. [...] O sonho dela é voltar para ver seu filho advogado, de capa preta no tribunal, em defesa da liberdade e da justiça. Sílvia mostrou-me a fotografia de uma mulher muito linda [Rosário] (ROCHA, 2010, 163-4, grifo do autor).

Este excerto nos ajuda a entender como a rede de apoio de um emigrante pode atuar. No romance, Sílvia conversa com Sérgio sem saber que ele era filho de sua amiga Rosário. Interagiam em um evento social como consequência do fato de o jovem trabalhar com seu esposo, serem parceiros de banda. Sílvia, que voltara a Sal com o intuito de rever familiares, estava aproveitando a ocasião para divulgar as virtudes da amiga, para quem procurava um marido. A sua falta de conhecimento prévio sobre Sérgio aliada ao reconhecimento do sucesso profissional do jovem levou-a a preconcebê-lo como um bom candidato para a posição.

É possível dizer que a atuação de Sílvia estabelece um paralelo com a realidade social das emigrantes cabo-verdianas. Depois de examinar a dinâmica dos casamentos de imigrantes em Portugal, Ramos e Ferreira (2008, p.16-7) verificaram que as cabo-verdianas são, primariamente, endogâmicas, isto é, quando se casam no local de acolhimento procuraram estabelecer uma união com alguém de sua própria nacionalidade. Logo, se Rosário encontra dificuldades para achar um parceiro longe

de casa, não seria incomum solicitar à amiga que retorna à terra a sondagem do mercado matrimonial local para si. Ramos e Ferreira (2008, p. 17) também apontam que fica em torno de 4% o número de portugueses que se casam com imigrantes cabo-verdianas, em um contexto em que a escolha de parceiras esteve circunscrita a mulheres provenientes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal e de outras nações, estas reunidas, no estudo, sob a categoria “Outros”.

Se é certo que, em Portugal, as cabo-verdianas não privilegiam envolver-se, matrimonialmente, com portugueses e, tampouco, são preferidas por eles para o estabelecimento desse tipo de relação (ver RAMOS e FERREIRA, 2008), a Itália nos permite conhecer um cenário diferente. Segundo Góis (2006, p. 305), “[A]s mulheres cabo-verdianas em Itália são na maioria solteiras (ainda que possam ter filhos), sendo que de entre as casadas é grande o número das que casaram com italianos.”.

Ousamos conceber que a diferença que se verifica no perfil matrimonial das imigrantes cabo-verdianas em Portugal e na Itália tem a ver, ao menos parcialmente, com a quantidade de conterrâneos que identificam no país de acolhimento. Em 2008, o cálculo da proporção entre o número de homens e o número de mulheres que viviam em Portugal, provindos de Cabo Verde, evidenciou um considerável equilíbrio entre os dois grupos: para 50 cabo-verdianas, existiam 46 cabo-verdianos, sendo, portanto, a proporção de homens levemente inferior à de mulheres, especificamente na casa de 0,92 (MIRANDA, 2009, p. 34). Na Itália e na mesma época, como mencionamos, a quantidade de homens cabo-verdianos no país era muito inferior à de mulheres do arquipélago, o que representava uma redução drástica no número de parceiros em potencial para a mulher cabo-verdiana heterossexual se admitirmos sua tendência endogâmica, mantendo-se, para tanto, o contexto português estudado por Ramos e Ferreira (2008) como parâmetro.

Se a opção pelo casamento heteroafetivo existia, mas a categoria de parceiro mais ambicionada não estava disponível e, tampouco, conseguia-se buscá-lo à fonte, um jeito de se resolver a questão implicaria o abandono do critério cultural como orientativo da escolha de com quem se relacionar. Neste cenário, podemos aventar que os italianos passariam a figurar como parceiros em potencial para as cabo-verdianas, a despeito daquilo que elas poderiam desejar privilegiar.

Não é difícil de se entender a postura endogâmica de algumas cabo-verdianas, sobretudo se refocalizarmos essa discussão no âmbito do trabalho. Além da afinidade

cultural implicar uma espécie de zona de conforto, existe a questão de se privilegiar aquele que se conhece, por pior que seja, em alguns casos, como um mecanismo de defesa contra um outro que pode ser tão ruim quanto aquele que é familiar, mas que não tem esta característica reconfortante, ou seja, além de tudo, é um desconhecido. Grassi (2007, p. 55-6) explica:

As discriminações sociais com base no género que existem na sociedade cabo-verdiana (cf. GRASSI, 2003, p. 161-80) acompanham as mulheres nos lugares de acolhimento, no acesso ao mercado de trabalho formal, onde as dificuldades socioeconômicas fragilizam as mulheres e as tornam mais vulneráveis a situações violentas e criminosas. Deste modo, a emigração feminina de Cabo Verde não pode ser lida exclusivamente como um factor emancipatório, sendo, pelo contrário, susceptível de riscos acrescidos nos lugares de acolhimento em relação aos perigos que a mesma discriminação assume no arquipélago, onde certas formas de solidariedade primária ainda funcionam em termos de proteção social. Esta parece diluir-se grandemente nos lugares da diáspora, onde a solidariedade se atenua.

Arriscamos a dizer que toda a complexidade do fenómeno migratório, sobre o qual fizemos este voo limitado, é posta em relevo, em **M**, mais por Sílvia do que por Rosário. Mas no que diz respeito ao impacto que têm sobre a vida de Sérgio, é lícito dizer que ambas procuram atuar sobre o jovem como um freio moral. Em momentos diferentes e repetidamente, procuram afetar sua capacidade de racionalização, para direcioná-lo a um caminho que reconhecem como sendo bom, porque honesto. Sílvia, em particular, é aquela personagem que reinsere Rosário na história, simbolicamente, ao menos. Ela reaviva a imagem de Rosário na mente do filho, o que, de algum modo, contribui, colateralmente, para intensificar as expectativas de Sérgio de realizar uma ótima apresentação no Festival de Santa Maria, evento que o jovem acredita poder consagrá-lo no mundo da música. No que tange a Sérgio, podemos dizer que, ao se comprometer com a carreira de cantor, está fazendo bonito profissionalmente – da mesma forma que sua mãe, na Itália – embora de forma diferente daquela almejada por ela.

Cabe ainda considerar que Sérgio fez sua parcela de sacrifício para se contrapor à pobreza que amargava o seu cotidiano e o de Rosário, enquanto moraram juntos. É verdade que não gostava de trabalhar – e, para terceiros, menos ainda – mas Sérgio notava que o que quer que orientasse o fluxo de suas vidas parecia não ligar para os gostos que tinham. Como referimos anteriormente, foi pressionado por um contexto de carência financeira que empreendeu como vendedor de pastéis. Já o trabalho como agenciador de apostas foi desenvolvido em um momento em que

ansiava conseguir uma quantia maior de dinheiro sem se esforçar muito. Em ambas ocasiões, Sérgio cedeu à alternativa que conciliava melhor o seu temperamento extremamente orgulhoso com a necessidade que tinham de sobreviver e com a vontade que tinha de estar com os bolsos cheios. Sua opção pelo autoemprego, portanto, longe de restringi-lo à posição de trabalhador menor, evidencia o esforço que, em alguns momentos, dispôs-se a fazer para garantir aquilo que queria e, sobretudo, aquilo de que necessitava: sustentar-se. E cabe a observação: quando se trata de Sérgio, atitudes boas ou sensatas são escassas, mas, como as de quaisquer outros tipos, devem ser consideradas.

Ainda, cumpre referir que a associação que Sérgio faz do trabalho assalariado com a instituição de um sistema de escravização do ser humano não é de todo infundada ou de sua exclusividade. Atualmente, ela encontra respaldo, por exemplo, na filosofia empreendedora defendida publicamente por Muhammad Yunus⁴⁵, economista e empresário bengalês, ganhador do Prêmio Nobel da Paz, em 2006. Para Yunus, a ideia que nos é imposta, e muitas vezes desde que somos pequenos, de que precisamos procurar um emprego é equivocada, e potencializa uma redução daquilo que somos. Segundo o economista, devido à introjeção desse conceito, por vezes nos submetemos a trabalhos repetitivos, por via de regra, acatamos ordens de outras pessoas, até mesmo sem gostarmos disso, simplesmente para termos “um cheque ao fim do mês” (ver HENRIQUES, 2014, n. p.). Em seu entendimento, desse modo, vendemo-nos, perdendo, ao mesmo tempo, nossa liberdade e, também, parte significativa da energia e do poder criativo que temos, sufocados que somos no

⁴⁵ Muhammad Yunus é economista, empresário e fundador do Grameen Bank, uma instituição bancária que criou e consolidou a tradição de oferta de crédito a pessoas em contexto de vulnerabilidade social. Em 2011, 97% de seus mutuários eram mulheres e o alcance da instituição já se dava em escala global, com o desembolso de, pelo menos, 1,5 bilhão de dólares por ano (GRAMEEN BANK, 2014; YUNUS NEGÓCIOS SOCIAIS, [2013]). Yunus vem se destacando por defender a implementação de negócios sociais, um tipo de empreendimento que pressupõe a gestão de uma empresa cuja meta é solucionar um problema social. Trata-se de uma proposta focada, uma vez que, além de ser autossustentável, pressupõe que o lucro da empresa seja investido nela própria, para que assim se garanta a ampliação de seu impacto social. A Yunus Negócios Sociais Brasil é um exemplo de negócio social mantido por Yunus. A empresa chegou ao país com um fundo de investimento que vai ser utilizado para acelerar negócios sociais locais. Serviços de consultoria e outros, com caráter formativo, como palestras e workshops, também fazem parte do seu escopo de atuação. Para mais informações sobre essa modalidade de empreendimento e, especificamente, sobre a trajetória profissional de Yunus, recomendamos consultar os sites: www.yunusnegociossociais.com, www.muhammadyunus.org e www.grameen.com.

processo de atendimento de demandas alheias que não nos levam em consideração⁴⁶.

Yunus acredita que “[T]emos é que fazer as coisas de que gostamos.” (ver HENRIQUES, 2014, n. p.). E como uma decorrência desse raciocínio, sugere que “o nosso estado natural é sermos criadores do nosso próprio emprego, sermos, nós próprios, empreendedores.” (ver HENRIQUES, 2014, n. p.). Esta seria uma forma de “seguir o [nosso] próprio caminho” (ver ALVES, 2015, n. p.). Para Yunus, esse modo de gestão da vida profissional é “arriscado, incerto”, nele “há frustrações”, mas nele encontramos, também, muito mais estímulos (ver ALVES, 2015, n. p.). Já a opção pelo emprego equivale a uma escolha por segurança, em tese, por uma forma mais estável de se ganhar a vida. Mas implica, também, a assunção de uma vida limitada àquilo que nossos chefes decidirem por nós (ver ALVES, 2015, n. p.).

No que diz respeito a Sérgio, nunca quis conceder tamanho poder sobre si a terceiros. E embora seja a única personagem de **Marginais** a defender essa posição com convicção, não é o único a empreender para garantir a própria subsistência. Esta também é a postura das personagens Lena, Beto e Rosário, por exemplo, da última ao menos quando está em Sal. Uma postura também mantida por muitos cabo-verdianos e que, a despeito de seu mérito, por vezes não é percebida de modo positivo ou, simplesmente, notada pelo governo federal tanto quanto deveria (ver MENDES, 2013).

Ao investigar como a formação profissional daqueles que vivem nas regiões periféricas da ilha de Santiago interfere na opção pelo autoemprego, Mendes (2013, p. 113) constatou que o Censo de 2010 não “deu o devido destaque ao autoemprego, como sendo um fenômeno importante na sociedade cabo-verdiana, que merece a sua inclusão na estatística nacional”. Se é verdade que o Censo cabo-verdiano de 2010 apenas atesta a quantidade daqueles que trabalham por conta própria sem empregar ninguém – trata-se de 19,9% da população com 15 anos ou mais (REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2010a) –, ao menos é fato que o Instituto Nacional de Estatística do

⁴⁶ Yunus expõe os contornos desse processo de “escravização assalariada” na entrevista que oferece a Henriques (2014). Em seus termos: “A ideia de procurar emprego está errada, isso é orientar os seres humanos para outro tipo de escravidão. O emprego é um tipo de escravidão porque se está às ordens de outra pessoa. Aceita-se um emprego, há horários e condições que se têm de aceitar: por isso não se é livre. Porquê escolher isso? (sic) Por que não ser livre, tomar as decisões sobre o que se quer fazer? Isso é o estado natural do ser humano.” (ver HENRIQUES, 2014, n. p.).

país ocupou-se de esboçar, na mesma época, um documento que trata das unidades produtivas informais existentes no arquipélago, dessa vez abordando o autoemprego com um nível maior de detalhamento⁴⁷.

Consideramos esta uma medida acertada, para além de necessária, dado que 36% do rendimento das famílias cabo-verdianas não provêm do salário resultante do *status* de trabalhador assalariado (ver REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2008, p. 9 e MENDES, 2013, p. 113). Com efeito, há que se ter em vista que a composição da renda familiar da maior parte das pessoas se dá, normalmente, a partir da junção de recursos advindos de múltiplas fontes, sendo desigual o impacto de cada uma delas na consolidação dos rendimentos daqueles que estão em um mesmo agregado familiar⁴⁸. Consequentemente, a renda proveniente do trabalho realizado por conta própria não pode ser desprezada.

É indício de sua importância, por exemplo, que 62,5% das mulheres cabo-verdianas garantam o próprio sustento envidando esforços empreendedores, ou seja, tirando proveito da situação de autoemprego (ver REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2010b, p. 14). A nosso ver, este é um número expressivo demais para ser ignorado por programas e agências de governo que se queiram fazer comprometidos com a superação da pobreza e que pretendam, também, ser bons intérpretes das práticas de resistência daqueles que governam.

No que compete ao perfil do trabalhador autônomo, não é demais lembrar que tanto existem aqueles que trabalham por conta própria por livre escolha como existem os que se autoempregaram por não terem conseguido identificar outra forma de assegurar a renda necessária para garantir o próprio sustento. Em um caso como no outro, o autoemprego tem não só condições de se configurar como um mecanismo que sustenta um processo de ascensão social como de se tornar uma alavanca que

⁴⁷ Cabe referir que a conexão feita pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde entre informalidade e autoemprego não dá conta de expressar toda a complexidade deste segundo fenómeno. Isto porque a iniciativa empreendedora individual também se realiza formalmente, ou seja, primando pelo recolhimento dos tributos ordinariamente cobrado pelas instâncias governativas que regulam o mundo do trabalho. Podemos dizer que é a realização de abordagens limitadas sobre o autoemprego aquilo que fomenta ponderações como a de Mendes (2013).

⁴⁸ Além do rendimento que provém do trabalho assalariado, existe aquele que deriva de experiências de trabalho autônomo, ou seja, do autoemprego, deve-se considerar também os recursos oferecidos por programas sociais federais e os juros resultantes da estocagem de riqueza financeira, além da existência de rendimentos não monetários, conquistados mediante o recebimento de doação, o estabelecimento de trocas e o envolvimento com as atividades de pesca, caça e coleta (ver IBGE, 2010).

enseja a manutenção da autoestima daquele que a ele aderiu. Isto porque o trabalhador por conta própria consegue aliar mais facilmente o exercício de sua atividade produtiva com o estilo de vida que tem, inclusive com o incremento de sua participação na vida comunitária. Ele também tem condições de conquistar um grau de desenvolvimento humano maior por se ver obrigado a se qualificar, profissionalmente, para garantir a comercialização do bem que oferece, já que toda a gestão de seu negócio depende de si. E, em alguns casos, ainda consegue exibir, socialmente, o *status* de empresário ou de proprietário, beneficiando-se, portanto, com o prestígio social das auras de poder e independência que exala de uma posição e outra (MENDES, 2013).

Retomemos agora o início desta abordagem sobre o trabalho, em que considerávamos a empregabilidade dos jovens. Resta dizer que a oferta limitada de vagas de emprego para esse grupo populacional traz consequências para o seu enquadramento social. Isto porque

[O] debate sobre a transição para a vida adulta tem uma das suas âncoras mais importantes nos processos que transcorrem no âmbito do trabalho. Não somente porque a inserção no mercado de trabalho se constitui num dos momentos privilegiados dessa transição, como porque ela é condição de possibilidade para que outras dimensões da passagem da adolescência à vida adulta se efetivem. Com efeito, os ganhos do trabalho são o esteio da almejada autonomia ante o grupo familiar de origem, facultando a montagem do domicílio próprio e propiciando a independência material requerida para a constituição de família e descendência, outros sinais socialmente relevantes, em nossas culturas, da passagem ao mundo dos adultos (GUIMARÃES, 2006, p. 171).

Em síntese, podemos dizer que o trabalho é um mecanismo que permite não só a manutenção, pelo jovem, de um padrão de vida mantido por mérito próprio. Ele também é seu passaporte para sua inserção no mundo dos adultos, posição esta que pressupõe a capacidade de garantir o próprio sustento e, desejavelmente, de ascender socialmente com base nos recursos financeiros conquistados por meio do trabalho. É essa independência financeira que permitirá ao jovem assegurar um lugar em que possa morar que não tenha correlação física ou financeira com aquele que lhe foi oferecido por sua família. Essa independência também o autentica com o selo de autonomia que se espera daqueles que constituem família em contextos capitalistas. E por família, temos em vista desde a união estável de duas pessoas que poderão ou não ter filhos, como o vínculo estabelecido entre uma pessoa e seu descendente e/ou animal de estimação, por exemplo.

Martins (2011b) identifica a estabilidade no trabalho, a constituição familiar e a aquisição e manutenção de uma moradia própria como “vias formais de acesso à vida à adulta[,] [...] instituídas pelo próprio mundo ‘adulto’” (p. 311). Dentro desse paradigma, tanto os jovens que vivenciam a experiência do desemprego de forma reiterada como os demais submetidos à precarização das relações trabalhistas, de que o etarismo é um ingrediente verificável, acabam não conseguindo fazer uma transição plena para a vida adulta.

E essa ambiguidade vivida, longe de ser positiva, tem um poder de retenção. Esses jovens passam a ser identificados como integrantes de um estágio de juventude prolongada cujo ponto final, muitas vezes, não conseguimos divisar (MARTINS, 2011b). Tornam-se, logo, protagonistas de um quadro de “moratória social” (ver VIGH, 2006), o que, além de evidenciar as incertezas que os rodeiam, pode lhes afetar o senso de realização. Um fenômeno nocivo pelo que implica e, também, porque tem um custo social que transcende às vidas desses jovens.

Para encerramos a discussão em torno do motivo do trabalho, resta-nos fazer uma observação, desta vez sobre a realidade das mulheres. Trata-se de uma ressalva frente à forma como abordamos a questão. Sentimos ser necessário enfatizar que o desemprego feminino não pode ser medido apenas pelo impacto que tem sobre a vida de crianças e jovens, sejam eles filhos ou membros da família de uma mulher. Este foi o enfoque que demos para a abordagem que fizemos, tendo em vista termos analisado uma personagem que era mãe. Mas temos consciência de que o panorama social é maior do que este.

Há que se ter em vista que a cobrança para que as mulheres se sustentem ou para que contribuam para o sustento de sua família, seja ela formada por seus ascendentes, seja pela integração com um parceiro afetivo, com quem podem ou não ter filhos, tem se tornado cada vez maior. É dentro desse cenário, também, digamos, do âmbito social, que a pobreza é reconhecida como um valor negativo e o trabalho, como um fator positivo capaz de neutralizar “a negatividade contida na noção de ser pobre” (SARTI, 2003, p. 89 apud LACHTIM e SOARES, 2011, p. 286).

Em outras palavras, é comum que o trabalho seja percebido pelas pessoas como um recurso que altera o *status* social, *a priori*, inferior daqueles que são vítimas da desigualdade social – lembrando que, no capitalismo, é a relação com o trabalho o que nos define (COELHO, 2013 apud JAPPE, 2013). Logo, para as mulheres, que

normalmente se responsabilizam pela maior parte dos afazeres domésticos, quando não por todo ele, ainda sem conquistar o devido reconhecimento por isto, que consideramos ser um trabalho não-remunerado, trabalhar fora de casa, isto é, engajar-se em uma atividade produtiva pela qual receberá um salário, constitui-se uma forma não só de garantirem a própria subsistência e/ou a de seu agregado familiar. É este também o mecanismo que têm para se afirmarem perante o seu grupo social. Um passo necessário em uma sociedade em que “o valor atribuído ao trabalho está fortemente vinculado à venda da força de trabalho por salário” (LACHTIM e SOARES, 2011, p. 290) e em que o trabalho feito em casa, aquele que garante a reprodução da vida social⁴⁹, encontra-se relegado à esfera da inatividade econômica⁵⁰.

⁴⁹ Vale lembrar que a vida social se constitui por uma sucessão de atividades, sendo que algumas delas são imprescindíveis para que outra(s) aconteça(m). Podemos pressupor, por exemplo, que, se uma pessoa vai vestida para o trabalho, é porque alguém, talvez ela mesma, comprou a sua roupa, lavou-a, pendurou-a no varal e, em alguns casos, depois de tudo isso, passou-a a ferro e a manteve a salvo de novas sujeiras e amassados. E, no que diz respeito a nossa alimentação cotidiana, quando não compramos uma refeição nem contratamos alguém para fazê-la, nosso ato de comer sucede necessariamente à preparação dos alimentos que ingeriremos. Em suma, cozinhar e aprontar roupas, para o uso, são apenas dois exemplos de um vasto rol de tarefas domésticas cujo resultado impacta diretamente a manutenção da saúde de uma pessoa, seu convívio social e até mesmo sua atuação profissional. É este entendimento que nos leva a conceber a rotina de realização de afazeres domésticos como vital para a reprodução da vida social humana.

⁵⁰ Aos interessados no tema dos afazeres domésticos e, em específico, ao valor socialmente atribuído àqueles que deles se encarregam, recomendamos a leitura do artigo “Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?”, de Cristina Bruschini (2006). A especificação bibliográfica do texto encontra-se na seção de referências, ao final deste trabalho.

2.3 O ESPAÇO NOS ROMANCES

2.3.1 O motivo do território

Passemos, então, a examinar a faceta espacial de experiências cotidianas apresentadas nos romances **GAP** e **M**. E para tanto, tenhamos em vista o espaço considerado a partir de seu aspecto físico, isto é, de sua nuance geográfica (ver FRANCO Jr., 2003), tendo, ainda, em perspectiva vivências que nesses cenários se desenrolam (ver SANTOS e OLIVEIRA, 2001).

Inicialmente, cumpre-nos tornar inequívoco que Faustini atrela as experiências de vida da personagem Marcus Vinícius ao Brasil, especificamente, a uma representação das cidades de Duque de Caxias e do Rio de Janeiro, o que não impede menções esporádicas a outras cidades deste entorno metropolitano ou do país, como um todo. Já Rocha limita a vivência de Sérgio à uma ficcionalização de Cabo Verde, metonimizado por meio de uma representação de sua Ilha do Sal. Espargos, a capital da ilha, e Santa Maria, seu polo turístico, são os lugares ficcionais por onde Sérgio mais transita.

No que diz respeito a esse ancoramento explícito do texto literário em referências espaciais do mundo extraliterário, Reuter (2004) acredita que ele nos leva, enquanto leitores, a esperar que o texto reflita o mundo em que vivemos. De fato, ao lermos um texto que lança mão deste procedimento criativo, é possível que venhamos a nos prender “[...] às descrições, à sua precisão, aos elementos ‘típicos’, aos nomes e às informações que remetem a um saber cultural recuperável fora do romance” (REUTER, 2004, p. 59). Mas, talvez, mais relevante do que manter esta atitude cotejadora de texto e mundo seja perceber que o mesmo procedimento que confere um grau de realismo à narrativa construída contribui, igualmente, para a visibilização do questionamento explícito que o autor do texto tende a fazer da realidade que recupera. Especificamente, é o significado da analogia que estabelece uma comunicação direta com o mundo em que vivemos que precisa capturar o nosso olhar.

Se formos considerar como Marcus Vinícius se posiciona em relação aos lugares por que transita, por exemplo, notaremos que seus sentimentos são predominantemente positivos. O jovem, que é um passeador contumaz, impressiona-se com a beleza do bairro de Santa Teresa. Chega a personificá-lo ao lhe atribuir um

traço que, mais e mais, falta aos seres humanos, a generosidade. Sua intimidade com o bairro é tamanha, que ele se sente à vontade para se colocar na posição de guia para viajantes, um guia mais interessado na ala pobre da região, cabe dizer, e que repara tanto em seu capital humano como em sua fauna:

Fico imaginando o anúncio de Santa Teresa em outros países: venha se perder em Santa Teresa (FAUSTINI, 2009, p. 80)!

[No bairro,] [U]ma árvore de galhos secos serve de entreposto para as maritacas que rumam em direção ao mar nos dias que precedem a chuva. Elas disputam espaço com as cigarras, que cantam até explodir nos finais de tarde. Esta Santa Teresa que me abrigou é tão generosa que aceita o mesmo samba ser executado pelo bêbado que volta para casa, todo sábado à noite (FAUSTINI, 2009, p. 80-1).

Ao carioca que um dia puder desfrutar dessa vista [do alto da serra⁵¹], sugiro que o faça numa quinta-feira à noite, onde poderá ver, desse mesmo lugar, um grupo de garbosos jovens negros. Eles sobem a Aarão Reis de volta a suas casas na favela entoando, junto com moleques menores, cantos de capoeira. [...]

Se isso não o sensibilizar, vá a este mesmo local num sábado de manhã e veja um grupo de crianças, todas elas com uniforme de um time de futebol, descendo a Aarão Reis segurando uma corda que os une. Elas entoam gritos de guerra puxados por um negro magro, de pouco cabelo. Apesar de explodir carinho em seus olhos, cobra muita disciplina no caminho.

Esta é a Santa Teresa que dialoga com a Santa Teresa dos gringos, artistas e playboys [...] (FAUSTINI, 2009, p. 80).

Marcus Vinícius acredita que todo o seu conhecimento de mundo resulta de seu projeto de observação intensiva da cidade do Rio de Janeiro. Chega mesmo a declarar ter aprendido tudo o que sabe circulando entre Santa Cruz e Ipanema (ver FAUSTINI, 2009, p. 39) (FIGURA 1). É uma declaração que diminui a importância das experiências que teve em Duque de Caxias, onde passou a infância, ao mesmo tempo que torna inequívoco o fascínio da personagem pela cidade que o recebeu na adolescência.

⁵¹ Santa Teresa é um bairro do Rio de Janeiro que ocupa uma posição geográfica particular: distribui-se ao longo de um morro que fica na região central da cidade. Para o conhecimento de outras peculiaridades suas e de alguns de seus pontos turísticos, recomendamos a consulta ao site da prefeitura do Rio de Janeiro, especificamente ao link <<http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/exibeconteudo?article-id=157387>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

FIGURA 1 – Mapa dos bairros da cidade do Rio de Janeiro-RJ.

No plano maior, o destaque vai para o bairro de Santa Cruz, colorido em vermelho. As regiões do centro da cidade e do bairro de Ipanema são indicadas de modo aproximado por meio do posicionamento de seus nomes junto ao mapa. No plano menor, encontra-se a representação do Estado do Rio de Janeiro, com sua capital, Rio de Janeiro, destacada em vermelho. Fonte: Wikipédia (2015). Mapa editado.

O fato de Marcus Vinícius se deslocar intensamente pelo perímetro urbano do município do Rio de Janeiro permitiu a ele se tornar um colecionador de localidades. O jovem mapeia o próprio território, assinalando os pontos pelos quais tem mais apreço. Entram, em seu guia afetivo, diferentes tipos de construções, de ruas a prédios, de praças a palácios. Em um relato dedicado, ele nos apresenta traços de suas predileções:

[...] com o tempo os prédios da cidade do Rio de Janeiro foram ganhando importância em **meu guia afetivo particular**. Já gostava especialmente do prédio do Jornal do Brasil. Havia participado de um concurso de poesias promovido pelo jornal e ganhado, o que me fez entrar e desejar trabalhar por lá um dia. Nunca trabalhei, mas **os prédios se tornaram parceiros definitivos de minhas andanças pela cidade** (FAUSTINI, 2009, p. 146-8, grifos nossos).

A Rua das Marrecas é uma pequena rua nos arredores do **centro afetivo** [do meu guia da cidade do Rio de Janeiro]. Numa ponta, eu tenho o Passeio Público, onde sempre que passo imagino um encontro com o míope Simplicio

de *A Luneta Mágica*⁵². [...] Na outra ponta da rua, diviso os Arcos da Lapa, que guardam a criatividade de um moleque sem dinheiro, que convidava as meninas para conversar [sobre] a vida, livros e a Lapa sobre os arcos depois que os bondes paravam de circular. [...] No percurso da rua, um misto de botecos, sobrados, prédios de escritórios decadentes, comida a quilo barata e até mesmo uma loja de venda de moto. Tudo isso na companhia pacífica do histórico Batalhão da Polícia Militar e de algumas prostitutas que ainda insistem em trabalhar ali. [...] Mesmo com essa geografia contundente, **a Rua das Marrecas é uma das passagens mais cômicas no meu mapa sentimental da cidade**. O som que sai da boca de quem fala o seu nome a faz parecer cômica: Rua das Mar-re-cas (FAUSTINI, 2009, p. 120-2, grifos nossos).

Quando exausto, sento encostado no pilotis [do Palácio Gustavo Capanema] **e espero o tempo passar. Ali é o meu lugar no centro do Rio de Janeiro**. Todo carioca deveria ter direito a um lote imaginário no centro da cidade, onde seria o lugar mais apropriado para pensarmos no sentido de ser carioca. É como uma homilia sem sermão. Um nirvana sem exercício espiritual. [...] Imagino ser assim também no coração de outras civilizações. Deve ter uma pilastra em Jerusalém ou em Nova York que reorganize o sentido de alguém (FAUSTINI, 2009, p. 66, grifos nossos).

Com o All Star, atravessei várias vezes a passagem de trem subterrânea mais impactante da cidade do Rio de Janeiro. Eu era o álibi da minha tia para encontrar um namorado na Praça das Nações, em Bonsucesso. Atravessávamos a passagem da estação com dois sentimentos opostos. Ela apressada e com medo. E eu encantado com os camelôs. **O momento mais espetacular era sair na Praça das Nações. Gostava disso**. Gostava de falar esse nome: 'Praça das Nações'. Parecia campeonato de futebol (FAUSTINI, 2009, p. 125).

O mais interessante é que a seleção de localidades que Marcus Vinícius faz para integrar o seu guia afetivo tanto se orienta por motivos mais profundos – como quando se baseia na satisfação de uma necessidade emocional sua – como se pauta por motivos banais, por vezes relacionados com o lúdico – categoria esta de que fazem parte a comicidade, reconhecida no nome “Rua das Marrecas”, e o agrado espontâneo pela expressão “Praça das Nações”, decorrente de uma avaliação peculiar.

Diante dessa dialética, é necessário ter em vista que mesmo os motivos mais mezinhos que Marcus Vinícius adota para orientar esse processo seletivo também se mostram reveladores. Merece ponderação, por exemplo, o fato de um espaço que gera medo em uma personagem feminina ser o mesmo que se apresenta inofensivo

⁵² **A Luneta Mágica** é um romance de Joaquim Manoel de Macedo. Publicado, em folhetim, em 1898, e, em livro, no ano seguinte, encontra-se disponível na íntegra no Portal Domínio Público, uma biblioteca digital brasileira, de acesso gratuito. Simplício, seu protagonista, sofre por se reconhecer “míope física e moralmente”. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2126> Acesso em: 27 ago 2015.

para uma personagem masculina, a despeito de esta ser jovem, o que implica que seu desenvolvimento biopsicológico, em tese, ainda não se consolidou.

A questão é que Marcus Vinícius se sente à vontade na presença daqueles que, para a sua tia, mostram-se como uma ameaça em potencial. O nível de opressão de gênero que as duas personagens experimentam é tão desigual que, para o jovem, os camelôs são, inclusive, matéria de encantamento⁵³. É justamente porque Marcus Vinícius não se vê ameaçado – mais do que pelo fato de ele conhecer a região, acreditamos – que ele tem a leveza de espírito para divagar sobre o nome da praça por onde transitam.

Bomfim (2010, p. 226) nos esclarece que “[O] sentimento de apego à cidade é uma expressão do processo de apropriação, que independe do lugar ou da estrutura urbana.”. Dentro desse paradigma, a desenvoltura com que Marcus Vinícius passeia pela Praça das Nações torna-se um indício de sua apropriação do lugar em que está. Um fenômeno que se materializa mais facilmente pelo fato de ele poder se identificar com os camelôs que operam na passagem subterrânea. Vale notar que isto ultrapassa a esfera da admiração de Marcus Vinícius pela profissão de vendedor. Em questão está o fato de, como personagens masculinas, e tal qual no mundo extraliterário, não serem as primeiras a terem que se preocupar com a própria vulnerabilidade física quando defrontadas com estranhos ao circular por um lugar em que precisam ou em que desejam estar.

Ainda no que diz respeito à apropriação de um lugar por alguém, importa dizer que esta nem sempre se limita ao ordenamento social. E disto o comportamento de Marcus Vinícius também é exemplar. Vejamos sua declaração: “[...] eu olhava o mapa dos bairros do Rio de Janeiro exposto na banca e ia renomeando a cidade. Santa Cruz passei a chamar de um mar de possibilidades e Ipanema, de talvez.” (FAUSTINI, 2009, p. 69).

⁵³ Já falamos da impressão que os vendedores ambulantes que atuam em trens causam em Marcus Vinícius. No que diz respeito aos camelôs, não é só na passagem pela Praça de Nações que o jovem revela sua admiração por eles. Ao descrever a rodoviária do bairro de Campo Grande, além de apontar sua sujeira, o jovem diz que são os camelôs que lhe dão vida, com os pregões que entoam para vender comida e produtos culturais pirateados (ver FAUSTINI, 2009, p. 31). Já ao comentar uma visita que fez a Madureira, defende a ideia de que os camelôs detêm “[...] o sentido de negociação das ruas do bairro.” (ver FAUSTINI, 2009, p. 88).

O excerto sugere o grau de penetração de Marcos Vinícius nos bairros que ele renomeia. Por mais que sua inserção nessas regiões se dê com intensidades diferenciadas, ele julga conhecê-las e, por isso, sente-se confortável para redefini-las. Ele o faz verbalmente, ao menos, e para si.

Esse gesto de rebeldia íntima revela um pouco de sua disposição para ultrapassar barreiras e, até mesmo, de seu potencial para lutar por uma mudança do *status quo* quando isto lhe parece necessário. O modo como o seu relacionamento com Ipanema é construído ilustra essa disposição, e a sua participação em movimentos de caráter político, o potencial em questão. Os excertos a seguir evidenciam a postura determinada do jovem em alguns momentos do romance:

Sentado no meio-fio, esperando a van de madrugada, vendo o mar bravio como o que engoliu Escobar⁵⁴, eis a Ipanema que se repetiu durante anos para mim. Desenvolvi uma relação com a madrugada de Ipanema e invejava a Ipanema solar, do cinema e da literatura. Nunca tive coragem de frequentar Ipanema durante o dia, mas me sentia em casa sentado no meio-fio esperando a van para Santa Cruz.

A madrugada de Ipanema abrigou uma das melhores conversas que tive até hoje. [...] Eunice era uma francesa que trabalhava um tempo em lanchonetes e depois partia para viajar pelo mundo. [...] Conheci Eunice na Lapa e a convidei para passear de madrugada, na praia de Ipanema. [...]

Eunice estava de partida para a França, onde ganharia dinheiro para ir ao Japão. [...]

Anos depois, encontrei Eunice no meio de um bloco no carnaval de Santa Teresa. Ela me reconheceu e perguntou sobre Ipanema. Disse que passei a frequentar Ipanema de dia e que da calçada olhava as barracas de praia, enfileiradas uma ao lado da outra. E tive a mesma sensação de estar olhando da laje da Rua 50 as casas enfileiradas do Cezarão[, onde morava] (FAUSTINI, 2009, p. 39-44).

A porrada de cassetete tomada em uma de minhas primeiras passeatas faz a imaginação desse encontro [com o míope Simplício, personagem do livro **A luneta mágica**,] dar lugar à lembrança da luta estudantil pelo passe livre, que sempre terminava em frente à antiga sede da Secretaria da Educação (FAUSTINI, 2009, p. 120).

Era lá [no Rocha] que estavam escondidos os miguelitos que eu teria que jogar nos pneus de ônibus, na greve geral de 1988 (FAUSTINI, 2009, p. 70).

[...] de minha tentativa de me tornar um militante exemplar da revolução marxista-leninista-trotskista brasileira. [...] Na parte de cima da livraria, havia um pequeno curso de russo no qual cheguei a me inscrever várias vezes. Minha pretensão juvenil era ler Lênin no original. Era como acreditar que

⁵⁴ Escobar é uma das personagens de **Dom Casmurro**, romance de Machado de Assis, publicado em 1899. Disponível na íntegra em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

aquele que leu os clássicos marxistas-leninistas no original estaria dando uma demonstração de ser um militante mais combativo.

A ideia teve reforço quando conheci, na época do Movimento Estudantil, um secundarista tijucano da minha idade. Ele queria estudar relações internacionais e já falava russo. Seu pai era comunista.

Cheguei a frequentar algumas aulas gratuitas, prometendo pagar no final. Mas, como não tinha dinheiro, abandonei o projeto. Abandonei também porque, na minha cabeça, não configurava uma língua tão importante para a história do mundo ser ensinada na Rua das Marrecas. Vivia procurando sentido para as coisas, de maneira que me impulsionasse a sair de Santa Cruz e a querer viver. A sonoridade cômica do nome da rua não combinava com o *Pravda*⁵⁵ exposto na Lojinha (FAUSTINI, 2009, 122-3).

O mesmo Marcus Vinícius que inclui a Rua das Marrecas em seu guia afetivo da cidade do Rio de Janeiro, encarava-a com um olhar preconceituoso que o impedia de conceber a sua ocupação para questões supostamente elevadas, como se o cômico não pudesse cortejar a seriedade. É esta personagem, também, que continuamente se motiva a sair do bairro em que mora, Santa Cruz, por mais que se tenha integrado bem ao conjunto habitacional em que foi morar. Ela quer conhecer outras zonas da cidade. Aparentemente, isto contribui para alimentar a sua “vontade de futuro” (ver FAUSTINI, 2009, p. 105).

É evidente que a vontade de viver de Marcus Vinícius está ligada à experimentação da cidade como um todo. Ele não quer ficar circunscrito às suas extremidades, onde se encontra a sua residência (FIGURA 1). Dentre suas ambições, está o aproveitamento da vida cultural que viceja fora de Santa Cruz.

Passei a sair de Santa Cruz para frequentar sessões e mostras de cinema que quase não tinham ninguém. No início, a minha estratégia era convidar o objeto de sedução para essas sessões. Isso não deu muito certo. Comecei a ouvir de algumas meninas que eu era um cara diferente. A estratégia mudou. Procurei conhecer meninas nessas sessões de cinema.

*Os amantes da ponte Neu*⁵⁶, de Leos Carax, foi o esplendor dessa estratégia. No início da sessão, eu era o único espectador. Ao sair do pequeno cinema do Museu da República, fui abordado por uma voz rouca, mas suave. “O que você achou do filme?” Naquele momento, ficou provado que Deus existia e que a vida, mesmo para um moleque da periferia, pode ser tão incrível, ácida, intempestiva, sexy e irônica, como foi para o Amory Blane, personagem de

⁵⁵ *Pravda* é o nome de um jornal idealizado por Lênin para lidar com o localismo inicial do movimento socialista na Rússia no começo dos anos 1900. Para mais informações, recomendamos a leitura do texto: “Lenin and the socialist paper” (2004). Disponível em: <http://socialistworker.org/2004-1/502/502_08_Lenin.shtml> Acesso em: 25 set. 2015.

⁵⁶ Filme francês lançado em 1991. Em DVD, no Brasil, é distribuído pela Lume Filmes.

*Este lado do paraíso*⁵⁷, de Scott Fitzgerald. Eu me senti vivendo um prazer burguês sem um centavo no bolso.

O papo sobre o filme me rendeu a descoberta de que ela também era moradora da periferia e que era acusada de ser diferente por gostar de filmes esquisitos, livros esquisitos, músicas esquisitas e roupas esquisitas. Para coroar essa experiência literária deste momento da minha vida, ela também morava em Santa Cruz (FAUSTINI, 2009, p. 83).

De fato, a experimentação da cidade favorece a internalização de saberes vários, dos quais o cultural é apenas um. É ela, também, que favorece a tomada de corpo da estima ou da falta de estima pelo espaço público ou por um lugar, em específico, sobretudo porque canaliza nossas possibilidades de socialização, que acaba sendo aquilo que define como reagimos aos lugares por onde passamos.

Tendo isso em vista, torna-se necessário reconhecer que o preconceito geográfico de Marcus Vinícius se tornou, realmente, um entrave imediato para o seu aprendizado de russo. Mas tão inegável quanto isto é o fato de sua estima pela cidade tê-lo salvado do acomodamento em outras esferas de sua vida. O engajamento reiterado do jovem em movimentos políticos capazes de trazer mudanças para a sua realidade e a de seus concidadãos evidencia, afinal, a sua não limitação à mera ânsia por tempos melhores. O jovem parte para a ação e, com isto, materializa a sua identificação com a cidade e o seu interesse em vê-la se modificando para melhor, tudo isto a um só tempo. Ousaríamos dizer que a sua postura, de algum modo, confirma o entendimento de que “[...] a estima [por um lugar ou espaço] pode ser um eixo condutor no processo de avaliação da participação cidadã.” (BOMFIM, 2010, p. 224). Neste caso, foi a “estima positiva” que o mobilizou (ver BOMFIM, 2010).

Passando agora à consideração dos sentimentos que Sérgio tem por onde vive, inicialmente, cabe-nos dizer que o olhar que direciona a Cabo Verde, como um todo, é pontual e, quando se manifesta, é, sobretudo, com uma conotação negativa. Para falar de seu país, o jovem recupera a fala de um amigo que se apropria da tese sobre a criação do universo apresentada pela bíblia cristã, reelaborando-a. Eis a ideia que Sérgio toma para si: “No dizer de Lela, Deus criou o mundo e no sétimo dia descansou. No oitavo dia criou o inferno. Enquanto criava o inferno, algumas fagulhas caíram na terra e deram origem a estas ilhas perdidas no mar.” (ROCHA, 2010, p. 42).

⁵⁷ Romance de estreia de Fitzgerald, lançado em 1920. Amory Blane, seu protagonista, é jovem e faz parte da aristocracia do pós-guerra dos Estados Unidos. Vive uma vida de festa.

O excerto em questão deixa claro o entendimento de Sérgio de que Cabo Verde foi criado como um efeito colateral não intencionado. Mas, não é só isso. Podemos inferir dessa declaração sua insinuação de que seu país seria amaldiçoado por Deus. Entidade em que acredita de modo vago, hesitante, cabe-nos dizer.

Temos que considerar, entretanto, que essa negatividade de Sérgio se rarefaz conforme direcionamos o nosso olhar para o interior do arquipélago. Ao flagrarmos o nível da região e o âmbito local, percebemos que o grau de identificação da personagem com seu território aumenta.

Sérgio nasceu na Ilha do Sal e, ao olhar para o horizonte, o que divisa é a perspectiva da ilha. Como consequência, ao longo do texto, seus gestos de autoidentificação como salense são muito mais frequentes do que aqueles que atrelam a sua identidade à uma ideia de pátria. É provável que isto se dê assim porque vivenciar um espaço torna o reconhecimento de suas virtudes mais palpável.

No retrospecto que faz de sua vida depois de sair da cadeia, a conexão de Sérgio com a natureza da ilha toma o primeiro plano:

Sal foi sempre o teatro da minha existência. As memórias do **sol** descarado a caminho de Terra Boa e Poço Verde com o barril, único brinquedo a sério a que tive direito, as investidas do **vento** endiabrado, em redemoinho, que fazia dançar a **poeira**, maquilhando o meu rosto prensado de dificuldades, o **sal** da **maresia** que dava gosto à minha pele, o **mar** que enchia meus olhos e o **céu** da ilha, por onde os meus sonhos alados invadiam o infinito, foram meus companheiros por toda a vida. Com eles construí o meu destino porque não sabia de outros caminhos (ROCHA, 2010, p. 34, grifos nosso).

Sérgio também é capaz de reconhecer o processo de transformação econômica que deu uma nova feição a Sal:

Sal é hoje, por excelência, a ilha do turismo. Em pouco tempo, Santa Maria passou de deserto a paraíso do sol e da praia. Todos os dias, nasce mais um restaurante ou um hotel, lojas de *souvenirs* ou bares, uma casa de diversão noturna ou uma agência com uma avalanche de pessoas em busca do seu primeiro emprego (ROCHA, 2010, p. 87).

Mas está consciente de que o desenvolvimento econômico decorrente do fortalecimento do turismo na ilha resultou, isto sim, em maior concentração de riqueza para aqueles que controlavam o setor. Sérgio vê que, para a população salense, consolida-se um quadro de insegurança alimentar, intensificado pela dificuldade

generalizada de se conquistar e manter um emprego digno⁵⁸ (ver ROCHA, 2010, p. 24). Este é um problema que não é tratado com diligência pelos políticos da região – grupo de que Apolinário é um ícone –, mais interessados que parecem estar em assegurar a própria prosperidade do que a coletiva.

Este cenário desestabiliza os sentimentos de Sérgio por Sal e também o leva a acreditar que “[A] ilha precisa de um libertador.” (ROCHA, 2010, p. 29). Fosse ele famoso,

[...] lutaria pelo direito daqueles que têm sido usados como combustíveis humanos para fazer andar o comboio do progresso. Mostraria os malefícios que o turismo vinha trazendo e que, na verdade, os mais ricos estavam cada vez mais ricos, à custa dos operários escravizados mal remunerados, que os construtores deste paraíso tropical não se preocupam com o bem-estar físico e intelectual do povo (ROCHA, 2010, p. 53-4).

Sem sê-lo, entretanto, o máximo que se permite fazer é identificar formas de extravasar a sua insatisfação. O desabafo no diário que escreve é um desses escapes. “Vejo a minha ilha e não gosto do que vejo.” (ROCHA, 2010, p. 198), encontramos lá assinalado. O restante do seu descontentamento é sanado por meio da adesão à violência e à criminalidade.

Nunca lhe ocorreu que sua participação cidadã poderia trazer consequências benéficas para si, a seus amigos Pitboys e à comunidade em que estava inserido. Sérgio se deixava conduzir pela raiva, pela desesperança e por sentimentos contrastantes de apreço por Sal, talvez sem saber que eles o enfraqueciam, inviabilizando a sua capacidade de agir como uma semente da mudança. Capaz de germinar para romper com um contexto social que exaspera e que tende a não permitir florescimento algum enquanto não é encarado com responsabilidade.

Podemos dizer que os sentimentos ambíguos que Sérgio nutria por Sal, verbalizados como desagrado, contribuíram, tanto quanto a falta de representação política que o afetava e a sua própria falta de escrúpulos, para apassivá-lo politicamente. E se Sérgio não soube tirar força de seu território possivelmente é porque a “estima negativa” pelo lugar em que vivemos,

⁵⁸ Quando falamos de emprego digno, norteamo-nos pelo conceito de trabalho decente, adotado pela Organização Internacional do Trabalho. Ele foi formalizado em 1999 e sintetiza a “missão histórica [desta entidade] de promover oportunidades para que homens e mulheres possam ter um trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas.” (OIT, [2000?], p. 3).

enquanto forma de expressão do sofrimento ético-político na cidade, nos despolitiza do desejo de ir além das contingências urbanas e nos aprisiona, quando não nos permite expressar nossa condição ontológica de liberdade e de sermos felizes no encontro com a cidade (BOMFIM, 2010, p. 217).

Basta que leiamos “ilha”, em lugar de “cidade”, para que o ponto defendido por Bomfim (2010) se enquadre à realidade de nosso (anti-)herói.

Para concluirmos este processo de análise vertical do espaço onde Sérgio viveu, faz-se necessário olharmos para o microcosmo constituído por Espargos, a cidade onde o jovem nasceu e morreu, e para Ribeira Funda, o bairro em que passou parte substancial da vida.

Espargos, que é também onde o jovem cresce, é sucintamente apresentada em **M. Surge**, especialmente, como um espaço de miséria, descrita em uma passagem do diário de Sérgio em que a voz do Engenheiro toma, de modo mais explícito, o primeiro plano do discurso. Vejamos:

Miséria é uma palavra muito forte e incomoda muita gente, porém, não existe termo melhor para caracterizar o doloroso ritual dos rapazes, deambulando pelas ruas de Espargos, desde Chã de Fraqueza, passando por Hortelã e Alto de Saco, Santa Cruz até Alto São João, procurando por um meio de sustento (ROCHA, 2010, p. 41).

A exposição não personalizada de uma situação que constitui o âmago da história de vida de Sérgio é o que expõe a sua alienação momentânea do “controle” de sua narrativa. Esta também é uma passagem que sugere que a miséria não afetaria as meninas de Espargos da mesma forma como afeta seus rapazes, um entendimento que as trajetórias das personagens Mirna e Gertrudes não confirmam.

Espargos ainda é referida como um lugar que abriga encontros recreativos de jovens (ver ROCHA, 2010, p. 12) e por ter becos que servem de palco para a atuação dos Pitboys (ver ROCHA, 2010, p. 84). Mas, ao considerá-la, precisamos deixar claro que o protagonismo geográfico em âmbito local, pertence a seu bairro de Ribeira Funda, que acaba se revelando como a menina dos olhos de Sérgio.

O jovem, que se sente cria do bairro, tem seu reconhecimento como membro dele evidenciado no momento em que tenta adentrar o mundo do futebol profissional. É aí que a sua impressão de ser um “menino de Ribeira Funda” (ROCHA, 2010, p. 35) encontra respaldo na percepção de moradores empolgados com a seleção de jovens, feita localmente para a identificação de atletas habilidosos para clubes internacionais.

Ficou por conta do grupo os “votos para que pudéssemos [Sérgio e Jorginho] engrandecer o nome da Ribeira Funda.” (ROCHA, 2010, p. 82).

Cabe enfatizar que a comunidade de Ribeira Funda deixa claro, com esse gesto, prezar a “conveniência” (ver CERTEAU, GIARD e MAYOL, 2013). Aparentemente, a ela não basta que se entenda o bairro como um “espaço de relação com o outro” (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 2013, p. 43), assumindo-se, a partir daí, o contrato implícito que impõe a obediência a regras que pretendem tornar a convivência de uns com outros possível. Bem considerado será também aquele que puder cuidar do “gerenciamento simbólico da face pública de cada um”, zelando pelo modo como todos são percebidos (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 2013, p. 49). Sabemos que Sérgio despreza o primeiro critério, mas, involuntariamente, acaba se adequando ao segundo. Seu reconhecimento na peneira de futebol, portanto, vale como uma massagem na autoestima dos moradores de Ribeira Funda, o que parece ter sido o preço pago, sem querer, pelo reconhecimento público que conquista como integrante desse grupo social.

Essa aceitação de Sérgio deve ser vista, não obstante, como um episódio isolado. Evidência disto encontramos quando ele é expulso de casa pelo irmão, ficando sem ter onde se abrigar. Sérgio é orgulhoso demais para pedir ajuda, e é provável mesmo que conhecidos não se dispusessem a ajudá-lo, por já ser reconhecido como um ladrão. Até mesmo os Pitboys foram mantidos à distância desta questão do jovem em um primeiro momento. O único vínculo que ele manteve, nesse contexto, foi com Ribeira Funda, por onde perambulou, buscando guarida, mesmo tendo acesso fácil a outras regiões de Espargos:

Com uma bolsa de roupas na mão e um coração destroçado, eu estava entregue à minha sorte. Parecia o fim do mundo. [...] Durante o dia, saía com a malta e, às tantas da madrugada, andava de um lado para o outro como cachorro sem dono pelas ruas da Ribeira, farejando um canto para dormir, mas, antes, fazia questão de certificar que que (*sic.*) a rua estivesse vazia para ter a certeza que ninguém ia descobrir que tinha sido expulso da casa. Qualquer lugar que ficasse longe dos olhares críticos dos moradores servia para dormir. [...] [Por isso] Tinha de rodear a Ribeira Funda inteira procurando um aconchego para me proteger da terrível geada que me doía até aos ossos e ver se acalmava a tosse de cachorro que fazia doer o estômago (ROCHA, 2010, p. 74-5).

Ribeira Funda esteve também nos pensamentos de Sérgio nos dias que antecederam ao seu suicídio. Em instantes de desalento, o jovem revisita o passado vivido no bairro, mesmo estando circunscritos a Santa Maria seus dias de sucesso

como cantor, e se centralizar em outras paragens os tempos de prosperidade financeira passados como vendedor de droga e traficante.

As ruas da Ribeira ainda guardam as marcas do passado. Onde é a praça da Liberdade foi outrora o nosso campo de futebol e, mais ao fundo, fica a sentina – a escola da vida da sacanagem. [...]

Ali, onde está a Boutique Mendes era uma casa em construção que durou quase toda a minha adolescência. Aquela casa era um mundo à parte. [...] todo o nosso imaginário funcionava em pleno vapor naquele lugar. É incrível como algumas coisas ainda guardam as mesmas características de há dez anos atrás. Se bem que dez anos não são nada! [...]

A rua de frente era a única calcetada. Hoje chama-se Rua de São João. Vejo-me, através dela [...] (ROCHA, 2010, p. 210-1).

O bairro foi, para Sérgio, afinal, seu lugar de disputa com colegas pelo brinquedo desejado, de abordagens amorosas e sexuais, de uso de drogas, de agressões e fugas. “Cada esquina tem histórias para contar, gargalhadas despropositadas, futebol de rua, buraco de fechadura, furtos de *sucrinha* e rebuçados, xavecos frustrados, enfim.” (ROCHA, 2010, p. 210, grifo do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos lançarmos a este trabalho, tínhamos como meta entender como se dava a representação de personagens pobres nos romances **Guia afetivo da periferia**, do brasileiro Marcus Vinícius Faustini, e **Marginais**, do cabo-verdiano Evel Rocha. Queríamos verificar que características suas eram mais enfatizadas, em que tipo de contextos estavam inseridos, como se posicionavam em face de possíveis desafios. Procurávamos imaginar que tipo de cobranças sofreriam por parte de suas famílias, se fosse o caso de terem uma, e, neste caso, como reagiriam a elas. A mesma dúvida surgia em relação à sustentação do *establishment*: contribuiriam para o funcionamento regular da comunidade em que estavam inseridos? Que diretrizes seguiriam? Quais seriam os seus referenciais? Refletíamos sobre essas questões, pois intencionávamos decifrar como essas personagens atuavam para influir na construção de suas realidades sociais, dando forma a seus cotidianos.

Partíamos da hipótese de que nos depararíamos com personagens esmagadas pelos afazeres do dia a dia, sobretudo aqueles relacionados com a manutenção do próprio sustento. Imaginávamos, ao mesmo tempo, que teriam alguma rede de apoio, a que poderiam recorrer para resolver problemas particulares, e que estariam vulneráveis a episódios violentos, como vítimas ou como autores. Não conseguimos, contudo, ir além disso na especulação das características que poderiam ter.

A decisão de nos centrarmos em aspectos do cotidiano permitiu-nos, então, avaliar como Marcus Vinícius e Sérgio Pitboy reagiam a questões cuja vivência compartilhavam, em contextos diferentes, mas afins. Notamos, da parte de ambas as personagens, que amadureceram ao longo do período em que foram retratadas. No caso de Marcus Vinícius, este crescimento pessoal conduziu-o à percepção de ter optado pela estrada certa. E se não disto, de que o esforço que pôs no projeto de se sair bem na vereda escolhida surtia efeito. Na vida adulta, não identificava passos pregressos a desabonar. A tuberculose, é verdade, tinha-lhe sido uma oponente e tanto. Mas conseguiu enfrentá-la, fazendo uso da infraestrutura a que teve acesso e de determinação própria.

No que tange a Sérgio, sua energia quase nunca foi equivalente à de Marcus Vinícius. Deixou de lado a disputa pela própria vida, concedendo a vitória do combate

à tuberculose, que, em retribuição, conduziu-o a um estágio de prostração que não pôde tolerar, e do qual escapou com uma atitude extrema, o suicídio. Os passos dados em direção ao mundo das drogas pesaram-lhe muito, também, enquanto decidia que rumo tomar. O tráfico de entorpecentes, particularmente, custou-lhe a desestruturação do caminho que tinha pavimentado rumo ao sucesso, a ser alcançado como cantor. O sentimento de tristeza, de certo modo, resultante de seu isolamento, já que cada Pitboy tomou um rumo diferente, chegava para coroar aquela fase que veio a se configurar como sendo a última de sua vida. Fase esta marcada por arrependimentos quanto a passos dados.

As histórias de Marcus Vinícius e de Sérgio Pitboy evidenciam que a pobreza não foi determinante para o êxito ou a ruína que tiveram, tampouco foi o fato de fazerem parte de uma geração ou de outra, estarem em um lugar ou em outro. Neste sentido, as narrativas estão em sintonia com o entendimento de Pais (2012) de que tempo e espaço são variáveis que alicerçam a nossa experiência cotidiana, sem terem autonomia sobre ela. É o comportamento humano que, afinal, energiza-as, são as nossas atitudes que as enformam, terminando por nos enquadrar, socialmente, segundo o modo como reagimos aos constrangimentos que nos são postos e aos que criamos.

É claro que ter uma rede de apoio ou ter disposição íntima para se conduzir à própria superação fez diferença para as personagens – Sérgio tirava força da cumplicidade que mantinha com os Pitboys; já Marcus Vinícius estava decidido a só andar para a frente, não incluindo a palavra esmorecimento em seu vocabulário. Mas estes são ingredientes que intervêm no processo, não o definem por si só.

Podemos dizer, ainda, que os romances inovam, em algum grau, ao abordar algumas questões. Em **GAP**, a tuberculose é tratada como uma doença que se pode vencer desde que se tenha acesso às ferramentas certas, parte delas atinente à infraestrutura do meio social em que se vive – disponibilidade de medicamentos específicos e sua disponibilização a quem deles necessita. A outra parte, de essência subjetiva. Referimo-nos à combinação de amor próprio com automotivação e disciplina.

Outra questão é a heroicização de profissões como as de vendedor e de dedetizador. Embora exijam certo grau de especialização para serem assumidas, socialmente, são subestimadas, isto é, não tem prestígio mesmo sendo necessárias

para a manutenção de atividades essenciais, em âmbito coletivo. Com certeza, há quem não reconheça ou desconheça a profissão de dedetizador sem saber que ela é fundamental para a garantia da segurança sanitária em estabelecimentos, como os que lidam com produtos alimentícios e hospitais, e em épocas de epidemia, como as de dengue, enfrentadas, inclusive, em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, ano após ano.

Em **M**, a principal inovação fica por conta de Sérgio ser capaz de reconhecer o caráter exploratório da relação estabelecida entre patrões e empregados, evidenciando, ainda, o autoemprego como uma alternativa viável para a manutenção do processo de se afiançar o próprio sustento. Segue o mesmo viés a representação de mulheres que sabem do que precisam e se esforçam para garanti-lo. São independentes, dando o melhor de si quando se defrontam com situações complicadas, como a criação de filhos sem o apoio de um(a) companheiro(a) ou da família, ou quando optam pela emigração, aderindo radicalmente a um processo de busca de condições de vida mais dignas, um movimento que pode fragilizar o entendimento e a cumplicidade existentes entre membros do agregado familiar.

É necessário esclarecer que os romances também ratificam padrões sociais. Isto fica nítido quando examinamos a discussão que propõem em torno do motivo do trabalho. Em **GAP**, por exemplo, Marcus Vinícius cresce no seio de uma família que entende o trabalho como uma peça indispensável aos processos de se tornar digno e de se apresentar como tal à sociedade. E isto é muito mais do que conceber o trabalho enquanto uma atividade por meio da qual se assegura o próprio sustento. Não são apenas questões materiais que estão em jogo quando a família aborda o assunto: é a sua moralidade que é alçada ao primeiro plano do debate. A crença partilhada de que retiram sua decência do trabalho representa, afinal, um aprendizado social fundamental para a manutenção do modelo econômico capitalista vigente atualmente, tanto no Brasil como em Cabo Verde, dada a dependência deste sistema de mão de obra abundante e, se possível, crédula nas virtudes trazidas pela assunção da posição de assalariado.

M, por sua vez, une de forma perigosa os motivos da pobreza e da criminalidade ao ter o seu desenvolvimento atrelado, preponderantemente, a rapazes que são membros de uma gangue nada “Robin-Hoodiana”. Fato é que os Pitboys são

insensíveis ao sofrimento daqueles que, assim como eles, estão do lado mais fraco quando se trata de medir a força de grupos apartados pela desigualdade social.

E aqui cabe a ênfase de que é o grave desequilíbrio existente entre grupos sociais de uma mesma sociedade, no que tange à posse/controla de bens, e lembrando que opulência costuma redundar em ostentação, aquilo que mais motiva a reação criminosa por parte daqueles que têm pouco ou que estão insatisfeitos com o que têm. Desse modo, é fundamental que Rocha tenha entretecido, ao longo de quase toda a trama do romance, personagens tão pobres quanto os Pitboys, inseridas no mesmo contexto social que eles, e que não aderem à criminalidade para garantir o dinheiro de que necessitam ou para buscar qualquer espécie de alívio emocional. É verdade que não demos atenção a elas neste trabalho, mas elas fazem o contraponto necessário a Sérgio e a seus amigos, enquanto criminosos, mesmos que, simbolicamente, valham/repercutam bem menos do eles por serem personagens secundárias. Inclusive, podemos dizer que são elas, e não eles, que mais representam a vida dos cidadãos periféricos, de modo geral.

Outro ponto a se ter em vista, neste âmbito, é que o arrependimento de Sérgio não tem nem mesmo um efeito paliativo sobre o mal que o jovem causou enquanto esteve envolvido em arruaças, furtos e roubos com os Pitboys. Sua redenção, se é que se pode dizer que se chegou a tanto, a despeito do que acredita o Engenheiro, é, quando muito, uma contrição interna que não impacta a vida daqueles que espoliou. Com remorso ou sem remorso, o fato é que Sérgio por muito tempo lucrou predominantemente nas costas de pessoas oprimidas, sem nunca ter chegado a optar por qualquer forma de reparação social. Enquanto isso, estas, tão usadas, mas mais honestas do que ele, resistiam, enfrentando, ainda, a corrupção de Apolinários, Borjas e Rauls.

Feitas essas ponderações, resta-nos enfatizar o caráter representativo dos dois romances no que se refere aos cotidianos possíveis de serem flagrados nas periferias carioca e salense. Importa dizer que os textos analisados são suportados por uma voz autoral que fala em nome daqueles que representa (ver MATA, 2011, p.16 e 18), algo natural quando se tem em vista que uma representação, afinal, nada mais é do que uma “apropriação do real”, criada a partir do “universo referencial” de seu criador (MATA, 2011, p.16 e 19). É tal processo que faz com que uma personagem se torne “procuradora não do ser humano que ela num primeiro nível evoca, mas de uma ideia

do autor, que encontra seu referente na mulher ou homem do mundo real” (MATA, 2011, p. 18-9).

Assim sendo, é ideal que reconheçamos que a representação das personagens periféricas analisadas neste trabalho limita-se e se norteia pela perspectiva social de Faustini e Rocha, talvez mais do que falam a respeito dos habitantes dos espaços em que os romances nasceram. E neste sentido, convém ter em conta que Faustini, quando lançou **GAP**, desempenhava a função de Secretário da Cultura do município de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, posicionando-se, portanto, dentre aqueles que têm um escopo de atuação capaz de impactar a vida de todo um contingente populacional e, particularmente, daquela sua fração invisibilizada politicamente. Neste cenário, podemos admitir a possibilidade de o escritor ter atuado também em favor dos moradores da periferia de Nova Iguaçu, mas não teremos como concebê-lo como parte do movimento periférico local. Isto porque seu cargo político o posicionava no grupo dos que falavam pelos outros, ouvindo-os ou não⁵⁹.

No que se refere a Evel Rocha, o ano de lançamento de **M.** foi também o ano da conclusão de um mestrado feito pelo escritor, em Portugal, na sequência de outro realizado nos Estados Unidos da América. Convenhamos que um percurso como este tem mais potencial para tornar Rocha um cidadão do mundo, sintonizado com a diáspora cabo-verdiana, inclusive, do que para integrá-lo com marginais ou a população pobre da Ilha do Sal.

Ainda, na sequência desse período formativo, Rocha passou a exercer o cargo de vice-presidente da Câmara do Município do Sal e, no ano de 2015, tornou-se um Membro Honorário da Academia Cabo-verdiana de Letras, o que contribui para o prestígio dos livros que escreveu até o momento, ampliando simbolicamente o seu alcance, embora não o coloque, necessariamente, em diálogo direto com os grupos marginalizados de sua ilha.

Com este detalhamento de trajetórias, estamos apenas procurando explicitar a ideia de que as representações construídas por Faustini e Rocha do cotidiano de jovens pobres foram construídas a partir de fora da periferia. Mas, se a visão de mundo que temos é algo de que, efetivamente, não podemos nos alienar, isto não significa

⁵⁹ Há que se ter em conta, inclusive, que aquele que ocupa a posição de secretário municipal não é eleito pelo povo, o que faz desta uma posição ainda menos representativa da massa, em termos políticos.

que a limitação de um texto à zona de conforto do escritor seja tolerável. Ao contrário, e como enfatiza Mata (2011, p. 21), invocando Bakhtin (2000), “[A] tarefa do artista é aproximar-se da vida pelo lado de fora, criando uma visão de mundo completamente nova.”. De algum modo, acreditamos que Faustini e Rocha se aproximaram disto ou, ao menos, estabeleceram uma posição em relação à qual nenhum escritor deve retroceder caso se preocupe com o papel informativo e, até mesmo, formativo, que a literatura tem.

Acreditamos que o escritor de textos literários precisa sair de si, precisa descentrar-se. E se, neste processo, conseguir impor sua abertura ao mundo como um elemento indispensável para a constituição de seu processo criativo, tanto mais perto estará de transcender as camadas descritiva e simbólica que enformam a literatura. Afinal, esta também deve ser assumida enquanto prática social interessada no mundo. É quando o escritor decide ser ouvinte e agente, contentando-se com mais do que o próprio horizonte que a literatura tem oportunidade para se manifestar dessa forma. E todos ganhamos com a vocalização de mais do que uma perspectiva social. Crescemos, certamente, é na pluralidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. Tuberculose aumenta em Cabo Verde. **Expresso das Ilhas On-line**. Praia, 22 abr. 2013. Sociedade, n. p. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/36582-tuberculose-aumenta-em-cabo-verde>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ALVES, M. Uma nova lógica: Muhammad Yunus, o "banqueiro dos pobres", quer estimular os jovens a empreender mais – e convencer grandes empresários a abrir mão de lucros. Vai dar certo? **Revista Trip**, São Paulo, v. 245, n. p., 21 jul. 2015. Mensal. Reportagens. Entrevista. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/245/reportagens/o-banqueiro-dos-pobres-muhammad-yunus-propoe-uma-nova-logica.html>>. Acesso em: 1 set. 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BALANDIER, G. Essai d'identification du quotidien. In: **Cahiers internationaux de sociologie**, vol. LXXIV, 1983.

BANDEIRA, M. Poema do beco. In: _____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 67.

BANDEIRA, M. **Estrela da tarde**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

BANDEIRA, M. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Panorama da tuberculose no Brasil: Indicadores epidemiológicos e operacionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 92 p. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/24/panorama-tuberculose-brasil-out14-web.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/>. Acesso em: 24 jul. 2015.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Comunicação social. **Censo 2010: Mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres.** Notícias, 16 nov. 2011. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2017&busca=1&t=censo-2010-mais-metade-emigrantes-brasileiros-sao-mulheres>>. Acesso em: 24 jul. 2015

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Despesas, rendimentos e condições de vida.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/POFpublicacao.pdf> Acesso em: 24 jul. 2013.

BENJAMIN, W. Paris: Capitale du XIXe siècle. In: Essais 2: 1935-1940. Paris: Denoel, 1983.

BERGSON, H. A percepção da mudança. In: _____. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade de afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BORDONARO, L. I. Tolerância zero crioula: Cabo Verde e a "guerra contra o crime". In: PUREZA, J. M.; ROQUE, S.; CARDOSO, K. (Org.). **Jovens e trajetórias de violências: Os casos de Bissau e da Praia.** Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2012. p. 83-106.

BOURDIEU, P. **Le sens pratique.** Paris: Minuit, 1980.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Rev. bras. estud. popul.** São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982006000200009>

CARDOSO, K. *Thugs* e violências: mitos, riscos e omissões. In: PUREZA, J. M.; ROQUE, S.; CARDOSO, K. (Org.). **Jovens e trajetórias de violências: Os casos de Bissau e da Praia.** Coimbra: Edições Almedina, 2012. Cap. 1. p. 19-56.

CARLING, J. Migration in the age of involuntary immobility: theoretical reflections and Cape Verdean experiences. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 2002, v. 28, n. 1, p. 5-42. Disponível em:

<https://www.academia.edu/2565427/Migration_in_the_Age_of_Involuntary_Immobility_Theoretical_Reflections_and_Cape_Verdean_Experiences>. Acesso em: 25 jul. 2015

CARVALHO, V. M. de. Escrevendo-se na cidade: Exu e o “Guia afetivo da periferia”, de Marcus Vinicius Faustini. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 45, p. 37-48, jun. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000100037&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 ago. 2015. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018452>>.

CERTEAU, M. de. **L’ invention du quotidien**, v. 1. Paris: Union Générale d’Éditions, 1975.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COELHO, A. P. O que faremos se o sistema já não conseguir criar trabalho?

Público. Lisboa, n. p., 21 abr. 2013. Entrevista. Disponível em:

<<http://www.publico.pt/destaque/jornal/o-que-faremos-se-o-sistema-ja-nao-conseguir-criar-trabalho-26412168>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CONECTAS DIREITOS HUMANOS (São Paulo). Organização Não Governamental Internacional. **Educação negada**: Em São Paulo, apenas 5,7% dos presos estudam. 2013. Disponível em: <<http://www.conectas.org/pt/acoes/justica/noticia/10522-educacao-negada>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

COTIDIANO. In: **DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa**, online, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/cotidiano>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, p. 87-110, janeiro-junho de 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2021>>. Acesso em 02 ago. 2015.

DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p.18-31, dez. 2007. Disponível em: <<http://core.ac.uk/download/pdf/25530956.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, julho-dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2602.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2015.

DAMATO, D. B. **Édouard Glissant: Poética e política**. São Paulo: Annablume/FFLCH, 1995, 303 p.

DELGADO, G. E. Marcus Vinícius Faustini e a produção literária da biografia. **Revista Criação & Crítica**, Brasil, n. 11, p. 36-47, nov. 2013. ISSN 1984-1124. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/59425>>. Acesso em: 02 ago. 2015. doi: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i11p36-47>>.

DIAS, M. O. S. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. **Projeto História: Trabalhos da memória**, São Paulo, v. 17, p. 223-258, nov. 1998. Semestral.

DILTHEY, W. **El mundo histórico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1944.

FAUSTINI, M. V. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. 95 p. Disponível em: <http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/0_Miolo_completo_Guia-Afetivo-Periferia-Miolo-6_online.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FLANAR. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, online, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/flanar>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

FRANCO Jr., A. Operadores de leitura narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. **Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.12.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. Londres: Hutchinson/Nova Iorque: Basic Books, 1973.

GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GRAMEEN BANK. **Introduction**, 29 out. 2014. Disponível em: <www.grameen.com/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=112> Acesso em: 1 set. 2015.

GRASSI, M. Cabo Verde pelo Mundo: o género na diáspora cabo-verdiana. In: GRASSI, M.; ÉVORA, I. (Org.) **Gênero e Migrações Cabo-verdianas**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007. p. 23-61. Estudos e Investigações: 43.

GÓIS, P. **Emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais**: Lisboa, Milão, Roterdão. 2006. 376 f. Dissertação. Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), 2006. Teses: 5. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Teses/5_PG.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

GOMES, S. C. **Cabo Verde**: Literatura em chão de cultura. Cotia-Brasil/Praia-Cabo Verde: Ateliê Editorial e Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008. 312 p.

GOMES, S. C.; PEREIRA, É. A. **Literatura Cabo-verdiana**: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa. Belo Horizonte: Nandyala, 2015. v. 1. 142 p.

GOMES, S. C.; MANTOVANI, A. A.; PEREIRA, É. A. (Org.) **Literatura Cabo-verdiana**: leituras universitárias. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2015, 205 p. Disponível em: <http://www.unemat.br/reitoria/editora/downloads/eletronico/ebook_literatura_cabo_verdiana.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2015.

GUIMARÃES, N. A. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, A. (Org.) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006, p. 171-98. Disponível em: <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo_6_trajetorias.pdf> Acesso em 30 ago. 2015.

HENRIQUES, J. G. Muhammad Yunus: “A ideia de procurar emprego está errada. É orientar para outro tipo de escravidão”. **Público**. Londres, 31 nov. 2014. Mundo. Entrevista. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/muhammad-yunus-a-ideia-de-procurar-emprego-esta-errada-e-orientar-para-outro-tipo-de-escravidao-1677808?page=-1>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

HIC ET NUNC. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, online, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/hic%20et%20nunc>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

HOLLANDA, H. B. (Coord.). **Território da Palavra**, [2008?]. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/wp-content/uploads/2010/06/TerritóriodaPalavra.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012. Projeto submetido ao Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e aprovado em 6 de novembro de 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Cotidiano. In: _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 563.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Hic et nunc*. In: _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1018.

JOUE, V. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

INÁCIO, E. da C. Marginalidade, corpo, subalternidade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem. **Via Atlântica**, Brasil, n. 22, p. 43-54, dez. 2012. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51680>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

LACHTIM, S. A. F.; SOARES, C. B. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? **Trab. educ. saúde (Online)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 277-294, out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 ago. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000200007>.

LEFEBVRE, H. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madri: Alianza Editorial, 1980, p. 51.

LEHNEN, L. Citizenship and crisis in contemporary Brazilian literature. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013. 252 p.

LUGARINHO, M. C. Em Cabo Verde, os “Marginais”, de Evel Rocha: justiça social e gênero. **Via Atlântica**, Brasil, n. 22, p. 219-223, dez. 2012. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51699/55763>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

MARTINS, F. Os lugares da juventude no contexto urbano de Cabo Verde. **Buala**, 30 abr. 2011a. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/os-lugares-da-juventude-no-contexto-urbano-de-cabo-verde>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

MARTINS, F. Os jovens e o paradoxo das oportunidades em Cabo Verde. **Poiésis**: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, v. 4, n. 8, p. 294-312, Jul./Dez. 2011b. Semestral. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/795>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

MATA, A. L. N. da. Representação e responsabilidade na narrativa contemporânea brasileira. In: DALCASTAGNÈ, R.; THOMAZ, P. C. **Pelas margens**: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011. Cap. 2. p. 15-39.

MENDES, L. C. **A formação profissional na criação de autoemprego nas regiões periféricas**: Cabo Verde – Ilha de Santiago (2005 a 2010). 2013. 287 f. Tese (Doutorado) - Educação, Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5190>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

MIRANDA, J. **Mulheres imigrantes em Portugal**: memórias, dificuldades de integração e projectos de vida. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.), 2009. 267 p. Estudos OI: 35. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_35.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

OLIVARES, S. L.; CABEZAS, D. V. Cartilla Migración 7 - El proceso emigratorio en el sur de Quito, set. 2004. Disponível em: <<http://www.fes-ecuador.org/media/pdf/migracion7.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A OIT no Brasil: Trabalho decente para uma vida digna**, [2000?]. Disponível em: <http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/oit%20no%20brasil_folder_809.pdf> Acesso em: 05 out. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Global tuberculosis report 2014**. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde, 2014. 118 p. Disponível em: <http://www.who.int/tb/publications/global_report/en/>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Observatório Africano de Saúde. **Cabo Verde: Tuberculose**. [2011]. Disponível em: <http://www.aho.afro.who.int/profiles_information/index.php/Cape_Verde:Tuberculosis>. Acesso em: 23 jun. 2015.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida quotidiana: Teorias, métodos e estudos de caso**. 5. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. 257 p.

PEREIRA, É. A. De “capitães” e “pitboys”: cartografias da marginalidade nas obras “Capitães da areia”, do brasileiro Jorge Amado, e “Marginais”, do cabo-verdiano Evel Rocha. **Via Atlântica**, Brasil, n. 22, p. 55-69, dez. 2012. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51681>>. Acesso em: 02 Ago. 2015.

PIRES, A. D. O concerto dissonante da modernidade: narrativa poética e poesia em prosa. **Itinerários**, Araraquara, n. 24, p. 35-73, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/itinerarios/article/viewFile/2627/2299>>. Acesso em: 06 maio 2015.

POCHMANN, M. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos**, 2007, p. 2-8. Disponível em: <http://www.emater.mg.gov.br/doc/intranet/upload/transformar_leitura/situa%C3%A7%C3%A3o_do_jovem_no_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2015.

RAMOS, M.; FERREIRA, A. C. Padrões de casamento entre os imigrantes. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: MUNDOS SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS, 6º, 2008, Lisboa. **Anais**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008. p. 1-19. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/251.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

REIS, M. **Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil**: Sumário Executivo. Brasília: Ipea, 2014. 2 p. Texto para discussão 1996. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/TDs/td_1996_sumario_executivo.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Ministério da Saúde. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2012-2016**. Praia, Cabo Verde: Ministério da Saúde, 2012a. 92 p. Volume 1. Disponível em:

<http://www.minsaude.gov.cv/index.php/documentos/doc_download/238-plano-nacional-de-desenvolvimento-s>. Acesso em: 23 jun. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Ministério da Saúde. **Relatório Estatístico 2011**. Praia, Cabo Verde: Ministério da Saúde, 2012b. 118 p. Disponível em:

<http://www.minsaude.gov.cv/index.php/documentos/cat_view/34-documentacao/61-relatorio-estatistico>. Acesso em: 30 jun. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Instituto Nacional de Estatística – INE. **Censo 2010**: Resumo dos Indicadores do 6º Recenseamento Geral da População e Habitação, 2010a. Disponível em: <<http://www.ine.cv/censo/censo2010.aspx>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Instituto Nacional de Estatística – INE. **Relatório**: Resultados do Inquérito ao Setor Informal, 2009, Draft. Praia, Cabo Verde, 2010b. 39 p. Disponível em:

<http://www.ine.cv/actualise/destaques/files/cd8a7bf8-e095-4706-80b4-cdafa999b34cRelat_Sect_Informalresumo.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Instituto Nacional de Estatística – INE.

Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-Estar: QUIBB-CV 2007. Praia, Cabo Verde: INE, 2009a. Disponível em:

<<http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/7e56551b-a4f2-40d8-a6d6-a1b133b6487eMETODOLOGIA%20E%20RESULTADOS%20QUIBB%202007.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Ministério das Finanças. Direcção Nacional do Planeamento. **Relatório de Progresso de Execução dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio**: Cabo Verde. Praia, Cabo Verde: Ministério das Finanças, 2009b. 52 p. Publicação com apoio das Nações Unidas. Disponível em: <<http://www.un.cv/files/MDGReportCV.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Instituto Nacional de Estatística – INE e Instituto Cabo-verdiano para Igualdade e Equidade de Género – ICIEG; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Mulheres e Homens em Cabo Verde: Fatos e números**, 2008. Disponível em: <<http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/15c06ce8-5166-4607-ab90-1e914bc4235aMulheres%20e%20Homens%20em%20Cabo%20Verde.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Ministério da Qualificação e Emprego. **Estudo/Diagnóstico sobre o Mercado de Emprego em Cabo Verde**. Praia, Cabo Verde, 2008. 148 p. Disponível em: <http://www.governo.cv/documents/estudo_sobre_mercado_de_emprego.pdf>. Acesso em: 1 set. 2015.

REPÚBLICA DE CABO VERDE. Ministério da Saúde. Direcção-geral da Saúde. Programa Nacional de Luta contra a Tuberculose. **Plano Estratégico Nacional de Luta contra a Tuberculose: 2007-2011**. Praia, Cabo Verde: Ministério da Saúde, 2007. 40 p. Disponível em: <http://www.minsaude.gov.cv/index.php/documentos/doc_download/73-plano-estrategico-tuberculose>. Acesso em: 30 jun. 2015.

REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 187 p.

RIBAS, M. C. C. “O que eu vejo é o beco”: Manuel Bandeira, a poética do entrelugar. **Soletras Online**: Revista do Departamento de Letras da UERJ, São Gonçalo, v. 1, n. 25, p. 108-129, jan. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/7317/5314>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

RIBEIRO, G. R. **Caminhos teóricos para a leitura literária de práticas de resistência subalterna**. 2010. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-27092010-162632/pt-br.php>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas**, 1908. Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

ROCHA, E. **Marginais**. Praia: Evel Rocha, 2010. 224 p.

ROSÁRIO, J. A. do. Emigrantes Caboverdianos no Brasil, [19--]. Disponível em: <http://www1.umassd.edu/specialprograms/caboverde/acdb_emig.html>. Acesso em: 02 ago. 2015.

SALES, J. B. de. Poema narrativo. In: CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: Made2web, [20--]. p. 0. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1580&Itemid=2>. Acesso em: 06 maio 2015.

SALES, J. B. de. “Agora eu quero cantar”: Um poema narrativo de Mário de Andrade. **Itinerários**, Araraquara, n. 3, p. 123-137, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/4864/4091>>. Acesso em: 06 maio 2015.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____ (Org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 777-821.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 101 p.

SILVA, V. M. de A. e. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Edições Almedina, 2011. 817 p.

SONTAG, S. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SOUZA, J. de. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2. ed. rev. e ampl. Colaboradores: Brand Arenari et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TAYLOR, R. L. **Arte, inimiga do povo**. São Paulo: Conrad, 2005.

UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Análise da situação da Criança em Cabo Verde 2011**. 112 p. Disponível em: <www.un.cv/files/crianca2011.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2015.

VATTIMO, G. **The transparent society**. Cambridge: Polity Press, 1992.

VIGH, H. **Navigating terrains of war**. Youth and soldiering in Guinea-Bissau. Nova Iorque: Berghahn Books, 2006.

WIKIPÉDIA. **Santa Cruz (bairro do Rio de Janeiro)**, 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Cruz_\(bairro_do_Rio_de_Janeiro\)#/media/File:Santa_Cruz.sv](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Cruz_(bairro_do_Rio_de_Janeiro)#/media/File:Santa_Cruz.sv)>. Acesso em: 04 out. 2015.

XAVIER SOBRINHO, G. G. de F. “Classe C” e sua alardeada ascensão: nova? Classe? Média? **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 67-80, 2011. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/2527/2964>> Acesso: 1 abr. 2013.

YUNUS NEGÓCIOS SOCIAIS (Brasil). **Muhammad Yunus**. [2013]. Disponível em: <<http://www.yunusnegociossociais.com/#!/muhammad-yunus/cgqf>>. Acesso em: 01 set. 2015.

APÊNDICE

Entramos em contato com o escritor Evel Rocha que aceitou nos oferecer algumas informações pessoais, para que pudéssemos construir uma espécie de mini-perfil seu. Ele também aceitou responder algumas perguntas que elaboramos tendo como ponto de partida o seu livro **Marginais**. Abaixo, segue o resultado da interação que estabelecemos por e-mail⁶⁰, organizado em duas seções:

A.1) PERFIL

I. Nome completo:

Ildo José Rocha, mas conhecido como Evel Rocha.

II. Formação:

- Licenciado em Psicologia da Educação, Universidade do Mindelo, Cabo Verde, 2001;
- Mestrado em Psicologia de Aconselhamento (Counselling psychology), Eastern Nazarene College, Estados Unidos da América, 2009;
- Pós-graduado em Desenvolvimento local, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde, 2010;
- Mestrado em Supervisão Pedagógica, Universidade da Beira Interior, Portugal, 2010.

⁶⁰ O contato com Evel Rocha foi feito no dia 21 de novembro de 2014. Alguns dias depois, o escritor respondeu nossa mensagem, evidenciando a sua disposição em colaborar com o nosso trabalho, respondendo às perguntas que lhe colocamos. Suas respostas nos foram enviadas em duas etapas, sendo a data da última ocasião em que isto aconteceu o dia 02 de dezembro de 2014.

III. Profissão exercida paralelamente ao ofício de escritor:

Psicólogo, exercendo o cargo de vice-presidente da Câmara do Município do Sal desde 2012.

IV. Obras publicadas:

- **Versos d'Alma** (1997, poesia);
- **Estátuas de Sal** (2003, romance);
- **Marginais** (2010, romance);
- **Cinzas Douradas** (2015, poesia);

Observação: **A tragédia do Morro Leste**, um romance, já no prelo, com previsão de ser lançado no segundo semestre de 2015. **Cisne Branco**, outro romance, deverá sair no segundo semestre de 2015.

V. Outras atuações no meio literário em Cabo Verde:

- Participação em antologias de poesia a nível internacional, como a **V Antologia de Poetas Lusófonos** e a **Aulil**;
- Autor da coluna “Salineiros do Coração”, do jornal cabo-verdiano **A Semana**;
- Colaborador da revista cultural **Dja d'Sal** e da revista literária **Semente**.
- Participação em conferências nacionais e internacionais sobre literatura.
- Membro Honorário da Academia Cabo-verdiana de Letras.

VI. O significado da fundação da Academia Cabo-verdiana de Letras para você:

Constitui um importante espaço para a divulgação da literatura local e de reconhecimento do trabalho dos escritores e poetas; visa preservar a memória e o legado da literatura cabo-verdiana, incentivar, promover e difundir obras, estudos e ensaios relativos à criação literária cabo-verdiana. Há que dar tempo ao tempo para a consolidação da Academia, de modo que ela dê visibilidade à literatura cabo-verdiana, seja internamente seja no estrangeiro.

A.2) ENTREVISTA

Giselle Rodrigues Ribeiro (GRR): O que lhe motivou a escrever o livro **Marginais**? O que você pretendia colocar em evidência ao criar uma narrativa que se debruça sobre a vida de um jovem delinquente dando enfoque para os seus relacionamentos e suas convicções sobre a sociedade em que vive?

Evel Rocha (ER): Embora seja um livro de ficção, a ideia era discorrer um pouco sobre as questões sociais que afectam a nossa sociedade. Sérgio Pitboy representa aqueles que vivem ou foram relegados à marginalidade. Penso que um romance ou qualquer obra, para além do estilo e da arte narrativa do autor, deverá despertar a sensibilidade do leitor. No caso, procurei escrever um romance de intervenção sobre o quotidiano de uma ilha virada para o turismo, contrastando a imagem paradisíaca [dela] com a da vida sofrida dos ditos marginais.

GRR: A personagem Sérgio Pitboy luta contra a invisibilidade já que agrega algumas características descredibilizadoras: é jovem e, por isso, de antemão, tende a ser considerado imaturo. É pobre, porque não herdou capital financeiro, e não tem vontade de tentar mudar essa realidade trabalhando – prefere realizar furtos; e, finalmente, é queixoso, além de maldoso e algo violento. Com tantos atributos negativos, você acredita que Sérgio se configura como uma personagem com quem os jovens leitores cabo-verdianos têm condições de se identificar até mesmo pelo apelo que ele desperta por ser o protagonista de **Marginais**? Comente um pouco, por favor, sobre o seu entendimento do termo marginal. Para você, as ideias de marginalidade e de criminalidade estão fundamentalmente atreladas? E quais são os grupos mais marginalizados atualmente, a seu ver, na sociedade cabo-verdiana?

ER: Apesar da carga negativa da personagem principal, acredito que o livro é um romance de redenção, porque pode tocar a sensibilidade do leitor na compreensão dos problemas que estão relacionados com a marginalidade. Marginal é aquele que se situa nas margens em termos de acesso e usufruto das riquezas e benefícios

sociais disponíveis, o que lhe confere as qualidades de inferioridade e subalternidade e nada tem a ver com a criminalidade. Há muita boa gente que vive na marginalidade e não são criminosos; eu arriscava em dizer que os verdadeiros marginais estão no centro das cidades, em gabinetes fechados, ocupando cargos de responsabilidade, são esses que fomentam a criminalidade. A marginalidade vem da dualidade nas relações de uma sociedade desigual, daí a ideia do chamado marginal, o excluído, o desvalido, construindo a dicotomia rico-pobre, centro-periferia, incluído-excluído, heterossexual-homossexual, branco-negro, urbano-rural, erudito-ignorante... A sociedade cabo-verdiana não foge à regra. Fruto de uma sociedade escravocrata e estereotipada ao longo dos séculos, ainda são visíveis [nela] algumas das situações atrás descritas.

GRR: Um trecho impactante da história apresentada em **Marginais** é aquele em que Sérgio, uma vez expulso de casa por seu irmão, António, sem ter para onde ir e sendo muito orgulhoso para pedir guarida a seus amigos, resolve achar um canto na cidade onde dormir. Esta é uma das dificuldades que têm aqueles que moram nas ruas, independentemente da idade que tenham. Essa realidade não é muito discutida pela imprensa, no Brasil, ou lembrada pela população, de modo geral, refém que vive ela do medo de violências generalizadas – não que isto justifique sua indiferença. Além disso, os abrigos para carenciados são pouquíssimos, assim como limitadas as políticas públicas direcionadas a minorar o quadro de vulnerabilidade e, muitas vezes, de desagregação familiar que subjaz a existência daqueles que vivem na rua. Como é isto em Cabo Verde? Existem muitas pessoas sem um teto sob o qual morar? Percebe-se, atualmente, no país, alguma comoção pública ou política direcionada ao melhoramento das condições de vida de desabrigados? Por um acaso, você conhece algum trabalho que esteja sendo feito, atualmente, em Sal, para reintegrar à sociedade, especificamente, aqueles que vivem nas ruas?

ER: Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas que, no seu todo, tem quatro mil e trinta e três quilómetros quadrados, com aproximadamente quinhentos mil habitantes e uma dependência económica do exterior muito acentuada. Apesar da sua pequenez, as ilhas de Cabo Verde e o Brasil têm muito em comum, desde a sua origem histórica, a sua miscigenação, a forte influência religiosa e os estigmas da

escravocracia. Recentemente, as influências culturais têm sido cada vez mais fortes, a ponto de Cabo Verde ser [já] considerado um «Brasilzinho». Praticamente todos os problemas socio-económicos que se observam no Brasil acontecem em Cabo Verde, na mesma dimensão, e com o agravante de sermos ilhas. Hoje, há várias instituições que lutam pela reintegração, digamos, dos que vivem na marginalidade. Na ilha do Sal, há ONGs direccionadas a apoiar crianças de rua, outras que cuidam dos anciãos e criam alternativas aos jovens, porém, dado os fracos recursos e por ser um trabalho de voluntariado, os resultados não são tão visíveis.

GRR: Marginais toca em muitas questões que alguns gostariam de jogar para baixo do tapete. Uma delas é a experiência da homossexualidade, considerada pela família da personagem Mirinha algo anormal e difícil de se aceitar. E por mais que o assunto desperte a curiosidade de Sérgio, ele relaciona a orientação sexual homossexual com as noções de pecado e de vício, como se se tratasse de algo que merecesse punição quando vivenciado. Esta ideia parece se confirmar quando se nota os finais trágicos de todos aqueles personagens que se reconheceram homossexuais, transgêneros ou como detentores de caracteres sexuais ambíguos, caso este de Alcindo, personagem intersexual (hermafrodita). Fato é que Apolinário morre, Mirinha se suicida, Fusco desaparece e Alcindo fica ressentido. Este aniquilamento expressa, de alguma forma, o imaginário cabo-verdiano contemporâneo sobre a questão? A discussão a respeito de orientações sexuais e identidades de gêneros não normativas ainda são tabus apesar de o país já contar com uma associação gay e de ter revogado suas leis que criminalizavam a homossexualidade, em particular? Que avanços você percebe na sociedade cabo-verdiana, de modo geral, e na salense, especialmente, no que diz respeito a se aceitar que cada um tenha liberdade para viver de acordo com suas próprias convicções no que tange à sua orientação sexual e à sua identificação com um gênero ou com outros?

ER: Creio que o tema como abordado em **Marginais** espelha com rigor o comportamento cabo-verdiano em relação ao homossexual. A nossa sociedade tem registado uma evolução acentuada relativamente à homossexualidade, por exemplo sendo o segundo país da África a sediar uma parada gay e o primeiro país da África lusófona a reconhecer constitucionalmente o direito à livre orientação sexual; mas a

homofobia ainda continua a produzir vítimas: o abandono e o insucesso escolar entre os homossexuais são bastante altos; a discriminação laboral, os abusos e a estigmatização são situações que os homossexuais, aos poucos, vão ultrapassando. Mais uma vez, mencionamos a questão de pertencermos a um território insular, portanto as comunidades LGBT estão um pouco mais fechadas. São Vicente conta com uma associação gay e, no Sal, apesar de não estarem organizados em associações, há um processo de integração bastante assinalável. Há uma tendência de relacionar a homossexualidade com a toxicodependência, isso por causa da necessidade de muitos adictos recorrerem à prostituição homossexual para obterem proventos e satisfazerem o vício, e creio que esta é uma luta que a comunidade LGBT terá que travar, demonstrando que a prostituição se estende em todas as camadas da sociedade cabo-verdiana.

GRR: Nota-se que Sérgio tem um grande problema com autoridades. Ele não vê problema em enganar a sua própria mãe; não lida nada bem com a ideia de ter que trabalhar para alguém, em troca de dinheiro, vendo isto, antes, como uma humilhação; rejeita a ideia de que exista um Deus que se importe em fazer algo de bom por ele e por sua comunidade gratuitamente, embora preserve, na maior parte do tempo, a concepção de executar ações previstas em um destino para ele pré-definido por entidades sobrenaturais ou, talvez – quem sabe? – pela Mãe natureza. Por outro lado, ele se mostra muito leal aos amigos Pitboys, dispondo-se, entretanto – e não conseguimos esquecer disso – a agir mal com aqueles que não fazem parte do seu círculo íntimo de convivência, para conseguir o que quer. Tendo este tipo de comportamento em perspectiva e extrapolando-o para a esfera social, como você enxerga a questão da criminalidade hoje, em Cabo Verde, principalmente aquela desenvolvida por jovens? Por um acaso, meninas também têm aderido a gangues? E como incentivar os jovens a acreditarem no seu próprio potencial, de modo a construírem, para si e para a nação cabo-verdiana, um futuro onde sejam mais bem reconhecidos e cuidados, e em que as pessoas, no geral, mostrem-se mais dispostas a oferecer mais de si para os outros? Aproveitando estas questões para motivar uma digressão, serão o egoísmo e a desonestidade fenômenos globais que estão contaminando as relações humanas, independentemente da classe social, da faixa

etária ou do sexo que se tenha em vista? E, neste caso, o que caberia a nós fazermos, hoje, para reverter um quadro tão nocivo?

ER: Prezada Giselle, quero aproveitar esta entrevista para enaltecer o trabalho de pesquisa à volta de **Marginais**. As suas questões, de certo modo, abrangem todas as respostas possíveis. Parabéns! Há um certo fatalismo na forma como Sérgio encara a vida. Sérgio não é ateu, mas um revoltado, alguém que se rebela contra Deus e Seus desígnios, culpando-O da miséria e discriminação a que os marginalizados são relegados. Hoje, cada vez mais, vêm-se registando o fenómeno de gangues entre os jovens adolescentes. Uma das razões é aquela que Sérgio defende, que devem estar cada vez mais unidos para se defenderem daqueles que os estigmatizam, com o agravante de se unirem para atacarem outros grupos e vandalizarem tudo [o] que se identifica com o «sistema». A presença feminina nas gangues é praticamente nula ou, pelo menos, não tenho conhecimento. A melhor forma de incentivar os jovens a comportamentos saudáveis e construtivos é investir mais na educação e na formação pessoal e social, criar oportunidades e igualdade no acesso ao estudo e ao emprego, mas, infelizmente, o fenómeno da crise financeira em que o país está mergulhado e a falta de visão da necessidade de mais investimento no jovem tende a agravar o fenómeno da criminalidade. Tenho defendido a tese de que Cabo Verde está a viver, no curtíssimo espaço de quarenta anos, aquilo que os países avançados percorreram durante séculos, para atingirem o actual estágio de desenvolvimento. Não tivemos tempo de assimilar e nem de nos adaptarmos às mudanças, tornando-nos, em certo sentido, vulneráveis a ponto de quase perdermos a nossa identidade. Há bem pouco tempo, a igreja era o principal veículo de transmissão de valores e, hoje, ela, sem qualquer justificação, passou a ter um papel secundário, quase inexpressivo em face das mudanças dos valores e ideais. Aqui, qualquer moda pega. No mais, sendo um país que vive praticamente das ajudas externas, acabamos por obedecer às regras ditadas pelos países que nos apoiam. Outro agravante é a falta de preparação para enfrentar a máxima de que, para se dar bem na vida, há que competir. Como as desigualdades sociais são bastante acentuadas, recorre-se ao vale tudo. Creio que a única forma de reverter a situação é preservando o conhecimento que temos hoje, devemos voltar às origens.

GRR: A meu ver, um ponto alto de **Marginais** está na apresentação, imiscuindo-se à história de Sérgio, de um conjunto de micronarrativas que põe em evidência a realidade de personagens que lutam como podem para garantir o sustento de cada dia. Este é o caso de Zé Pardal, criança que assume papel de cuidadora da mãe adoentada, bem como de inúmeros anônimos que, mesmo submergidos na pobreza, acham disposição para se socorrerem uns aos outros, como na ocasião em que acontece o incêndio na casa de Nhô Simão ou quando da organização de funeral de Mirna. Na sua opinião, como tem se dado a representação de pobres e de outros grupos marginalizados na literatura cabo-verdiana contemporânea? E no que diz respeito às experiências de vida em sociedade, você acredita que existem, de fato, gestos de solidariedade ou uma espécie de sentido de comunidade entre aqueles que são vitimizados por um mesmo tipo de esquema opressivo? Poderia citar uma evidência de aliança que já tenha observado?

ER: Como defendi no início, o livro **Marginais** é, apesar de tudo, um romance de redenção. Essas micronarrativas são exemplos de que, querendo, podemos dar a volta por cima. O cabo-verdiano é um povo solidário. Cabo Verde, neste momento, discute a regionalização administrativa e política e, muitas vezes, vem ao de cima um certo bairrismo exacerbado, a vontade de cada ilha ter a sua própria autonomia, mas, ao mesmo tempo, o fenómeno da erupção vulcânica na ilha do Fogo, que vem destruindo uma das localidades mais emblemáticas das ilhas, faz com que o cabo-verdiano demonstre unidade na adversidade, disponibilizando todo o apoio a favor daqueles que estão sendo vítimas desta catástrofe natural. A minha intenção, ao escrever **Marginais** e **Estátuas de Sal**, era no sentido de trazer à luz a discussão dos graves problemas sociais, focar na literatura de intervenção e debater as grandes questões que a sociedade cabo-verdiana enfrenta, e esse objectivo está a ser alcançado quando vejo trabalhos científicos que abordam os temas acima referidos. Antes da independência e nos primeiros anos como país livre, a literatura cabo-verdiana era considerada uma literatura de intervenção, instigando ao nacionalismo, mas, hoje, essa literatura deve ser virada para chamar a atenção para os problemas sociais, para a defesa das minorias e uma sociedade mais justa.

GRR: Para finalizar, conte-nos, por favor, a sua percepção sobre a recepção que tem tido **Marginais**, em Cabo Verde e internacionalmente.

ER: Creio que a maior satisfação de um autor não está na publicação do livro, mas na repercussão que o mesmo tem junto dos leitores por ser uma obra de referência da literatura cabo-verdiana. O livro tem despertado muito interesse nos estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, em especial da cabo-verdiana, no Brasil, em Portugal e, particularmente, tem sido objeto de debates e teses nas universidades nacionais. No próximo ano, um conceituado grupo de teatro mindelense irá estrear uma peça sobre **Marginais**, e estuda-se a possibilidade de o levar ao grande écran futuramente.